

DM

O Topónimo "Fajã"
Um património linguístico da Macaronésia?

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Gabriel Jardim Gouveia

MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

setembro | 2021

O Topónimo "Fajã"
Um património linguístico da Macaronésia?
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Gabriel Jardim Gouveia
MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS

ORIENTAÇÃO
Maria Helena Dias Rebelo



FACULDADE DE ARTES E HUMANIDADES

Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas

Mestrado em Estudos Regionais e Locais

O topónimo “Fajã”: um Património Linguístico da Macaronésia?

Gabriel Jardim Gouveia

Orientadora: Professora Doutora Maria Helena Dias Rebelo

Funchal

2021

I only got myself.

M.R.

*As Fajãs são a beleza
Do vestir deste torrão;
Desenhos da natureza
Que o homem pôs a mão.*

José Soares, *O canto de um lavrador*

Agradecimentos

Simplesmente agradeço a Deus pela oportunidade para realizar esta dissertação e aos meus familiares. Agradeço a todos os professores que, ao longo da minha vida, conheci e com os quais aprendi, em particular, à Professora Doutora Maria Helena Dias Rebelo, da Universidade da Madeira, pela sua ajuda imprescindível, tendo acreditado ser possível a realização desta dissertação.

Resumo

Dada a sua importância para a área dos Estudos Regionais e Locais, o presente trabalho teve como principal propósito uma análise da presença do topónimo “Fajã” na Macaronésia. A intenção é saber se este topónimo é um património linguístico comum a todos os territórios que podem ser englobados na designação de “Macaronésia” ou, apenas a alguns territórios arquipelágicos desta área geográfica atlântica.

Este estudo tem por objetivo contribuir para um mais amplo esclarecimento do conceito de “fajã”. Pretende maior divulgação, entendimento e sobretudo valorização, tendo em conta a importância do topónimo. Revê a sua definição, a fim de se reconhecer a sua riqueza em termos históricos e culturais.

O topónimo “Fajã” está presente nestes arquipélagos, desde há vários séculos. É comum em todos os arquipélagos da Macaronésia. Está fortemente relacionado com a prática agrícola, que foi imprescindível para a fixação e, obviamente a sobrevivência das pessoas, em particular os primeiros povoadores destas ilhas. Isso observa-se pelo estudo dos nomes atribuídos às fajãs, cuja análise comparativa se empreende, a nível do Património Linguístico.

Palavras-chave: Toponímia, “Fajã”, Macaronésia, Património Linguístico, Estudos Regionais e Locais.

Resumen

Dada su importancia en el área de Estudios Regionales y Locales, el objetivo principal de este trabajo fue analizar la presencia del topónimo “Fajã” en la Macaronesia. La intención es averiguar si este topónimo es un patrimonio lingüístico común a todos los territorios que pueden incluirse en la denominación de “Macaronesia” o, simplemente, a algunos territorios archipelágicos de esta área geográfica atlántica.

Este estudio tiene como objetivo contribuir a una aclaración más amplia del concepto de “fajã”. Se busca una mayor difusión, comprensión y, sobre todo, valoración, teniendo en cuenta la importancia del topónimo. Revisa su definición para reconocer su riqueza en términos históricos y culturales.

El topónimo “Fajã” está presente en estos archipiélagos desde hace varios siglos. Es común en todos los archipiélagos macaronésicos. Está fuertemente relacionado con la práctica agrícola, que fue fundamental para el asentamiento y, obviamente, la supervivencia de las personas, en particular los primeros pobladores de estas islas. Esto se puede ver en el estudio de los nombres atribuidos a las fajãs, cuyo análisis comparativo se realiza a nivel de Patrimonio Lingüístico.

Palabras clave: toponimia, “Fajã”, Macaronesia, Patrimonio Lingüístico.

Abstract

Given its importance in the area of Regional and Local Studies, the main purpose of this work was to analyze the presence of the toponym “Fajã” in Macaronesia. The intention is to find out if this toponym is a linguistic heritage common to all territories that can be included in the designation of “Macaronesia” or, just to some archipelagic territories of this Atlantic geographical area.

This study aims to contribute to a broader clarification of the concept of “fajã”. It seeks greater dissemination, understanding and, above all, appreciation, taking into account the importance of the toponym. It revises its definition in order to recognize its richness in historical and cultural terms.

The toponym “Fajã” has been present in these archipelagos for several centuries. It is common in all Macaronesian archipelagos. It is strongly related to agricultural practice, which was essential for the settlement and, obviously, the survival of people, in particular the first settlers of these islands. This can be seen in the study of the names attributed to the fajãs, whose comparative analysis is undertaken at the level of Linguistic Heritage

Keywords: Toponymy, “Fajã”, Macaronesia, Linguistic Patrimony, Regional and Local Studies.

Lista de abreviaturas

ACZ: www.portomoniz.pt/pt/concelho/freg/achadas-da-cruz
AJAF: http://www.stichtingaja.nl/en_us/vallei.html
ANT: Termo antigo
ASN: Concelho de (Município) La Aldea de San Nicolás
BA: Concelho de (Município) Breña Alta
BDR: Barranco del Rio (Localidade)
BLZA: <http://arrozcatum.blogspot.com/2016/10/9858-carta-de-santo-antao.html>
BO: Concelho de (Município) Barlovento
CCH: Concelho de Machico
CDI: <https://www.codigo-postal.pt/>
CHT: Concelho da Calheta, (Açores)
CLT: Concelho da Calheta, (Madeira)
CML: Concelho de Câmara de Lobos
CMS: Concelho dos Mosteiros
CV: Concelho de Velas, São Jorge
CVO: Ilha do Corvo
DG: Ilha Deserta Grande
DS: Ilhas Desertas
EG: El Granel (Localidade)
EHO: Ilha de El Hierro
EJ: El Jesus (Bairro /Localidade)
ELI: Dicionário Enciclopédico Luso Brasileiro em 2 volumes, Volume Primeiro
ELM: Elucidário Madeirense
EMN: <https://elevationmap.net/>
EM: El Monte (Localidade)
EP: Concelho de (Município) El Passo
EPI: Encyclopédia Portuguesa Ilustrada, Volume IV
EPO: El Pueblo (localidade)
FA: Ilha do Faial
FLA: Concelho (Município) Fuencaliente de La Palma
FNC: Funchal
FO: Ilha do Fogo
FS: Ilha das Flores
GA: Concelho (Município) de Garafia
GEPB-39: Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira Volume XXXIX
GEPB-V: Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira Volume V
GEPB-X: Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira Volume X
GM : <https://www.google.com/>
GR: Ilha Graciosa
GRC: Ilha de Gran Canária
IB: Ilha da Brava
IFCN: <https://ifcn.madeira.gov.pt/>
IGME: <https://igme.maps.arcgis.com/home/index.html>
IM: Ilha da Madeira
IS: Ilhas Selvagens
LBS: Los Barros (Localidade)
LGS: Los Galguitos (Localidade)
LLS: Las Lomadas (Localidade)
LP: Ilha de La Palma
LPA: La Punta (Localidade)
MAC: <https://mapcarta.com/pt/>
MD: 2010, Mendes Duarte; *Matriz Toponímica da Fajã da Ovelha*.
ML: Martín Luis (Localidade)
MPCV: Município: Paul: Cabo Verde
MRA: Mirca (Localidade)
OSM: www.openstreetmap.org
PCM: 2003, Ribeiro, João Adriano *A Pedra de Cantaria na Madeira*.
PI: Ilha do Pico

PMZ: Concelho do Porto Moniz
PNA: Concelho de (Município) Puntallana
PNG: Concelho de (Município) Puntagorda
RG: Concelho da Ribeira Grande, (Cabo Verde)
RRB: Concelho da Ribeira Brava, (Madeira)
SA: Ilha de Santo Antão
SAT: Freguesia de Santo António
SAS: Concelho de (Município) San Andrés y Sauces
SCF: Concelho de Santa Cruz das Flores, ilha das Flores
SCG: Concelho de Santa Cruz da Graciosa, ilha Graciosa
SCL: Concelho (Município) San Cristóbal de La Laguna
SCLP: Concelho (Município) Santa Cruz de La Palma
SJ: Ilha de São Jorge
SM: Ilha de Santa Maria
SML: Ilha de São Miguel
STN: Concelho de Santana
SVC: Concelho de São Vicente
TA: Ilha Terceira
TF: Ilha de Tenerife
TJE: Concelho de (Município) Tijarafe
TOP: Toponímia
TPCF: <https://toponimiacanarias.ulpgc.es/toponimos>
TPCS: <https://toponimiacanarias.ulpgc.es/items/show/261164>
VE: Concelho de (Município) de Valverde
VP: Concelho de Vila do Porto (Açores)
WA: <https://www.wikipedia.org/>
WCML: <http://www.concelhodecamaradelobos.com/dicionario/f.htm>
WSVC: <http://www.cm-saovicente.pt/wp-content/uploads/2019/09/RPDMSV-Sistema-Biofisico.pdf>
WGCV: https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Projetos/Pa%C3%ADses/Cabo_Verde/Geografia/Lugares/Santo_Ant%C3%A3o

Índice

Agradecimentos	IV
Resumo	VI
Resumem	VII
Abstract	VIII
Lista de abreviaturas	IX
Introdução	13
Capítulo I – Definição e origem do conceito “fajã”	16
1. Revisão a definição em dicionários	16
1.1. Dicionários monolíngues de português	17
1.1.1. Análise das definições	22
1.2. Dicionários plurilíngues	26
1.2.1. Síntese dos dados	26
1.3. Outras fontes	29
1.3.1. Sistematização dos conteúdos	29
2. A origem do conceito “fajã”	49
2.1. A etimologia	49
2.2. A evolução do vocábulo	53
3. Do nome comum ao nome próprio.....	54
Capítulo II- Topónimos com Fajã na Macaronésia	56
1. Tipologia das fajãs	56
1.1. Caracterização geológica	56
1.1.1. Fajãs artificiais	57
1.1.2. Fajãs naturais	58
1.2. Caracterização linguística	59
1.2.1. Topónimos principais e secundários	59
1.2.2. Classificação dos topónimos	60
2. Os topónimos com Fajã por arquipélago	62
2.1. As fajãs nos Açores	63
2.2. Cabo Verde e as fajãs	68
2.3. As <i>fajanas</i> nas Canárias	72
2.4. O arquipélago da Madeira e as fajãs	76
Capítulo III- Análise e comparação dos topónimos	80
1. Análise comparativa geral	80
2. Análise comparativa específica	82
3. Proposta para uma redefinição de “fajã”	85

Conclusão	89
Listagem dos topónimos na Macaronésia	92
Referências Bibliográficas	100
Referências Web-gráficas	105
Anexos	107
Anexo I Tipologias das fajãs.....	107
Anexo II Decreto Legislativo Regional n.º 32/2000/A.....	109
Anexo III Decreto Legislativo Regional n.º 8/2017/M.....	114

Introdução

O objetivo principal deste trabalho parte de uma interrogação, que também será o tema principal deste trabalho, se o vocábulo “fajã” é antigo, sendo Património Linguístico comum aos arquipélagos macaronésicos. Procura-se, neste sentido, resposta à pergunta que serve de título à presente dissertação. Pretende-se, pela identificação toponímica, a caracterização das diferentes fajãs que fazem parte dos arquipélagos da Macaronésia. Os objetivos específicos deste trabalho são, sobretudo, inventariar os topónimos com Fajã, agrupar e listar as Fajãs que fazem parte da Macaronésia enquanto região.

Será importante saber até que ponto existe este topónimo e se é frequente na Macaronésia. Observam-se vários casos. Alguns lugares não utilizam o nome Fajã, mesmo sendo fajãs, sob o ponto de vista geológico. Noutros, existiu este topónimo, mas deixou de ser utilizado. Não são por isso, alvo de estudo. A relevância deste trabalho consiste na salvaguarda do topónimo Fajã para que não seja substituído ou desconsiderado. O tema enquadra-se no âmbito da toponímia e do Património Linguístico.

O nome próprio Macaronésia tem origem na etimologia grega (makáron = felicidade, nésoi = ilhas), tendo sido cunhado pelo geólogo e botânico inglês Philip Baker Webb. Reporta-se a uma região formada pelos arquipélagos atlânticos: Açores, Madeira, Canárias e Cabo Verde, pelas características comuns, acima de tudo a nível da natureza. Foi devido a estas características que estas ilhas foram, de certa forma, consideradas afortunadas ou paradisíacas. Porém, os valores culturais e patrimoniais resultantes da interligação do ser humano com o território têm pontos de contacto nestes territórios, o que se comprova com a temática do presente estudo. Merecem ser divulgados, como sucede com as fajãs.

A preservação de qualquer património, seja ele material ou imaterial, linguístico ou cultural, permite fazer reviver um passado por vezes desvalorizado e esquecido. Faz sentir um dever de agradecimento para com os antepassados, pois foram eles que iniciaram a construção do futuro. Os povoadores que ocuparam as fajãs junto ao mar (e depois as do interior das ilhas) estão nestas circunstâncias. Como no início do povoamento, atualmente, todas as referências às fajãs levam para as definições de locais com alguma possibilidade de habitabilidade ou de cultivo. O termo “oásis” ocorre para fazer uma

analogia, uma comparação com as fajãs. Elas remetem para locais que, felizmente, existem. As fajãs tiveram importância na vida das populações.

As fajãs não seriam assim denominadas, se não houvesse a necessidade de as identificar e de as distinguir perante a restante área onde se encontravam inseridas. É por determinadas características que são próprias destes locais que fizeram com que se destacassem da restante área envolvente. Nos Arquipélago da Madeira e no Arquipélago dos Açores, o topónimo Fajã, e os que se lhe associam, faz parte do conhecimento geral dos habitantes, assim como a existência de fajãs, seja pelos nomes das localidades, seja pela familiaridade com o tipo de relevo. No entanto, as duas comunidades regionais portuguesas parecem ignorar a existência do topónimo na restante área da Macaronésia, daí o propósito da presente dissertação. As características geomorfológicas são em algumas “Fajãs” muito semelhantes, nos dois arquipélagos. Compete à Geologia dar a explicação para estas formações, quanto à sua origem e às várias etapas de sua formação. A Macaronésia, cuja etimologia é mencionada na *Odisseia* de Homero, é referenciado como um local “semi-legendário”, abençoado, ilhas afortunadas, um local paradisíaco, onde existiam os campos Elíseos. Consequentemente, o nome Macaronésia, terá sido dado a estas ilhas atlânticas em homenagem a esta lenda grega. Serão estas ilhas realmente esses locais? Será esta mitologia verdade? Não é a intenção desta dissertação procurar a resposta. Existem algumas provas, ou seja, mapas antigos que indicam estas ilhas, sendo assim referenciadas anteriormente às descobertas dos navegadores portugueses.

Contam-se quatro arquipélagos atlânticos na ecorregião da Macaronésia. As ilhas Canárias, arquipélago espanhol, o Arquipélago de Cabo Verde, independente País Africano, e duas regiões autónomas de Portugal: Arquipélago dos Açores, composto por 9 ilhas e o Arquipélago da Madeira, composto por 2 ilhas habitadas e 2 conjuntos desabitados (Desertas e Selvagens). Provavelmente, cada vez que é mencionado o termo “Macaronésia”, é associado, imediatamente, com biodiversidade é como se fossem sinónimos. Isto deve-se ao facto de sobressair a ideia de locais paradisíacos, ricos em fauna e flora. Desde logo, o relacionar-se uma coisa com a outra. Procedeu-se ao levantamento dos topónimos com Fajã em todos estes arquipélagos.

Quanto à metodologia de trabalho do âmbito linguístico, começou-se por constituir um *corpus* (cf. Apêndice com os topónimos identificados que tinham fajã no nome e na sua composição). A metodologia utilizada para a realização desta dissertação é sobretudo, quantitativa (listagens de topónimos para quantificação de ocorrências do termo “Fajã”) e qualitativa (análise de topónimos em função da estrutura linguística do topónimo).

Logo, a nível prático, é empreendida uma recolha de informação toponímica, ou seja, linguístico-geográfica, na grande área regional da Macaronésia. Deste modo, recorre-se à consulta cartográfica através de mapas em atlas geográficos impressos ou disponibilizados na Internet. Após esta recolha, os dados são agrupados por ordem alfabética, procedendo, posteriormente, à sua análise linguística, no sentido de tirar conclusões quanto ao topónimo “Fajã” e à sua relação com o Património Linguístico da Macaronésia. Para o efeito, usam-se vários tipos de materiais com informação linguística e metalinguística. Incluem-se, à partida, dicionários e enciclopédias, atlas e mapas isolados, contando com mais informações que estejam relacionadas com o tema em questão. Além disso, a nível teórico, fez-se uma pesquisa bibliográfica o mais alargada possível, enriquecendo-a com artigos científicos, assim como com dissertações e teses. Por isso, a consulta de trabalhos que anteriormente tenham abordado esta temática e que estejam acessíveis é imprescindível.

No capítulo I, apresentam-se as várias definições recolhidas em diversos dicionários. Comparam-se e comentam-se para ter uma visão geral do conceito de “fajã” generalizado nas obras de consulta geral. Regista-se, igualmente o facto de o termo nem sempre ser dicionarizado. Apresenta-se uma hipótese para a origem do vocábulo.

No capítulo II, tendo em conta o levantamento dos topónimos com Fajã realizado na Macaronésia, faz-se uma análise das ocorrências por arquipélago, partindo de uma classificação geral para compreender a utilização dos nomes das diversas Fajãs.

No capítulo III, comparam-se os dados gerais para compreender diferenças e semelhanças, a nível dos topónimos. Procura-se, então responder à questão do título.

Capítulo I – Definição e origem do conceito “fajã”

1. Revisão da definição em dicionários

A observação da toponímia local e regional permite diferenciar os topónimos, os que indicam “fajã” são alvo deste estudo. Consequentemente, importa observar, linguisticamente, o conceito de “fajã”. Para o efeito, dá-se conta da consulta bibliográfica empreendida em diversos espaços físicos: Biblioteca da Universidade da Madeira, Arquivo Regional Biblioteca Pública da Madeira e Biblioteca Municipal do Funchal. Procurou-se, igualmente, informação na Internet porque permite uma pesquisa alargada a diversas fontes de informação nacional e internacional. Estas páginas eletrónicas tornam-se extremamente importantes para quem pretende recolher informações numa área geográfica tão vasta como é a Macaronésia. Por um lado, consultaram-se dicionários, enciclopédias e vocabulários. Por outro, decidiu-se procurar bibliografia diversa, nomeadamente a nível académico, sobre “fajã”. Apresentam-se, assim, outros estudos de referência, relativos ao assunto, a que se pôde ter acesso.

No âmbito da Macaronésia, várias Câmaras Municipais dos diversos arquipélagos divulgam informação que se considerou pertinente sobre o tema em estudo. Na língua portuguesa, em especial na toponímia regional madeirense, mas não só, registam-se, por exemplo, ocorrências de “Fajã” divulgadas a nível municipal incluindo elementos linguísticos. Sendo recorrente, não se sabe ao certo a génese do vocábulo. De onde deriva o termo que lhe deu origem? Desde quando ocorre? Qual é o primeiro registo? A vontade de responder a estas questões levou à consulta de dicionários de português, que, em princípio, referem dados etimológicos.

Com a seguinte exposição, pretende-se uma revisão das definições dicionarizadas do substantivo comum “fajã”. É dele que se forma o nome próprio “Fajã”, presente em diversos topónimos, nomeadamente os que se estudam neste trabalho de investigação. Por conseguinte, a intenção é a de valorizar as definições encontradas nos diversos dicionários porque todos eles, dos mais simples aos mais especializados, contribuem para que se proceda a uma revisão do conceito de “fajã”, tendo em linha de conta, sobretudo, a sua presença na toponímia das ilhas da Macaronésia. Observou-se que existem em todo esse espaço várias localidades com o topónimo “Fajã”, o que, como se verificará, não o evidenciam os dicionários consultados, centrando-se, predominantemente, nos Açores.

A Linguística e a Geologia são aqui chamadas a intervir, completando-se para a definição do termo. Ao conceito geológico, deve ligar-se a definição, manifestamente linguística, porque têm de coincidir. O referente do signo linguístico, ligado ao significante “fajã”, exige um significado em que, a nível geológico e linguístico, haja coincidência. Assim, a definição linguística dos dicionários deve remeter para a definição geológica, embora possa não ser tão técnica porque tem de ser acessível a qualquer falante da comunidade linguística. O que dizem, então, os dicionários de Português para “fajã”?

1.1. Dicionários monolíngues de português

Numa síntese da revisão bibliográfica realizada, comprova-se que um número considerável de dicionários consultados, no conjunto dos disponibilizados nos diversos serviços bibliotecários regionais localizados no Funchal, não integra a entrada “fajã” e, por conseguinte, não faculta a sua definição. A falta de registo do substantivo “fajã” verifica-se num número significativo de dicionários. Acreditando que existam muitos mais, listam-se, de seguida, os que, do conjunto dos consultados, não referem “fajã”, manifestando uma lacuna inexplicável, no plano linguístico (cf. Gráfico 1 e Tabela1).

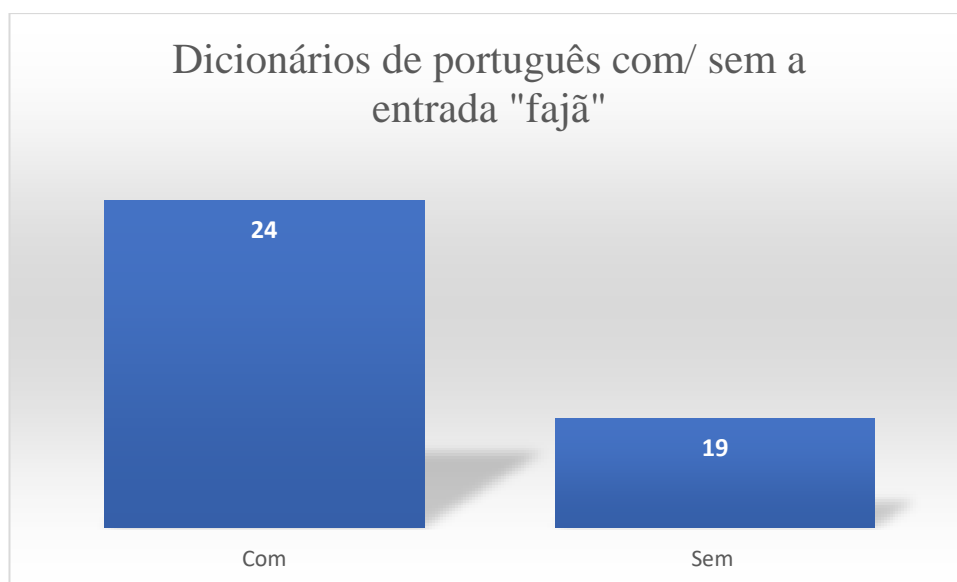


Gráfico n.º 1: Dicionários de português com/ sem a entrada “Fajã”

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Ano	Editora	Edição
1947	Impresa Nacional de Lisboa	sem informação
1949	Editores Gomes & Rodrigues	sem informação
1952	Editorial Confluência	1. ^a
1956	Lello & Irmão-Editores	sem informação
1981	Editores Larousse do Brasil	sem informação
1984	Editoria Globo e Editora Verbo	sem informação
1986	Editores Nova Fronteira	2. ^a
1988	Editores Globo e Editora Verbo	sem informação
1988	Editores Lisa	sem informação
1989	Lello & Irmão Editores	sem informação
1989	Bertrand Editora	sem informação
1995	Livros Horizonte	7. ^a
1996	Editores Nova Fronteira	2. ^a
1996	Editores Globo	23. ^a
1996	Porto Editora	2. ^a
1999	Publicações D. Quixote	sem informação
2006	Porto Editora	sem informação
2007	Livraria Garnier	sem informação
2015	Círculo de Leitores	1. ^a

Tabela n.º 1: Dicionários de português sem a entrada

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Na tabela n.º 1, organizam-se por ano de publicação os 19 dicionários consultados que vão comportar a entrada “fajã”. Contemplam-se um período bastante longo que vai desde 1947 a 2015. Verifica-se, por isso, que o termo parece não ter valor significativo para ser dicionarizado, segundo quem o concebeu.

Ano	Editora	Edição
1938	Editora Educação Nacional	2. ^a
1945	Livraria Figueirinhas	5. ^a
1945	Livraria Simões Lopes	sem informação
1948	Edições “Ouro”	sem informação
1978	Livraria Bertrand	15. ^a
1981	Amigos do Livro Editores	2. ^a
1981	Livraria Bertrand	16. ^a
1984	Editorial Confluência	1. ^a
1988	Editorial Confluência	4. ^a
1992	Editorial Confluência	7. ^a
1993	Editorial Confluência e Livros Editores	2. ^a
1995	Editora Globo	23. ^a
1995	Porto Editora	7. ^a
1995	Texto Editora	1. ^a
1996	Bertrand Editora	25. ^a
1998	Porto Editora	8. ^a
2001	Academia de Ciências de Lisboa e Editorial Verbo	sem informação
2002	Texto Editora	2. ^a
2003	Temas e Debates	sem informação
2006	Porto Editora	sem informação
2008	Texto Editores	2. ^a
2010	Porto Editora	sem informação
2012	Porto Editora	sem informação
2014	Lidel	sem informação

Tabela n.º 2: Dicionários de português com a entrada “fajã”

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Curiosamente, como se confirma pela leitura das tabelas 1 e 2, José Pedro Machado não inseriu a entrada “fajã”, no *Dicionário etimológico da língua portuguesa, com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados* (Editorial Confluência, 1952), no *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (Livros Horizonte, 1995) e no *Breve Dicionário Enciclopédico da Língua Portuguesa* (D. Quixote, 1999), embora, noutros dicionários seus (cf. tabela 2), apareça uma definição que até inclui exemplos.

O mesmo sucede com dicionários da Porto Editora. Vejam-se, por exemplo, os casos de: *Dicionário de Sinónimos* (2.^a edição, 1996) e *Dicionário da Língua Portuguesa* (2006). Cândido de Figueiredo, apesar de definir “fajã” em vários dicionários, no *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa* (Bertrand Editora, 1989) não inclui “fajã”.

Provavelmente, isso aconteceu porque o autor não considerou “fajã” um elemento linguístico a incluir na versão breve (“Pequeno”) do dicionário. Esta ausência de “fajã” atestou-se, igualmente, noutros dicionários disponibilizados nas bibliotecas, onde se realizaram as consultas dicionarísticas. Isto sucedeu por exemplo com o *Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa* (Editora Lisa, 1988), e o *Lexilello, Novo dicionário da Língua Portuguesa com um Epítome de Regras Gramaticais e ortográficas, uma lista de locuções latinas e estrangeiras e outra dos principais provérbios* (Lello & Irmão Editores, 1989).

Nos dicionários consultados, encontraram-se vários títulos publicados no Brasil que comportam elementos gramaticais e também não inserem a entrada “fajã”, nomeadamente devido às suas especificidades gramaticais como o *Dicionário de Regência Nominal portuguesa* (Carvalho/ Livraria Garnier, Belo Horizonte, 2007), *Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos*, (Fernandes/Editora Globo, São Paulo, 1996). Verificou-se isso em mais algumas obras como o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa* (Cunha/ Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986 e 1996) e no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira / J.E.M.M/ Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986).

Na totalidade de dicionários monolíngues consultada, embora a diferença seja apenas de 5, sobressai um maior número de obras com a entrada “fajã” (cf. Gráfico 1). O interessante é verificar a evolução da definição apresentada, que, ao longo dos tempos, se foi claramente ampliando. Procura-se, agora, dar conta desse fenómeno linguístico, a fim de compreender o que foi sendo considerado importante e o que se foi alterando, para compreender o conceito. Para o efeito, listam-se por ordem cronológica, num primeiro momento, para, num segundo, se poderem analisar.

Os dicionários folheados que comportam a definição “fajã” vão desde 1938 a 2014 (cf. Tabela 2). Ao longo de setenta e seis anos, houve várias reedições nomeadamente de diversas casas de edição: Porto Editora, Bertrand, Texto Editora e Confluência. Nas várias edições, não se notou variação significativa da definição. Do conjunto, comprovou-se que dicionários publicados no Brasil fazem referência à entrada “fajã”, de modo que a ausência que se notou em alguns não se deverá ao facto de não existir a formação geográfica no Brasil. Teria sido fundamental abrir todas as edições/ impressões/ reedições das várias editoras. No entanto, isso não foi possível porque não estão disponibilizadas nos espaços bibliotecários existentes no Funchal. Pensa-se, porém, que, se se tivesse tido a oportunidade de os consultar, se verificaria aquilo que se constatou: as mudanças na

definição de um dicionário não são substanciais (cf. Tabela 2). Aliás, a definição breve de “fajã” encontrada nas primeiras décadas (de 1938 a 1948) mantém-se em vários dicionários da última década do século XX, e inclusive até 2014.

Acredita-se que a definição breve consultada na primeira edição de um dicionário, se mantém ao longo das seguintes, havendo, no entanto, pontualmente algumas alterações entre as edições iniciais e as posteriores. Sendo um exercício linguístico incontornável, apresentam-se sistematicamente os dados recolhidos, comprovando-se que “fajã” é um bem patrimonial linguístico que caracteriza a Macaronésia, apesar dos dicionários realçarem, sobretudo ao Açores, numa fase inicial, e, posteriormente a Madeira.

1.1.1. Breve análise das definições

Foram vários os dicionários onde se encontrou, onde se comprovou pela tabela 2. Mantendo a ordem cronológica, foram as seguintes as definições registadas nos dicionários consultados. Apresentam-se porque ajudam a entender a evolução que teve ao longo dos anos, em termos linguísticos. Também permitem recolher informação sobre a origem de “fajã” e sobre a importância de determinadas características que lhe estão associadas. Após o ano de publicação (cf. Tabela 2), incluiu-se, sempre que possível, o autor, a editora, na lista que se segue.

Lista das definições de “fajã”:

- 1938, livraria Editora Educação Nacional: *Fajã, f. terra baixa e plana.*
- 1945, Pinheiro/ Livraria Figueirinhas: *Fajã, s. f. Terra baixa e chã*
- 1945, Barreira/ Livraria Simões Lopes: *Fajã, s. f. Terra baixa e chã*
- 1948, Bivar/ “Ouro”: *Fajã s. f. e Açor. Terra baixa e chã*
- 1978, Figueiredo/ Bertrand: *Fajã, f. Ant. Açor. Terra baixa e chã, «Fajãs virentes» B. Pato, Paqueta.¹*
- 1981, Figueiredo/ Bertrand: *Fajã, f. Ant. Açor. Terra baixa e chã, «Fajãs virentes» B. Pato, Paqueta.*
- 1981, Machado/ Amigos do Livro Editores: *Fajã, s. f. Açor. Extensão pequena de terreno plano, susceptível de cultura, junto a uma rocha, geralmente à beira-mar, formada, em regra, por materiais desprendidos da quebrada ou acumulados na foz duma ribeira e assentes quasi sempre num banco de lava muito resistente.*

¹ Citado B. Pato, Paqueta – Obra dada como referência em diversas definições.

- 1984, Machado/Editorial Confluência: *Fajã, top. [sic] sobretudo nas ilhas dos Açores e da Madeira. Do s. f. Fajã «pequena extensão de terreno plano, susceptível de cultura, geralmente à beira-mar»*; cf. LV; Etn. Port; II, p 546. Ver Fajãs.²
- 1988, Morais Silva / Editorial Confluência: *Fajã, s. f. Ter. dos Açor. e da Mad. pequena extensão de terreno plano, susceptível de cultura, geralmente à beira-mar.*
- 1992, Morais Silva/ Editorial Confluência: *Fajã, s. f. Ter. dos Açor. e da Mad. pequena extensão de terreno plano, susceptível de cultura, geralmente à beira-mar.*
- 1993, Machado/ Editorial Confluência/ E livros Editores: *Fajã, top. Frequente, sobretudo nas Ilhas dos Açores e da Madeira. Do s. f. Fajã, «pequena extensão de terreno plano, susceptível de cultura, geralmente à beira-mar»* ; cf. L.V; Etn. Port; II, p. 546. Ver Fajãs.
Fajãs top. ilhas da Madeira e de S. Jorge. Pl. de Fajã (q.v.)
Fajãzinha top ilhas das Flores e da Madeira. dimin. de Fajã (q.v.)
Dicionário onomástico d l p 1993 segundo volume F-M.
- 1995, Fernandes/ Editora Globo: *Fajã, f. Ant. Açor. Terra baixa e chã, «Fajãs virentes» B. Pato, Paqueta.*
- 1995, Porto Editora: *Fajã, s. f. (Açor.) Terreno plano, cultivável, de pequena extensão, situado à beira-mar, formado de materiais desprendidos da encosta. (De etim. Obsc).*
- 1995, Texto Editora: *Fajã s. f. Terra baixa e chã.*

² A definição remete para Leite de Vasconcelos, que é referido em diversas definições.

- 1996, Figueiredo/ Bertrand Editora, *Fajã, f. Ant. Açor. Terra baixa e chã, «Fajãs virentes» B. Pato, Paqueta.*
- 1998, Porto Editora: *Fajã, s. f. [Açor.] Terreno plano, cultivável, de pequena extensão, situado à beira-mar, formado de materiais desprendidos da encosta. (De etim. obsc).*
- 2001, Academia das Ciências de Lisboa/ Editorial Verbo: *Fajã [fɐ'ʒɛ] s. f. (De origem obscura). Extensão de terreno plano resultante, normalmente, de material geológico desprendido de uma encosta ou arriba. As fajãs são habitualmente muito férteis. «[...] admitiu que a solução seria encontrada com a criação de aterros municipais, [...] tendo ultimamente avançado com a criação contestada por ambientalistas, de fajãs artificiais a formar com as terras excedentárias na orla marítima.» (Público, 4,5,2000) [cf. Cap. II para “fajãs artificiais”].*
- 2002, Texto Editora: *Fajã s. f. terra baixa e chã*
- 2003, Houaiss/ Temas e Debates: *Fajã, s. f. (Açor.) Terreno plano, cultivável, de pequena extensão, situado à beira-mar, formado de materiais desprendidos da encosta. (De etim. Obsc).*
- 2006, Porto Editora: *Fajã, s. f. [Açores] Terreno plano, cultivável, de pequena extensão, situado à beira-mar, formado de materiais desprendidos da encosta. (De origem obscura).*
- 2008, Texto Editores: *Fajã, s. f. (Açores) Terra baixa e chã.*
- 2010, Porto Editora: *Fajã, n. f. [Açor.] Terreno plano, cultivável, de pequena extensão, situado à beira-mar, formado de materiais desprendidos da encosta. (De origem obscura).*

- 2012, Dicionários Editora: *Fajã, n. f [Açores] Terreno plano, cultivável, de pequena extensão, situado à beira-mar, formado de materiais desprendidos da encosta. (De. Orig. obsc.)*.
- 2014, Coelho/ Lidel: *Fajã, s. f. (> ?) Aç. Terreno plano, cultivável, situado à beira-mar, resultante de materiais desprendidos da encosta. Ex. As ~s são geralmente muito férteis.*

Numa análise geral das definições acima expostas, sobressaem alguns tópicos, tornando-se mesmo recorrentes. Por exemplo, “à beira-mar” ocorre em 13 definições; a indicação do tipo de relevo aparece repetidamente, variando apenas a formulação “terra baixa e chã” em 13/ “terra baixa e plana” em 1/ “terreno plano” em 9 e “de pequena extensão” em 11. Há, assim, particularidades que se destacam. É o caso da associação da “fajã” à agricultura como “suscetível de cultura” em 4 definições/ “muito férteis” em 2/ “cultivável” em 1. Registam-se, também, referências, nas definições, quanto à formação geológica e à localização: “materiais desprendidos da quebrada ou acumulados na foz de uma ribeira” em 1/ “assentes quási sempre num banco de lava muito resistente” em 1/ “formado de materiais desprendidos da encosta” em 6/ “formado de material geológico desprendido de uma encosta ou arriba” em 1/ “junto a uma rocha” em 1. A análise das definições contribui para uma informação que, supostamente, indica a localização geográfica.

Desde 1948, surge a relação com os Açores e, em 1984, aparece a referência à Madeira assim, surgem: Açores em 17/ Açores e Madeira em 5. Alguns dicionários têm as duas indicações arquipelágicas, mas muitos deles não indicam nenhuma ou, então, mantêm apenas os Açores. Estas observações suscitam muitas dúvidas, levantando certas questões (Porquê os Açores? Porquê adicionar a Madeira apenas em 1984? Por que razão não mencionar outros arquipélagos do Atlântico ou de outras partes, incluindo de Portugal?) às quais não se procurará responder, neste trabalho, porque não é esse o objetivo, mas a investigação é guiada por elas. Até que ponto não seria importante haver aqui uma referência à Macaronésia? Fica a ideia de que muitas informações contidas nas definições de dicionários mereceriam investigação aprofundada, como acontece para o conceito de “fajã”. Vejam-se os dados sobre a origem linguística do vocábulo: “Ant.” [antigo] em 6/ “De etim. obsc” [de etimologia obscura] em 2/ “De orig obsc” [De origem obscura] em 5. Parece que não se consegue determinar de onde se formou o nome comum

“fajã”, mas a investigação permitiu encontrar uma origem muito plausível, como se explicará mais à frente.

1.2. Dicionários plurilingues

A análise das definições em língua portuguesa de “fajã” (de que se deu conta) motivou, inclusive, a pesquisa em dicionários de outras línguas, nomeadamente inglês, presentemente tida como a língua franca principal, francês, por ter tido algum relevo a nível internacional, e castelhano, devido às Canárias, o arquipélago da Macaronésia com outra língua europeia, além do português. O material de relevo disponível era essencialmente bilingue, com as línguas europeias internacionais mais conhecidas, as três acima indicadas, tendo-se encontrado também um dicionário trilingue, da Editorial Confluência, com elas.

Assim, para a entrada “fajã”, consultaram-se dicionários de Português-Espanhol, dicionários de Português-Francês, Português-Inglês e uma obra trilingue Português, Francês e Inglês. Os resultados não trazem grande novidade, mas não deixam de ser curiosos porque vão mantendo a característica de “terra plana e baixa”, como se pode comprovar abaixo.

1.2.1 Síntese dos dados

Os dicionários com a língua espanhola, que têm especial interesse devido ao arquipélago das Canárias, são todos da Porto Editora. Folhearem-se 5, desde 1979 a 1993, e os três primeiros (cf. Tabela 3) registam “fajã” e os dois últimos não. Não tendo estas obras uma indicação quanto à sua edição, não se sabe se as três primeiras foram reimpressões. O que é relevante é verificar que os dois últimos dicionários, o de 1990 e o de 1993, deixaram de comportar a entrada.

Ano	Editora	Edição	Entrada
1979	Porto Editora	sem informação	com
1983	Porto Editora	sem informação	com
1988	Porto Editora	sem informação	com
1990	Porto Editora	sem informação	sem
1993	Porto Editora	sem informação	sem

Tabela n.º 3: Dicionários Português-Espanhol consultados com e sem a entrada

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Para o nome “fajã”, parecendo não haver um vocábulo correspondente, propõem uma explicação: a de “terra baixa e plana”. Além disso, registam “planície” como equivalendo a “fajã”, o que não parece ser propriamente adequado. A observação destes dicionários bilingues Português-Espanhol da Porto Editora, acima referidos, na Tabela n. 3, mantêm a mesma definição/ tradução, como se verifica abaixo:

- 1979, Porto Editora, Fajã: *s. f llanura, llanada, planície, tierra baja y llana,*
- 1983, Porto Editora, Fajã: *s. f llanura, llanada, planície, tierra baja y llana e*
- 1988, Porto Editora, Fajã: *s. f llanura, llanada, planície, tierra baja y llana.*

No *Dicionário Trilingue, Português, Francês e Inglês*, 2.º volume, Editorial Confluência, registam-se as seguintes traduções para “fajã”: *Fajã, [FAZZA] f, terra baixa e plana/. F Terrain bas et uni / I low flat ground.* Mais uma vez se comprova que a tradução não corresponde a uma palavra, mas a uma explicação, a de “terra baixa e plana”, que já é facultada no português. Nos sete dicionários bilingues, que incluem a língua francesa (cf. Tabela 4), nenhum deles refere “fajã”, nem os da Porto Editora. Torna-se incompreensível a ausência sistemática em diversos dicionários, aparecendo ocasionalmente noutros, inclusive de uma mesma editora.

Ano	Editora	Edição	Entrada
1953	Livraria Bertrand	4. ^a	sem
1978	Livraria Bertrand, S.A.R. L	5. ^a	sem
1981	Livraria Bertrand, Editions Garnier Frères	sem informação	sem
1988	Editores de Livros, Lda	4. ^a	sem
1988	Livraria Bertrand, S.A.R. L	8. ^a	sem
1991	Porto Editora	sem informação	sem
1998	Porto Editora	sem informação	sem

Tabela n.º 4: Dicionários consultados de Português-Francês

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Quanto à língua inglesa, nos dicionários a que se teve acesso, registou-se o mesmo fenómeno descrito para o exemplar trilingue. Em vez de uma palavra, surge a explicação/descrição do tipo de terreno que costuma identificar uma “fajã”: “terra baixa e chã”, como se comprova nos dois dicionários que incluem o substantivo. São ambos da Editorial Domingos Barreira, sendo um de 1954 e o outro de 1980:

- 1954, Editorial Domingos Barreira. *Fajã, s. m. Low flat ground e*
- 1980, Editorial Domingos Barreira. *Fajã, s. m. Low flat ground.*

Na tabela 5, listam-se cronologicamente pelo ano de lançamento os 11 dicionários com a língua inglesa a que se teve acesso. Estão representadas várias editoras, incluindo-se uma inglesa e outras brasileiras. Nenhuma delas, além da Editorial Domingos Barreira, sentiu a importância de incluir o substantivo “fajã”. É como se não tivesse correspondência no inglês e não fosse uma realidade a considerar. Isto regista-se, igualmente, no último exemplar datado do ano 2000, que é das edições Melhoramento (59.^a edição, cf. Tabela 5). Poderia ter valido a pena consultar as edições anteriores, mas elas não estavam disponíveis nos espaços bibliotecários a que se teve acesso.

Ano	Editora	Edição	Entrada
1954	Editorial Domingos Barreira	sem informação	com
1980	Editorial Domingos Barreira	2. ^a	com
1982	Edições Melhoramentos	28. ^a	sem
1983	Editores Globo e Editorial Verbo	sem informação	sem
1987	Edições Melhoramentos	26. ^a	sem
1989	Stanford University Press	sem informação	sem
1992	Edições Melhoramentos	51. ^a	sem
1995	Porto Editora	1. ^a	sem
1996	Empresa Fluminense	sem informação	sem
1999	Texto Editora	1. ^a	sem
2000	Edições Melhoramentos	59. ^a	sem

Tabela n.º 5: Dicionários consultados de Português-Inglês

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Em suma, as traduções/ definições castelhanas, francesas e inglesas, bastante básicas e perifrásticas – “terreno plano e baixo” – deixam muito a desejar e não permitem, realmente, compreender o que é uma “fajã”, nomeadamente na Macaronésia. Isso também coloca a questão da tradução, que, no entanto, não se vai abordar, embora se retome a tradução de “fajã” em castelhano, já que as Canárias fazem parte da Macaronésia e há documentação que a refere. Far-se-á a demonstração posteriormente. De momento, olha-se para outras fontes, nomeadamente obras portuguesas de referência que integrem a definição de “fajã”, como é o caso de enciclopédias, vocabulários regionais, glossários de dissertações, entre outros géneros de obras. Muitas destas fontes de informação revelaram-se pertinentes, mas sem novidades, porque, como se pensou aquando da preparação da dissertação, podia incluir a definição de “fajã”, o que se veio a comprovar.

1.3. Outras fontes

Ao longo das pesquisas realizadas, diversas foram as fontes de informação encontradas para compreender o alcance da definição de “fajã”. Comprovou-se que seria necessário dar conta das que se encontrassem, nomeadamente em trabalhos de cariz regional e obras de maior alcance como as enciclopédias. Nelas, é essencialmente o nome próprio que é posto em evidência. Alguns topónimos foram apenas identificados em enciclopédias, outros em sítios de municípios na Internet, outros apenas *online* e nem todos nas mesmas páginas, o que obrigou a uma busca exaustiva de modo a que fossem devidamente identificados.

1.3.1. Sistematização do conteúdo das definições

Visto que alguns dicionários comportam a entrada e outros não, pensou-se que, eventualmente, a entrada pudesse ser considerada um regionalismo relativo aos Açores e à Madeira. Esta hipótese levou à consulta de algumas obras tidas como regionais, entre as quais vocabulários, não se esgotando todos os existentes. A intenção foi apenas verificar se atestariam o substantivo comum aqui em apreço. Para o efeito, dá-se conta na tabela 6 das obras consultadas, tendo quase todas elas uma definição para “fajã”.

Ano	Autor/ Editora	Edição	Entrada
1940-1946/ 1998	Silva e Meneses/ Secretaria Regional do Turismo	<i>fac-símile</i>	com
1950	Silva/ Junta Geral do Funchal	1. ^a	com
1963	Nunes/ Faculdade de Letras	sem informação	com
1970	Pestana/ Câmara Municipal do Funchal	sem informação	com
1993	Caldeira/ Editora Eco do Funchal	2. ^a	sem

Tabela n.º 6: Enciclopédias e vocabulários consultados

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Verifica-se, na maior parte dos casos, que as definições corroboram as dos dicionários, não possuindo, por isso, o vocábulo “fajã” nenhum carácter regional. Contudo, observa-se que apontam para a toponímia, o que nos interessa aqui de modo especial, no âmbito do Património Linguístico. A definição do *Elucidário Madeirense* de Silva e Meneses, já com pendor enciclopédico, é, sem qualquer dúvida, a mais completa definição e a que mais se distancia dos dicionários, como se pode verificar abaixo, nas transcrições. Embora seja longa, faculta-se na íntegra devido à sua pertinência, adicionam-se sublinhados. Dão-se igualmente as restantes que estão incluídas na tabela n.º 6.

- 1940-1946/1998, P.^e Fernando Augusto da Silva e Carlos Azevedo de Meneses/ Secretaria Regional do Turismo, Funchal:
Fajã: Dá-se o nome na Madeira de “Fajãs” a certos tractos de terreno, de maior ou menor extensão, formados pelo desmoronamento de terras situadas a montante, constituindo em geral um solo de notável fertilidade. As “Fajãs” formam-se tanto no interior da ilha pelo desabamento de terras que se desagregaram das vertentes das montanhas, como ao longo de tôda a costa marítima, de que são frisantes exemplos de uma parte considerável da freguesia do Jardim do Mar, o Lugar de Baixo, a Fajã dos Padres, a Fajã da

Areia, e ainda outras. O termo “Fajã” é em geral usado toponimicamente e existem dezenas de sítios que têm o nome de Fajã de... Vid. Fajãs.

Fajã. Sítio povoado da freguesia do Arco da Calheta. Existiu ali uma capela dedicada a Nossa Senhora da Boa Hora, de que a penas estão ruínas e cujos instituidores e ano da edificação se desconhecem.

Fajã. Sítio povoado da freguesia de Santo António. Fica na margem esquerda da Ribeira dos Socorridos e ali se lançam, na mesma ribeira, os afluentes do Vasco Gil e da Lapa.

Fajã da Areia (Pôrto da). No sítio deste nome, freguesia de São Vicente, encontra-se um pôrto, servido por uma pequena praia, preferível ao da vila de São Vicente, do qual se acha pouco disanciado.

Fajã da Ovelha (Freguesia da). Há nesta paróquia um sítio que desde os tempos primitivos da colonização conserva o nome da Fajã da Ovelha que depois se estendeu aos terrenos circunvizinhos e mais tarde a toda a freguesia. Semelhante teria acontecido com o nome desta freguesia, como já fizemos notar no artigo consagrado á paróquia do Estreito da Calheta.

Afirma o douto anotador das Saudades da Terra que nesta freguesia só começou a chamar-se da Fajã da Ovelha, quando, nos princípios do século XVIII, foi autorizada a construção dum novo templo, que poucos anos depois se erigiu no sítio que então tinha e hoje tem ainda aquele nome. Discordamos desta opinião, embora muito autorizada, pelos motivos que rapidamente vamos apresentar. É certo que esta paróquia teve a sua sede durante quasi dois séculos na capela de S. Lourenço, no sítio deste nome, e que por meados do século XVIII se mudou para a nova igreja construída no sítio da Fajã da Ovelha, mas nunca foi conhecida pelo nome de freguesia de S. Lourenço, como era natural que fôsse, se porventura não tivesse outro nome, como na verdade tinha. O mais antigo diploma respeitante a esta paróquia, citado no Index Geral do registo da antiga Provedoria da Real Fazenda e nas Memórias sobre a criação e augmento do estado eclesiástico na ilha da Madeira é de 1553, e já nele se faz referencia á igreja da freguesia da Fajã da Ovelha, que era o nome pelo qual

*já era então conhecida. Não sendo S. Lourenço nem Fajã da Ovelha, que nome teria em época anterior ao século XVIII? Não se conhece. Daqui logicamente inferimos que esta freguesia teve sempre o nome de Fajã da Ovelha, desde os primitivos tempos da colonização, ou, ainda mais rigorosamente, desde a época em que ali se estabeleceu a sede de uma nova paróquia.*³

Como quasi tôdas as freguesias desta ilha, teve a Fajã da Ovelha seu principio numa capela bastante antiga que ali existia e em tôrno da qual se foi formando um nucleo bastante importante de população. Era a capela de S. Lourenço, qua antes da criação da paróquia tinha já seu capelão privativo, sendo o seu ultimo capelão privativo paroco o padre Antonio Enes.

A criação desta freguesia como curato é anterior a 1553, pois que o alvará régio de 11 de Abril deste ano acrescentou á primitiva cômgrua do cura ou capelão-curado, que era de 9 000 réis mensais, um moio de trigo e um quarto de vinho. O alvará de 26 de Julho de 1559 fêz novo acrescentamento ao vencimento do sacerdote que ali exercia funções paroquiais. Pouco antes de 1573 é que verdadeiramente a Fajã da Ovelha se constituiu paróquia autonoma e passou o capelão-curado a gozar as honras e privilegios de vigario. Um diploma de 6 de Julho deste ano fixou a cômgrua anual do paroco em 20.000 réis e outro de 3 de Junho de 1687 elevou-a a 25.000 réis em dinheiro e um moio e meio de trigo e uma pipa de vinho.

Com o desenvolvimento da população foi nesta freguesia criado um curato, pelos fins do século XVIII.

A capelania-curada e a paróquia tiveram a sua sede, como já foi dito fica, na capela de S. Lourenço e ali permaneceram até ao segundo quartel do século XVIII. O alvará da infanta D. Catarina, regente do reino, de 27 de Junho de 1705, autorizou a construção dum novo templo e a sua mudança para o local que fôsse mais apropriado para esse fim e em harmonia com os desejos manifestados pelo povo, depois das mais reiteradas instancias do respectivo paroco de então. A pesar disso, a edificação da nova igreja só se realizou alguns anos mais tarde, sendo escolhido o sitio da Fajã da Ovelha como o logar que melhor satisfazia ás condições exigidas para essa construção. O mandado do Concelho da Fazenda de 24 de Janeiro de 1747 (e não 1737 como dizem as

³ A justificação para a nomeação de lugares é realmente importante para quem investiga na área da toponímia.

Saudades) deu a obra de arrematação ao carpinteiro Francisco Gomes pela importancia de 6.350\$000 réis ignoramos quando se concluíram as obras e quando se procedeu á benção da nova igreja.

Quando esta paróquia era ainda capellania-curada, dela se desmenbrou a freguesia da Ponta do Pargo e mais tarde a dos Prazeres, constituída em parte por terrenos da Fajã da Ovelha e parte do Estreito da Calheta.

Sítios principais: Lombada dos Marinheiros, Lombo dos Falcões, Eirinhas, Farrobo, Massapês, Fajã da Ovelha, S. João, Casais da Serra, S. Lourenço, Lombada dos Cedros, Raposeira do Serrado, Raposeira do Lugarinho, e Maloeira.

O pico da Maloeira, a rocha da Raposeira do Lugarinho e as ribeiras dos Cedros e dos Marinheiros merecem referencia especial pelo pitoresco que oferecem ao visitante e belos panoramas que dali se desfrutam.

Atravessam esta freguesia as ribeiras da Inez, que a separa dos Prazeres e as da Cova, da Chã, dos Cedros, de S. João, dos Falcões e dos Marinheiros. Por algumas destas ribeiras são alimentadas as levadas da Cova, do Ribeiro chão, Moinhos e Fonte do Folhado, que irrigam esta freguesia, além da do Rabaçal. Há fundadas esperanças de que dentro de de poucos anos se fará a tiragem de uma extensa e abundante levada, que se destina á irrigação desta e doutras freguesias do concelho da Calheta.

No livro do engenheiro de minas Eugenio Ackermann, intitulado L'île Madère, considerée au point de veu scientifique, se faz referencia ao minerio de manganés encontrado nesta freguesia, dando-se ali uma pequena analise da proporção dos elementos que o compõem. Parece que tem pouco valor industrial.

Tem 2757 habitantes e é S. João o orago da sua igreja paróquial. O novo cimiterio foi benzido e inaugurado em Março de 1910.

Esta freguesia tem uma escola oficial para cada sexo, e sede dum partido medico que abrange esta paróquia e as da Ponta do Pargo, Paul do Mar e Prazeres.

São naturais desta freguesia o padre Antonio Gomes Neto (V. este nome), o conego Antonio Joaquim Jardim, que muito se notabilizou como orador sagrado e que sendo partidario das ideias liberais esteve alguns anos prêso durante o govêrno absolutista, e Augusto Cesar de Gouveia, que pelo seu

desinterêsse, prestígio, ilustração e génio empreendedor prestou a esta paróquia assinalados e reconhecidos serviços.

Fajã da Ovelha(Pico da). Fica esta elevação montanhosa na serra da freguesia do mesmo nome, não muito distante do Pico da fonte do Bispo.

Fajã da Ovelha(Ponta da). Saliencia da costa marítima na freguesia do mesmo nome.

Fajã das Nogueiras. Sítio na serra da freguesia do Faial, onde se encontra uma pequena casa para abrigo dos transeuntes.

Fajã do Manuel. Sítio no litoral da freguesia do Pôrto do Moniz, onde naufragou, no ano de 1856, uma galera de nacionalidade inglesa, tendo morrido 15 pessoas das vinte e uma que trazia a seu bordo.

Fajã do Mar. (Pôrto da), O sítio deste nome, Arco da Calheta, tem um pequeno pôrto, também chamado de Nossa Senhora da Vida, que dista 2,4 milhas do pôrto da vila da Ponta do Sol e 2,3 do da Calheta.

Fajã do Mar. Sítio povoado da freguesia do Arco da Calheta. Neste sítio e numa pequena eminencia sobranceira ao mar, fica a capela de Nossa Senhora da Vida, fundada em 1663 por Inez Teixeira, tendo sido reedificada há poucos anos.

Fajã do Penedo. Sítio povoado da freguesia da Boaventura. Existiu ali uma pequena ermida da invocação de Sant'Ana, edificada no ano de 1768 pelo morgado Antonio Francisco de Caires, tendo sido demolida pouco depois de 1840. D. Maria dos Anjos Ribeiro fêz construir neste sítio, no ano de 1919, uma capela consagrada ao Imaculado Coração de Maria.

Fajã dos Asnos. Fica na freguesia de Camara de Lôbos e aquém do Cabo Girão, e é conhecida também pela denominação de Fajã do Gregorio. É cultivada em parte, e nas rochas que a limitam pelo lado norte abunda o

Helichrysum Monizii, especie que dificilmente se encontra em outras partes da ilha.

Fajã dos Padres. Esta pequena fajã está situada na costa sul da Madeira e um pouco para além do Cabo Girão. Tem ao fundo uma grande rocha, escalvada e nua, de cêrca de 300 metros de alto, e a sua população regula por 50 habitantes⁴ que dão obediencia, no espiritual, á igreja de S. Braz na freguesia do Campanario.

A Fajã dos Padres, que pertenceu noutras epocas aos padres da Companhia de Jesus e onde se encontram ainda vestigios duma capela mandada edificar talvez por eles, foi propriedade do coronel Manuel J. de França Doria que depois de ter cultivado, mas sem grande resultado, a cana de açúcar nas suas terras, voltou a estabelecer ali a cultura da vinha, que parece ser a que melhor se adapta ao solo da localidade.

Da Fajã dos Padres vinha outrora o melhor vinho malvasia produzido na ilha, cultivando-se também ali o sercial e outras castas de vinho de excelente qualidade.

Fajãs. Há uma freguesia conhecida pela denominação de Fajã da Ovelha, e nas paróquias de S. Gonçalo, Faial, S. Jorge, S. Vicente, Pôrto do Moniz, Ponta do Pargo, Arco da Calheta, Estreito da Calheta, Canhas, Ribeira Brava, Camapanario, Curral, Etc; existem fajãs mais ou menos extensas e mais ou menos antigas.

A Fajã da Ovelha, na freguesia deste nome, A Fajã dos Padres (Campanario), a Fajã dos Asnos ou do Gregorio (Camara de Lôbos) e a Fajã da Areia (S. Vicente), são as mais conhecidas da ilha.

A proposito do desabamento dos terrenos diremos que o Logar de Baixo é desde 1804, muito maior que dantes, porque nesse ano grande parte das terras da Lombada Cairam para o lado do mar, e ali formaram uma campina extensa e produtiva. O choque da queda, diz o dr Azevedo, foi tal, que o mar saiu do seu nivel em tôda a costa adjacente, e sentiu-se o abalo tanto em terra como no

⁴ Atualmente não tem habitantes permanentes.

mar, a distancia de mais de 10 quiometros. O mar entrou muito a dentro da vila da Ponta do sol.⁵

O falecido Antonio Pedro de Azevedo encontrou uma carta escrita em 1689 em que se fala dum deslocamento dum terreno com cêrca de meia legua de extensão, ocorrido poucos tempos antes no Arco de S. Jorge (V este nome). A ser certo o que diz o autor da referida carta, o deslocamento foi tão lento e suave que os predios que existiam sôbre o terreno nada sofreram com a mudança da situação⁶.

Em Abril de 1856 deslocou-se uma extensão consideravel de tereno em Machico, tendo desabado tôdas as choças que sôbre ele estavam edificadas, e em 1894 deu-se uma grande quebrada na Deserta Grande, de que resultou o mar avançar e recuar sensivelmente nalguns pontos da costa sul da Madeira, semelhantemente ao que sucedera por ocasião do terramoto de 1755.

As Fajãs são freqüentes em certas ravinas do interior, tendo provocado algumas delas desvios mais ou menos consideraveis na primitiva direccão das aguas. Quando estas fajãs se acham nas proximidades dos povoados, costumam aproveita-las por serem em geral muito produtivas, mas as torrentes devastam-nas e corroem-nas ás vezes durante a estação invernosa, podendo mesmo destrui-las se elas estão muito baixas ou imperfeitamente consolidadas.

Fajazinha de Bento. Sítio na freguesia da Serra d'Água, onde a Camara Municipal do funchal possuia uma pequena propriedade, que foi vendida, com autorizaçao do Govêrno, em 25 de Abril de 1918.

- 1950, P.º Fernando Augusto da Silva/ Junta Geral do Funchal: *Fajã : Terreno de maior ou menor extensão formado pela queda de terrenos situados a montante, sendo geralmente bastante produtivos. Muito empregado toponimicamente.*
- 1963, João da Cruz Nunes/ Faculdade de Letras: *Fajã (s. f.) – Terreno fértil, no sopé de uma encosta, formado por um desmoronamento de terras.*

⁵ Assim, o Lugar de Baixo é, geologicamente, uma fajã, mas não tem a indicação no nome.

⁶ O Arco de São Jorge também será uma fajã, sem comportar uma indicação no nome.

- 1970, Eduardo António Pestana/ Câmara Municipal do Funchal: *Fajã «Terreno proveniente de desagregação de rochas escarpadas e que se forma geralmente sobre praias de calhau rolado. Mais tarde formou-se nome próprio, v.g. Fajã dos Padres, Fajã dos Asnos, para designar certas localidades» (Canuto Soares) Há na Madeira muitas Fajãs. (...).*

Assinalou-se uma ampla definição de “fajã” numa obra madeirense, o acima referido *Elucidário Madeirense*. Enquanto obra enciclopédica, publicada pela primeira vez em 1921, cujo *fac-símile* de 1940-1946, se consultou na publicação de 1998, é uma referência consideravelmente antiga que regista a definição de “fajã”. Mais do que uma definição, há nesta obra de referência madeirense uma explicação, visto que a definição encontrada no *Elucidário Madeirense* se debruça no enquadramento do termo na paisagem madeirense, como se comprova na transcrição. Nela, os topónimos são valorizados. A história da Fajã da Ovelha ocupa grande parte, servindo para demonstrar que já no século XVI existia Fajã na topónimia. Especificando as particularidades do conteúdo parte por parte, tecem-se diversas considerações do princípio ao fim da entrada. Ao escrever “*Dá-se o nome na Madeira de “Fajãs”*”, o *Elucidário Madeirense* parece indicar que, na ilha da Madeira, o nome de “Fajã” pode ter sentidos que noutras geografias não terá. Será que se pode subentender que se trata de um *regionalismo* típico da ilha da Madeira? Este tópico já se colocou e não o parece ser pelas evidências da pesquisa que se está a empreender no âmbito dos Estudos Regionais e Locais, mais precisamente no campo do Património Linguístico, assim como se verificou também noutras obras de cariz regional consultadas. No trabalho que se está a desenvolver, foi possível encontrar o topónimo “Fajã” em todos os arquipélagos da Macaronésia (cf. Capítulo II). Portanto, a visão da obra da década de 20 do século XX não deveria contemplar apenas a Madeira. Continuando a comentar a definição, observa-se que a sequência “*a certos tractos* [cf. Infopédia: “Pedaço de terreno; extensão; região; jeira”] *de terreno*” corresponde um dado comum à noção de “fajã” porque, de facto, elas, enquanto topónimos, são um tipo de terreno particular. Podendo ser, como referido na obra, “*de maior ou menor extensão*”. Efetivamente, a extensão é relativa, não havendo uma área específica para que determinada terra seja considerada como tal. Contudo, a extensão de terreno em si mesma é uma condição *sine qua non* para que ela exista, ou seja, sem uma considerável área de terreno não se pode dizer haver uma “fajã”. Quanto à parte “*formados pelo desmoronamento de terras situadas a montante*”, observa-se que

se define apenas um determinado tipo de “fajã”. Nem todas resultam de “desmoronamentos”, de modo que não é o único processo de formação e não deveria constar da definição/ explicação como sendo exclusivo, já que, pelo modo como se formaram as “fajãs”, no presente estudo, foram identificados cinco tipos (cf. Capítulo II e Anexo I). Prosseguindo com “*constituindo em geral um solo de notável fertilidade*”, comprova-se que foram, desde o início do povoamento (como a referência indica) e continuam a ser, locais privilegiados para o cultivo, tendo em conta que terá sido nesses terrenos que se fixaram os primeiros povoadores. Aliás, acredita-se que a referência à atividade agrícola demonstra ser um fator comum à generalidade das fajãs. A indicação ao interior da ilha da Madeira em “*formam-se tanto no interior da ilha pelo desabamento de terras que se desagregaram das vertentes das montanhas*” parece equivaler a zonas altas ou montanhosas, nas vertentes sobranceiras à orla costeira, sendo, claramente, um tipo observado, mas não exclusivamente na Madeira. As “fajãs” destacam-se por terem uma orografia específica e, tendo em conta a formação geológica dos arquipélagos da Macaronésia, podem relacionar-se estas com a origem vulcânica das ilhas, mesmo se nem todas elas têm fajãs. Da formulação “*como ao longo de toda a costa marítima*”, depreende-se a ideia de continuidade ao longo da costa, mas isso não pode equivaler a dizer que as inúmeras “fajãs”, na ilha da Madeira, se situem apenas junto ao mar porque como se referiu, podem estar no interior. É certo, porém, que, ao longo da orla costeira da ilha, existem diversas. Não se pode dizer que seja realmente em “toda a costa”. Destas, algumas estão desabitadas e, por conseguinte, encontram-se abandonadas. Há vestígios de uma vivência passada, devida à necessidade, já que foram uma oportunidade de sobrevivência para os primeiros povoadores. Algumas não têm habitantes, mas são terrenos cultivados e, por conseguinte, não estão totalmente abandonadas. Noutras, há ainda, hoje, habitantes, mesmo se pouquíssimos. O *Elucidário Madeirense* refere 50 habitantes para a Fajã dos Padres e, hoje, não é assim. Porém, é sobretudo, fora da orla costeira, isto é, nas zonas altas, que se encontram as “fajãs”, que, na sua maioria, estão cultivadas e habitadas, em particular na ilha da Madeira.⁷

Continuando à procura de dados sobre a significação de “fajã”, nas bibliotecas, são disponibilizadas enciclopédias nacionais e internacionais que incluem dados toponímicos a considerar. Das existentes, quase todas têm já alguns anos. No entanto, pareceu ser importante consultar as que estariam acessíveis (cf. Tabela 7). Registou-se uma definição

⁷ As fontes regionais de 1950, 1963 e 1970 (cf. Tabela n.º 6) não acrescenta nada de novo. No entanto, confirma os dados compilados.

muito simples do substantivo comum, após os exemplos de topónimos. É o caso da enciclopédia Lello & Irmão (cf. tabela 7, 1988, porque a edição anterior não comporta qualquer registo), que dá os exemplos de Fajã da Ovelha (Madeira), Fajã de Baixo (Açores), Fajã de Cima (Açores) e Fajã Grande (Açores). É de considerar que também dá a indicação de Fajãzinha para Cabo Verde. Aliás, são facultados topónimos açorianos, madeirenses e cabo-verdianos.

Ano	Editora	Edição	Entrada
s/d	Editora Lemos & C. ^A , Sucessor	sem informação	com
1956	Lello & Irmão	sem informação	sem
1978	Editorial Enciclopédia	sem informação	com
1978	Editorial Enciclopédia	sem informação	com
1979	Lello & Irmão	sem informação	com
1984	Editorial Enciclopédia	sem informação	com
1988	Lello & Irmão	sem informação	com

Tabela n.º 7: Enciclopédias consultadas

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Os conteúdos enciclopédicos realçam a importância das fajãs nos arquipélagos atlânticos, incluindo além dos Açores e da Madeira, dados para Cabo Verde, como se pode observar de seguida, tendo-se adicionado sublinhados:

- *S/d, Maximiano Lemos/ Encyclopédia Portuguesa Illustrada, Dicionário Universal, Maximiano Lemos, Volume IV, Editora Lemos & C.^A, Sucessor: **FAJÃ, Ch, port. Pequena pov, do conc, de Santa Cruz, distr, da Horta, bisp, de Angra, com, e ilha das Flores, do archip, dos Açores, na costa septentrional da ilha, á beira-mar. Cereaes, legumes. Abundância de peixe. / Pov. Do conc, de Santa Cruz, distr, e bisp, d' Angra, com, da ilha Graciosa, archip, dos Açores, Cereaes, vinho. / Pequena pov, do conc, de Villa das Vélas, distr, e bisp, de Angra, com e ilha de S. Jorge, do archip, dos Açores; perto da costa e a 5 km, de distância a S.E da Villa das Vélas. Confinante com a pov, de Santo Amaro. Grandes pomares de laranja. Gados.***

FAJÃ D'AGUA. Ch. Port. Pequeno porto da ilha Brava, Archip. E prov, de Cabo Verde, Africa occidental, na costa S.-O. Da ilha, ao N. do porto da Furna 16 a 20 m, de profundidade, podendo fundear embarcações de grande lotação. Denominam-o também: Feijã D'Agua e Fajão D'Agua. | Fertil valle da ilha Brava, archip. E prov, de Cabo Verde, Africa occidental, Vinhedos. | Forte ribeira que atravessa o valle do mesmo nome e desagua no porto de Fajã d'Agua.

FAJÃ DA OVELHA. Ch, port, Pov, e freg. (S. João Baptista, na ilha da Madeira, conc, de Calheta, com de Ponta do Sal, distr, e bisp, do Funchal; 593 fogos e 2:451 habit. Estação postal de 3.ª classe, escola do sexo masculino. Um canal de irrigação distribue pela freg., agora fértil, as águas da ribeira da Janella.

FAJÃ DE BAIXO. Ch, port, Pov, e freg, (Nossa Senhora dos Anjos), na ilha de S. Miguel, conc, com, e distr, de Ponta Delgada, bisp, d'Angra, archip, dos Açores; 232 fogos e 1:017 Habit. Escola do sexo masculino. Estação postal de 3.ª classe. A pov; assente no interior da ilha, em terreno plano e fértil, dista 500 m, a N.-E. da cidade da Ponta Delgada. cidreiras, laranjeiras.

FAJÃ DE BOIS. -Ch. Port, planalto do conc, de Paúl, na ilha de Santo Antão, do archipelago e prov de Cabo Verde, Africa occidental. 600 m. acima do nível do mar, ficando protegido dos ventos pelo monte Ribeirão da Corda. Cultivaram-se quinas no planalto.

FAJÃ DE CIMA, ch, port, Pov. e freg. (Nossa Senhora da Oliveira) na ilha de S. Miguel, conc; com. e distr, de Ponta Delgada, bisp, d'Angra, archipelago dos Açores; 570 fogos e 2:445 habit. Escola do sexo masculino, estação de 3.ª classe. Fica situada no interior da ilha, em terreno plano e a breve distancia da sede do distr, terreno fértil. Optimos pomares.

FAJÃ DE VIMES, Ch. Port, Grande Pov. do conc. da Villa das velas, distr. e bisp. de Angra, com, e ilha de S. Jorge, archip, dos Açores. Inhame de optima qualidade. Cereaes, vinho, gado, e peixe em abundância.

FAJÃ DO CALHÃO. Ch, Port, Pov. do conc. da ilha Villa das Velas, distr. E bisp, d'Angra, com. e ilha de S. Jorge, archip, dos Açores. Cereaes e criação de gado.

FAJÃ DOS CUBRES. Ch, port, Pov da ilha de S. Jorge, conc da Villa das Velas, com. da mesma ilha, distr. e bisp. d'Angra, archip, dos Açores, á beira-mar. Cereaes, vinho, criação de gados e pescarias.

FAJÃ DOS PADRES EDOS ASNOS⁸, Ch, port, Pov. da ilha da Madeira, conc. de Camara de lobos, com; distr. e bisp. do Funchal

FAJAES⁹. Ch. Port. Pov. Da freg. de Villa Nune, Conc. de Celorico de Basto.

FAJÃ GRANDE. Ch. port. (S. José). Pov. e freg. da ilha das Flores, conc. Das Lagens, com. da mesma ilha, distr. da Horta, bisp. de Angra, do archip, dos Açores; 290 fogos e 1:098 habit. Escola do sexo masculino, e estação postal de 3.ª classe.

FAJAN¹⁰, s. f. Ant. e Açor. Terra baixa e chan.

FAJAN. Ch. port. V. Fajã.

FAJÃO¹¹. Ch. Port. Serra do distr. de Coimbra, Ramificação da serra da Estrella, com um pico de 1:408m. d'altura| (Nossa Senhora da Assumpção). Pov. E freg. da prov. do Douro, conc. da Pampilhosa, com. d'Arganil, distr. e bisp. de Coimbra; 264 fogos e 1:087 habit. Escola do sexo masculino, e estação postal de 3.ª classe, A Pov; situada junto á serra do mesmo nome, dista 13Km. da sede do conc.

⁸ Algumas fajãs têm dois nomes sendo nomeadas ou por um ou pelo outro. Aqui, parecem associar-se.

⁹ Ortograficamente, aproxima-se de fajãs.

¹⁰ Registou-se uma grafia diferente da que vigora - fajã - e tem-se em conta.

¹¹ Fajão talvez tenha relação com fajã.

FAJÃO D'AGUA¹². Ch, port, V. Fajã d'Agua

FAJÃZINHA¹³. Ch. port. Pov. E freg. (Nossa Senhora dos Remedios) na ilha das Flores, com. das Lagens com. da mesma ilha, distr. da Horta, bisp. d'Angra, no archipélago dos Açores. 191 fogos e 710 habit. Escola do sexo feminino; estação postal de 3.ª classe. Cereaes, Legumes. Boas madeiras, abundancia de peixe, criação de gados.

FAJAU¹⁴, s. m. Casta de uva minhota.

FAJÔES, Ch. Port. Pov. e freg. (S. Martinho) da prov. do Douro, conc e com. de Oliveira d'Azemeis, distr. d'Aveiro, bisp do Porto. 245 fogos e 897 habit. Estação postal de 3.ª classe. A pov; situada entre serras, dista 3 Km da séde do conc. Manteiga apreciada. Criação de gado bovino.

- 1978, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Volume XXXIX, (Apêndice) Editorial Enciclopédia: *Fajã *F. da Ovelha, Freg. do conc. da Calheta (Funchal). Pop.: 2.569 hab. em 657 fogos (1950) *F. de Baixo, Freg. do conc. da Ponta Delgada. Pop.: 2.346 hab. em 516 fogos (1950) *F. de Cima, Freg. do conc. da Ponta Delgada Pop.: 3.303 hab. em 775 fogos (1950) *F. Grande, Freg. do conc. de Lajes das Flores. Pop.: 799 hab. em 203 fogos (1950) *Fajãzinha Freg. do conc. de Lajes das Flores. Pop.: 366 hab. em 93 fogos (1950)¹⁵*
- 1978, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Volume X, Editorial Enciclopédia: *Fajã, Pico da ilha Terceira. (V. Carneiro). Ribeira da ilha de S. Jorge, que desagua na costa O. da ilha, na freg. de S. Mateus, conc. de Velas. F.~ Alta: Monte da ilha de Santo Antão¹⁶, Cabo-Verde. F.~ da~Areia: pequeno pôrto da freg. e conc. de S. Vicente, Madeira. F.~da~Caldeira: Ponta da costa SE. da ilha de S. Jorge.*

¹² Nesta enciclopédia, a Fajã d'Agua é semelhante a Fajão e será provavelmente uma fajã grande.

¹³ Fajãzinha é o diminutivo de fajã.

¹⁴ A grafia deixa supor uma semelhança com fajã.

¹⁵ Entre esta referência e a anterior diminuiu a população.

¹⁶ Esta indicação comprova que as fajãs não são exclusivas das zonas à beira-mar.

*F.~da~Ovelha: Freg.do conc. da Calheta, com. de Ponta-do-Sol, dist. e dioc. do Funchal, Rel de Lisboa, ilha da Madeira. Orago S. João Baptista. Pop; 2.459 Hab; em 618 fogos. Dista 15 km. da sede do conc. Tem serv. de correio e telef. e fab. de lacticínios. São discordantes os dados que se conhecem acêrca da época precisa da criação desta freguesia. Sabe-se que, por meados do primeiro quartel do séc. XVI, se estabeleceu na ermida de S. Lourenço uma capelania-curato, com seu capelão privativo, e que pelo ano de 1550 se instalou ali a sede da nova paróquia. Um alvará Régio de 1705 autorizou a transferência daquela sede para o sítio da Fajã-da-Ovelha, mas sòmente muito mais tarde é que deste lugar de construíu a respectiva igreja paroquial, que se deu por terminada pelo meado do séc. XVIII, realizando-se então a projectada mudança. O novo templo teve S. João Baptista como titular, continuando a antiga capela com a invocação de S. Lourenço, a qual existe ainda no sítio dêste nome. Foi estabelecido um curato nesta paróquia pelos fins do séc. XVIII. Desta freg se desmembraram as de Ponta-do-Pargo e Prazeres. A freg. é atravessada pelos ribeiros dos Marinheiros, Cedros e Inês e várias levadas. Banhada pelo mar, não tem um pôrto ou praia de fácil acesso. Compreende os lugares de: Casais-da-Serra, Eirinhas, Faias, Falcões, Farrobo, Lombada-dos-Marinheiros, Lombada dos Cedros(dois) Raposeira-do-Serrado e R-do-Lugarinho, S. João ou Lombo de S. João, e S. Lourenço. * Pico da Freg. de Fajã-da Ovelha, situado nas proximidades do pico da Fonte-do-Bispo. * ponta da costa O. da ilha da Madeira, na freg. do mesmo nome.*

*F.~de~Água: pequeno pôrto da ilha Brava, Cabo-Verde, na costa SO. da ilha, ao N. do pôrto da Furna. * ribeira da ilha Brava, Cabo-Verde que nasce no mote das Fontainhas e desagua no pôrto do mesmo nome.*

F.~de~Baixo: freg. do conc; com. e dist. de Ponta Delgada, dioc. de Angra-do-Heroismo, rel. de Lisboa, ilha de S. Miguel; orago, N.ª S.ª dos Anjos. Pop;1.214 hab; em 243 fogos. Dista 3 km. da sede do conc. Tem serv. de correio, feito pela est. De Ponta-Delgada, esc. prim; fab. de lacticínios, cinema ao ar livre, filarmónica, assoc. de benef. e casa do Povo. No lug. do Egito, desta freg; há um manicómio, dirigido pelos irmãos de S. João de Deus, e denominado Casa de Saúde de S. Miguel. Nesta freg. estão as mais importantes instalações agrícolas para cultura de ananases da ilha de S. Miguel, pelo que já lhe foi dado o nome de «solar dos ananases». Tem uma romaria, chamada de Boa-Nova, na

segunda- feira de Páscoa, que engloba uma que outrora se realizava a N.ª S.ª da Encarnação, no dia próprio, 25 de Março. Antes de 1585 a igreja paroquial era da invocação de N.ª S.ª da Assunção, e num sitio um pouco afastado da actual. Esta já foi restaurada em 1662. Fazem parte desta freg. os lug. de: Loreto, Egito, Belém, Santa Rita, Soledades e Pilar.

F.~de~Bois: Planalto do conc. de Paúl, ilha de Santo Antão, Cabo-Verde.

F.~de~Cima: Freg. do conc; com. e dist. de Ponta Delgada, dioc. de Angra-do-Heroismo, rel. de Lisboa, ilha de S. Miguel; orago, N.ª S.ª da Oliveira. Pop; 2.108 hab; em 243 fogos. Tem serv. de correio, feito pela est. de Ponta-Delgada, esc. prim. E fab. de moagem. É povoado antigo e importante. A igreja paroquial foi construída em 1856, à custa do barão de N.ª S.ª da Oliveira. Anteriormente havia uma ermida da mesma invocação, mandada construir por Manuel Martins da Silva, em 1726.

F.~do~Mar: Pôrto da freg. de Arco-da-Calheta, conc. da Calheta, Madeira

F.~dos~Cubres: ponta da costa SE da ilha de S. Jorge.

F.~dos~Vimes: Ribeira da ilha de S. Jorge, que desagua na costa SO. da ilha, na freg. de Ribeira-Sêca, conc. de Calheta.

F.~Grande: Freg.do conc. de Lajes-das-Flores, com. de Santa Cruz-das-Flores, dist. da Horta, dioc. de Angra-do-Heroismo, rel de Lisboa, ilha das Flores; orago, S. José, pov; 794 hab. em 200 fogos. Dista 13 km. da sede do conc. e está situada ao S. da freg. de Fajãzinha. Tem serv de correio, esc. prim; fab de lacticínios e pôsto da Guarda Fiscal. É servida por um pôrto, escala de recurso dos paquetes que fazem serviço entre o continente e as ilhas, quando, pelo estado do mar, não são praticáveis os portos de Santa-Cruz-das-Flores. A igreja paroquial foi reedificada em 1849. Esteve anexada ao conc. de Lajes-das-Flores de 18-XI-1895 a 13-I-1898, enquanto durou a supressão do conc. de Lajes-das-Flores. Fazem parte desta freg. os lugs. de: Ponta-da-Fajã-Grande e Quada.

F.~Redonda: Ribeira que desagua na costa NE. da ilha de S. Jorge, na freg. de Ribeira-Sêca, conc. de Calheta.

Fajã. s.f Acor. Extensão pequena de terreno plano, susceptível de cultura, junto a uma rocha, geralmente à beira-mar, formada, em regra, por materiais desprendidos da quebrada ou acumulados na foz duma ribeira e assentes quási sempre num banco de lava muito resistente: « fajãs virentes», Bulhao Pato,

Paqueta; «atravesso os campos... e a ribeira da fajã», Raul Brandão, As ilhas Desconhecidas. P. 80.

- 1979. Lello & Irmão Editores, Volume Primeiro: *Fajã, s. f. (f. dos Açores). Terra baixa e chã, Fajã da Ovelha, freg. do conc. da Calheta (Funchal), ilha da Madeira: 1 636 hab.
Fajã de Baixo, freg. do conc. de Ponta Delgada, ilha de São Miguel. Açores: 3 314 hab.
Fajã de Cima, freg. do conc. de Ponta Delgada, ilha de São Miguel. Açores: 3 742 hab.
*Fajã Grande, freg. do conc. das Lajens das Flores (Horta), ilha das flores, Açores: 382 hab.**
- 1984, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Editorial Enciclopédia (Actualização) volume V:
 - **FAJÃ DA OVELHA. Freg. do conc. de Calheta, da Região Autónoma da Madeira. população: 1467 hab, em 588 fogos (dados provisórios de 1981)*
 - **FAJÃ DE BAIXO Freg. do conc. de Ponta Delgada, da Região Autónoma dos Açores. População: 3203 hab. em 756 fogos (dados provisórios de 1981)*
 - **FAJÃ DE CIMA Freg. do conc. de Ponta Delgada, da Região Autónoma dos Açores. População: 3207 hab. em 749 fogos (dados provisórios de 1981)*
 - **FAJÃ GRANDE Freg., do conc. das Lajes das Flores, da Região Autónoma dos Açores. População: 303 hab. em 217 fogos (dados provisórios de 1981)*
 - **FAJÃO. Freg. do conc. de Pampilhosa da Serra. População:575 hab, em 408 fogos (dados provisórios de 1981).*
 - **FAJÃZINHA Freg. do conc. das Lajes das Flores, da Região Autónoma dos Açores. População: 172 hab. em 92 fogos (dados provisórios de 1981)*

* **FAJÕES. Freg. do conc. de Oliveira de Azeméis. População: 2941 hab, em 743 fogos (dados provisórios de 1981).**

- 1988. *Dicionário Enciclopédico Luso Brasileiro em 2 Volumes, Volume Primeiro* Lello & Irmão Editores, : **Fajã, s. f (f. dos Açores). Terra baixa e chã. **Fajã da Ovelha, freg. do conc. da Calheta (Funchal), ilha da Madeira; 1 467 h. **Fajã de Baixo, freg. do conc. de Ponta Delgada, ilha de São Miguel. Açores; 3 130 h. **Fajã de Cima, freg. do conc. de Ponta Delgada, ilha de São Miguel. Açores; 3 257 h. **Fajã Grande, freg. do conc. das Lajens das Flores (Horta), ilha das Flores, Açores; 300 h.**********

Como foi feito na análise aos dicionários, para a das enciclopédias, procurou-se encontrar informações que permitissem alcançar uma maior amplitude da definição de “fajã”, no sentido de compreender o seu valor enquanto topónimo. De toda esta recolha informativa específica e detalhada, verifica-se, em particular, a informação que a *Encyclopédia Portuguesa Illustrada*, de Maximiano Lemos, Editora Lemos & C.^A, Sucessor apresenta. Trata, sobretudo, informações de carácter estatístico, onde expõe a localização de vários topónimos, incorporando o número de habitantes, fogos e principais produções económicas. Destaca a produção agrícola e verifica-se que, uma vez mais, esta característica acompanha a essência da “fajã”. Até ao presente, em nenhuma definição/explicação encontrada, existem quaisquer referências contrárias à sua fertilidade porque vem sempre mencionada a possibilidade de ser cultivada. Esta particularidade sobrepõe-se a outras até aqui apontadas. Todas estas referências toponímicas enciclopédicas que figuram no apêndice, serão tratadas no Capítulo II.

Faz-se sobressair apenas o topónimo constituído por sufixação, com a forma do diminutivo “-inha”, que constitui parte integrante do topónimo Fajãzinha. É um topónimo formado por sufixação a partir de “fajã” e pode significar uma extensão de terreno mais pequena, embora isso não venha especificado. Apesar de não parecer fazer parte do conjunto dos topónimos relacionados com fajã, apresenta-se o topónimo “Fajão”, registado nas enciclopédias, em grande parte devido à forma registada em Cabo Verde (Fajão D` Água). As indicações existentes não permitem esclarecer a relação com fajã.

- 1984 *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Editorial Enciclopédia (Actualização) volume V: “**Freg, do conc da Pampilhosa da Serra, População: 172 hab. em 92 fogos (dados provisórios de 1981)**” como também em **FAJÃO. Ch. Port. Serra do distr. de Coimbra, Ramificação da serra da Estrella, com um pico de 1:408m. d’altura| (Nossa Senhora da Assumpção). Pov. E freg. da prov. do Douro, conc. da Pampilhosa, com. d’Arganil, distr. e bisp. De Coimbra; 264 fogos e 1:087 habit. Escola do sexo masculino, e estação postal de 3.^a classe, A Pov; situada junto á serra do mesmo nome, dista 13Km. da sede do conc.**

Como se disse, Fajão poderá ter alguma relação com o elemento que interessa aqui abordar porque, em Cabo Verde se assinalou esse topónimo (cf. *Encyclopédia Portuguesa Illustrada, Dicionário Universal, Volume IV*) em Fajão d’Água. É o caso de *Dicionário Prático Ilustrado, Novo Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro*, Lello&Irmão-Editores, 1956, não faz alusão, nem ao substantivo comum, nem ao topónimo. Convém fazer uma referência ao facto de ser na Fajãzinha, onde se constatou uma escola do sexo feminino, numa época em que as mulheres não eram incluídas nos programas de ensino publico.

Outras referências bibliográficas importantes foram as consultadas na Internet, já que este é o meio mais acessível. Como se verificou até agora, algumas obras não incluem a definição. As consultas *online* comportam a definição de “fajã” e repetem quase todos os dados das fontes consultadas em papel. Listam-se abaixo sem lhes dar qualquer realce porque são elementares e reproduzem os dados já apontados:

- 1889, Cândido de Figueiredo: ***Fajan, f. (ant. e açor.) Terra baixa e chan.***
- 1913, Cândido de Figueiredo: ***Fajan f. Ant. e açor. Terra baixa e chan: “fajans virentes.” B. Pato, Paquita***
- S/d, *Dicionário Aberto: Fajan f. Açor Ant. Terra baixa e chã: «fajans virentes.» B. Pato, Paquita.*

- S/d, José Leite Vasconcelos, *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos: Fajã “Terra baía e chã”, Açores, RL, V, 219.*
- S/d, Infopédia: *Fajã, (fa.jã, fɐ'ʒɐ̃) : nome feminino, terreno plano, cultivável, de pequena extensão, situado à beira-mar, geralmente formado por materiais desprendidos de encosta ou arriba (De origem obscura).*
- S/d, *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha]: *Fajã | n. f. fa:jã (origem duvidosa, talvez do espanhol fajana) nome feminino. Terra baixa e plana resultante de desprendimentos de uma encosta ou arriba ou de escoadas de lava que penetram no mar. "fajã".*

O facto de haver, constantemente, “origem duvidosa” ou “origem obscura” incluindo no último dicionário referido, o da Priberam, com a indicação: “talvez do espanhol *fajana*”, motivou a consulta de páginas de língua espanhola, tendo obtido o resultado que se apresenta de seguida:

- S/d, Real Academia Española: *“Fajana 1. f. Can. Terreno llano al pie de laderas o escarpes, formado comúnmente por materiales desprendidos de las alturas que lo dominan. (Fan) Canarias”*

Como se comprova, a interligação permite compreender que fajã e fajana são equivalentes. Resta saber se o termo português tem realmente origem no espanhol. Segundo o Dicionário da real academia Espanhola até é das Canárias.

2. Origem do conceito “fajã”

O Património Linguístico abarca léxico que se usa hoje e tem uma origem bastante antiga. As novas gerações herdaram vocabulário dos pais e avós sem se darem conta da importância destes vocábulos. Isso acontece com “fajã” que, desde o início deste estudo, se revelou uma unidade linguística que vai sobrevivendo essencialmente na toponímia, como se comprovou nas entradas das enciclopédias. Procurar a origem deste nome comum, na bibliografia já identificada, revelou-se um fracasso, já que é dado como não tendo uma origem definida. Os dicionários e outras fontes consultadas apontam, quase todos, para uma “origem obscura”. Todavia, a investigação tem revelado dados que permitem atribuir uma etimologia a “fajã” e a ligação com o castelhano pode ser uma pista. É o que se vai demonstrar de seguida.

2.1. A etimologia

Quanto à génese do substantivo comum que dá origem ao topónimo, apesar de se julgar ser um termo antigo que datará desde o povoamento dos arquipélagos portugueses (cf. Fajã da Ovelha e a sua história desenvolvida pelo *Elucidário Madeirense*), considera-se que a sua origem poderá estar no latim. No entanto, os dicionários de português-latim, nomeadamente o *Dicionário de Português-Latim* de António Gomes Ferreira (Porto Editora, 1995), não apresentam entrada. Mesmo assim, a indicação de “obscura” poderá causar desinformação ao leitor menos atento, incutindo-lhe a ideia de se tratar de um nome que não se sabe de onde vem. Deve-se, pois, entender que a sua origem “obscura” nada mais é do que uma incerteza perante um vocábulo que se acredita já existir no latim, como acontece com a maioria do vocabulário da língua portuguesa. Pensa-se, seguindo uma proposta bibliográfica espanhola, que a origem será latina e estará no vocábulo *fascia*- “faja” (faixa).

Esta proposta etimológica encontrou-se, por exemplo, de forma implícita, num artigo publicado em 1979, por Jesus Vazquez. É dedicado à toponímia com o título de “Toponimia De Pedruel, Las Almunias Y San Hipolito (Valle De Rodellar)”, uma vez que, na página 130, define “faja” como 'campo alargado y estrecho' e “fajana” como 'faja en una pendiente'. Consequentemente, a ligação entre “faja” e “fajana” é clara. Além disso, escreve o autor, a propósito de topónimos espanhóis em que ocorre nomeadamente

“fajã”, isto é, “faja” (do latim “*fascia*”), como se pode ler mais abaixo, destacando-se a informação essencial com sublinhados:

5. Fachualas, Fajanas, Faja o Molino, Faja o Forcallo (P.); Faja o Torno (A.); Fajana a Escalera (SH.)

Del lat. FASCIA 'faja', 'sostén del pecho', que pronto se aplicó a la toponimia. Fachualas conserva la fonética altoaragonesa en la evolución de SCI > x [s], convertida en este caso en -ch. Las formas restantes han evolucionado hacia la j, seguramente por influencia castellana.

Adiantando pormenores do âmbito da Linguística, Jesus Vazquez, na página 125, fornece informações, nas quais inclui “Faja” e “Fajanas”, explicando a evolução da fonética consonântica para as consoantes iniciais simples: “F-. Se conserva normalmente siguiendo la tendencia general del aragonés: *Fachualas, Faja, Fajanas, Ferreras, Foguera, Fondón, Fontanetas, Fontañón, Fonzina, Foratón, Forau, Forcallo, Fuendeñas.*”

Vários são os topónimos na página 133, na listagem intitulada “Toponimia del Valle de Rodellar” (norte de Espanha), ligando-se com o assunto. No entanto, como não fazem parte da Macaronésia não se incluem no apêndice, mas sublinha-se a sua pertinência, enumerando-os: Faja a Candelera, Faja o Forcallo, Faja d'o Molino, Faja o Torno, Fajana, Fajanas. Isto pode significar que “Fajã” ou “Fajanas” (fajãs) não são exclusivas das ilhas da Macaronésia. Interessante é também considerar a definição nessa mesma página para “Paretazo”, enquanto 'muro de piedra en un camino', 'muro que sostiene una faja', o que faz lembrar os socalcos (“poios”) que se reencontram em “fajãs” como sucede na ilha da Madeira.

Na continuação das pesquisas empreendidas para procurar a origem linguística de “fajã”, encontrou-se um outro trabalho de investigação sobre a temática. Neste caso, é referente ao território macaronésio das Canárias. Para Maria Teresa Cáceres Lorenzo (1997): “Fajana Hasta el DRAE¹⁷ reconoce al término *fajana* como canarismo, sin embargo ha dejado de usarse en el habla común y solo pervive en la toponimia, sobre todo de la isla de La Palma. Su significado es el de 'terreno en declive al pie de laderas y escarpes formado por los materiales desprendidos de las alturas que lo dominan'. Precisamente hay dos poblaciones en La Palma que se llaman La Fajana en los municipios

¹⁷ <https://dle.rae.es/?w=diccionario> (Diccionario Real Academia Española), última consulta em 21-06-2021.

extremos de Garafía y de Fuencaliente.”¹⁸ Esta informação comprova-se por uma consulta rápida na Internet, acerca da toponímia das Canárias (cf. nota de rodapé n.º 18). Este dado é interessante porque contradiz as definições dos dicionários, remetiam para uma origem obscura, quando a autora identifica uma vertente portuguesa da palavra como se verá.

Segundo o *Diccionario da Real Academia Espanhola (DRAE)*, a etimologia de “fajana” (= fajã) está no português porque o lusismo sobreviveu no espanhol das Canárias, como se lê na respetiva entrada: (definição do DRAE)¹⁹ Ao voltar a consultar a entrada, comprova-se isso mesmo: “Fajana 1. f. Can. Terreno llano al pie de laderas o escarpes, formado comúnmente por materiales desprendidos de las alturas que lo dominan. (Fan) Canarias”.

Continuando a refletir sobre a origem e a definição de “fajã” em espanhol, pela consulta realizada, considera-se que o topónimo (com a grafia portuguesa) não faz parte da toponímia das Canárias: o que não é de admirar porque a ortografia é portuguesa. Logicamente, apenas se registou o topónimo com uma grafia adequada ao espanhol: “Fajana”. Acredita-se, no entanto, que têm ambos o mesmo significado, pelos dados encontrados. Poderá ter sido introduzido nas Canárias pelos portugueses, que tiveram uma presença marcante a partir de 1341, conforme a opinião de Cáceres Lorenzo (1997), como se lê na citação abaixo:

En cuanto a las Islas Canarias, sus relaciones con Portugal han sido muy intensas desde que, en 1341, se produce una expedición portuguesa al Archipiélago. Desde esta época hasta la de los Reyes Católicos Portugal domina, con variable éxito, zonas canarias(...) y cuando, a fines del siglo XV, debe renunciar definitivamente al control político de las Islas Afortunadas, su presencia sigue siendo perceptible en ellas a través de una emigración importantísima de labradores(...), técnicos azucareros (...) “cristianos nuevos “(...) , comerciantes, (...) etc., hasta el extremo de que Torriani, en 1590, llega a afirmar que “Tenerife e popolata la maggior parte di gente portoghese”.

Prosseguindo com a leitura deste artigo, extremamente informativo, sublinha-se um outro excerto referente à “La incorporación de los portuguesismos en los orígenes del español de Canarias”. Pode ler-se o seguinte (sublinhados adicionados):

Los primeros portugueses llegaron a las Islas Canarias em 1341, desde esta fecha su permanência en el Archipiélago dura varia centúrias, hasta 1640, año de la separación de España y Portugal. Los portugueses tenían prohibida la entrada al Nuevo Mundo, y sólo

¹⁸ <https://toponimiacanarias.ulpgc.es/items/show/261164> Tradução própria:

“Fajana 1. f. Can.(canarismo) Terreno plano ao pé de encostas ou escarpas, normalmente formado por materiais destacados das alturas que o dominam. (Fan) Ilhas Canárias”

“Fajana: O próprio DRAE reconhece o termo “fajana” como canarismo, afirmando que deixou de ser usado na linguagem comum e só sobrevive na toponímia, especialmente na ilha de La Palma. O seu significado é o de 'terreno em declive no sopé de encostas e escarpas formadas pelos materiais destacados das alturas que o dominam'. Existem precisamente duas cidades em La Palma chamadas La Fajana nos municípios extremos de Garafía e Fuencaliente. ”

¹⁹ <https://dle.rae.es/?w=diccionario> , última consulta em 21-06-2021.

podían establecerse en Azores, Canarias o Madeira, las cuales necesitaban tras la Conquista poner em marcha la maquinaria económica. En las Islas no formaron núcleos poblacionales cerrados; participaron en los repartimientos de tierras y aguas, juntamente con los castellanos; estuvieron presentes en el cultivo de cereales y tubérculos; también destacaron en la actividad mercantil e impulsaron la caña de azúcar, importada desde la India al sur de Europa y de aquí a Madeira, desde donde llegó a Canarias (Peres Vidal 1991).

Comprovadamente, como já se sabia, há uma relação histórica entre os arquipélagos da Macaronésia, Madeira e Canárias. O mais interessante é que esta relação também tem ligações linguísticas e é aqui que se destaca o nome comum “fajã”, que dá lugar a topónimos na Madeira e nas Canárias, sendo considerado um lusismo. Por razões inexplicáveis, é classificado como um canarismo (cf. entrada “fajana” no DRAE). A indicação de ser um lusismo encontra-se na mesma autora, no mesmo artigo. Refere, ainda, Maria Teresa Cáceres Lorenzo, a existência de onze portuguesismos utilizados nas Canárias, como herança linguística portuguesa (claro Património Linguístico), sendo apenas um aquele que está em análise (cf. sublinhado próprio):

Portuguesismos propios de las hablas canarias.

Los Lusismos típicos y casi exclusivos el español de Canarias suma once ejemplos: acebiño, burgadero, conduto, escuma, fajana, moyo sollado, tacha, talla, viñátigo y zafra. La mayoría de estas voces pertenecen a la fabricación del azúcar y a los árboles propios y exclusivos de Canarias, Madeira y Azores.

La evidente relación entre la industria del azúcar y los portugueses asentados en las Islas motiva el amplio número de ejemplos. La mayor parte de estas voces se han expandido a lo largo de los años, tomando otros significados que les ha permitido sobrevivir al derrumbe de la industria azucarera canaria. El paso de los cañaverales e ingenios de Canarias a América produjo también la exportación de la terminología asociada a ellos. Esto há echo posible que algunos de estos términos aparezcan en la bibliografía como portuguesismos de América, aunque aquí queda demostrado su existencia anterior en los documentos notariales del español insular.

A mesma autora indica, no seu artigo, algo que convém particularmente destacar no âmbito do Património Linguístico (cf. sublinhado próprio), já que aponta o ano de 1503 para a introdução de “Fajana” nas Canárias:

“Fajana “Faja de tierra llana al pie de una ladera o escarpe”. Se data en Canarias desde 1503, en repartos de tierras como el siguiente:

«El Padre Ruy Blas abad. 2 Fanegas para um maxuelo en las fajanas de Ycode parte de encima de la casa de Juan de Eborá y com los bereços e riscos.» (AHMLL, cuaderno 18,46).”

Em suma, o nome comum “fajã” tem um correspondente espanhol que é “fajana”. O termo espanhol, tido como canário, tem origem no português, de acordo com as fontes espanholas consultadas, embora o dicionário Priberam apontasse o contrário (origem espanhola do vocábulo português). Todavia, a forma espanhola permitiu estabelecer a

ligação com “faja”, o que imediatamente se associa a “faixa”, apontando para uma origem latina.

No que respeita à significação de “faixa”, encontrou-se no dicionário convencional *Dicionário da Língua Portuguesa*, 8.^a Edição, Porto Editora, 1998 (sublinhado adicionado):

s.f. tira de pano própria para cingir a cintura; cinta; banda; atadura; ligadura; friso; pequeno molho de palha de milho; MATEMÁTICA zona do plano limitado por duas rectas paralelas; ENGENHARIA ~ **de rodagem** parte da plataforma de estrada ou rua especialmente preparada para o trânsito de veículos; ~ de terreno porção de terreno estreita e comprida (Do lat. *fascia-*, «tira»).

Portanto, “fajã” equivale a uma “faixa de terreno” ou, simplesmente, a uma “faixa”. Parece estar comprovada a sua origem, embora a nasal não seja de fácil explicação. Tendo em conta o artigo de Jesus Vasquez poderá Fajana (Fajã) vir de Fajã.

2.2. A evolução do vocábulo

Nas pesquisas realizadas, somaram-se algumas formas que podem revelar a evolução do termo “fajã”. A evolução implica latim - português - castelhano (Canárias). Além do til, registou-se uma terminação em “an”, o que não é comum no português²⁰, já que a marcação da letra vocálica “a” nasal se faz sempre com til em posição final da palavra e apenas num passado mais remoto se poderia escrever de outra forma. Esta possibilidade de diferentes ortografias levou a equacionar o problema de uma evolução do vocábulo a nível morfológico. A passagem de “fajan” para “fajã” pode ser reveladora de uma origem em “faja”, tendo ganhado nasalidade em “ã”. A nasal “n” de “fajana” revela a sua existência embora não surja em “faixa”. Isto também se assinalou nos levantamentos toponímicos das enciclopédias folheadas. Por exemplo, a obra de Maximiano Lemos, *Encyclopédia Portuguesa Illustrada, Dicionário Universal*, figura “FAJAN”, s. f. Ant, e Açor. Terra baixa e chan.” e acrescenta “FAJAN. Ch port. V. Fajã”.

Toda esta reflexão permite compreender melhor a evolução do nome comum para o nome próprio, que se encontra na toponímia portuguesa da Macaronésia. Aí, a partir dos registos enciclopédicos transcritos acima, contou-se, pelo menos, um diminutivo,

²⁰ Exceção ocasional no português do Brasil, como por exemplo: Iran para os falantes de português do Brasil é o mesmo que Irão. O mesmo acontecia no português antigo, falado e escrito, como por exemplo: Joan/João,

(Fajãzinha), um plural (Fajaes) e uma forma que parece estar no masculino (Fajão d'Água). Também ocorreu Feijã (cf. Cabo Verde Feijã d'Água). Consequentemente, os nomes próprios dos lugares transportam muita informação linguística que convém observar com alguma minúcia.

3. Do nome comum ao nome próprio

Para a explicação dos nomes dos lugares, é inspirador o estudo toponímico realizado Elias de Souza Santos e Edgar Souza da Silva, (2019). intitulado: *Topônimos diamantinos: motivação, estrutura morfológica e etimologia*. Os autores referem o seguinte:

“O topônimo é uma expressão usada para designar um lugar, isto é, um acidente geográfico, físico ou humano. Ele é objeto de estudo da toponímia, ciência lexicológica responsável por distinguir, identificar e nomear os acidentes de determinados espaços geográficos, históricos, sociais e culturais.”²¹

Foi exatamente o que se verificou na elaboração desta dissertação, relacionada com a toponímia nos arquipélagos da Macaronésia. O topónimo “Fajã” ganha várias dinâmicas linguísticas, graças à diversidade expressa através das diferentes conjunturas relacionadas com o meio envolvente. Conta, nomeadamente, com os diversos fatores que influenciaram nas nomeações ou designações das localidades, como se constata no estudo de Elias de Souza Santos e Edgar Souza da Silva:

De acordo com os autores, o processo de investigação dos nomes dos lugares é feito através de três planos: “o motivacional, o estrutural e o linguístico, sendo que este segundo correspondente à sua morfologia e aquele terceiro à sua etimologia.” Na presente investigação, todos têm relevância.

Quanto aos topónimos com “Fajã”, descobriu-se com este estudo que se trata de um nome de lugar bastante utilizado nas ilhas atlânticas portuguesas, tanto nos Açores como na Madeira. Sabe-se que existe nos restantes arquipélagos que fazem parte do espaço da Macaronésia, partindo da suposição que foram os primeiros povoadores a trazer com eles o topónimo e não se sabe, ao certo, se seria um topónimo utilizado no continente português. Este tema mereceria uma investigação de fundo que não cabe aqui. No entanto,

²¹ Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult> , última consulta em 27-06-2021.

pelos dados recolhidos, comprovou-se que não existe na Beira Interior (Rebelo, 2021). Procurou-se ainda, compreender se existiu este topónimo no restante território continental e se foi substituído por outro. Não se encontrou informação a esse respeito, nem se podem apontar as causas de se ter deixado de utilizar, caso isso tenha acontecido. Se ocorreu a mudança de nome com a substituição de Fajã por outro nome, pondera-se a possibilidade de ter ocorrido uma desvalorização linguística do termo. Tendo em conta o estudo que se apresenta, foi possível identificar algumas “fajãs” geológicas, cuja designação não o revela por não figurar no topónimo (ex.: Lugar de Baixo, Paul do Mar, entre outras), embora estejam referidas como fajãs em fontes digitais, na Internet, nomeadamente as usadas nesta dissertação.

Não deixa de ser curioso – como já se referiu – algumas “fajãs” na ilha da Madeira são conhecidas apenas por nomes que não identificam tratar-se de uma “fajã”. Uma parte da população local usa habitualmente “o calhau das Achadas da Cruz” e outra para o mesmo lugar diz unicamente “Fajã” (ex.: Vou a Fajã.). Este é um exemplo de uma “fajã” que não foi identificada nas fontes que foram consultadas neste trabalho. No entanto, esta é uma “fajã”, cujas evidências geológicas não deixam quaisquer dúvidas quanto à sua origem. Assim, este lugar conhecido na ilha da Madeira também como o “Calhau das Achadas”, é ainda, por muitos, mencionado, sobretudo localmente, na freguesia das Achadas da Cruz, com o nome de “Fajã da Quebrada Nova”. Apesar de não ter sido registada, em apêndice, neste trabalho, por não ter sido identificada nas mesmas fontes que serviram para as restantes fajãs, fica aqui o apontamento que mostra a vitalidade da toponímia local. É uma referência a uma fajã que pode ser visitada através de um teleférico e ter a noção do que realmente é uma faixa de terra semelhante a beira mar. Nomeadamente, quanto à sua formação.

Pelo exposto neste capítulo, realça-se que o nome “fajã” (tendo evoluído da forma latina de “faixa”) representa um tipo de terreno específico que vai perdurar a nível do Património Linguístico, no nome próprio Fajã. Passa-se, assim, de um nome comum a um nome próprio. Este, em associação com outros elementos, nomeia lugares, dando-se aqui (cf. apêndice) prova disso.

Capítulo II- Topónimos com Fajã na Macaronésia

A toponímia é um campo de estudo bastante vasto. Há vários estudos que lhe são dedicados, existindo também alguns que lhe fazem referência (Ilhas de Zargo) Foi, no entanto, mais difícil de encontrar um que associa-se todo o território arquipelágico como o que se está a desenvolver sobre Fajã. É interessante investigar a sua presença nos arquipélagos da Macaronésia, uma vez que é um tema que não se encontrou tratado, mas que parece ter relevância a vários níveis, incluindo no âmbito do Património Linguístico. No entanto, este nome próprio integrado em topónimos tem importância histórica, devido à sua presença na toponímia arquipelágica, provavelmente, desde os primórdios do povoamento. A fim de compreender, os vários tipos de fajã existentes, apresenta-se um breve apanhado dos identificados.

1. Tipologia das fajãs

A identificação das localidades com o topónimo Fajã na Macaronésia realizou-se, sobretudo através da consulta *online*. Deste modo, foram localizadas por ilha e respetivo arquipélago a que pertencem, para serem agrupados por ordem alfabética e por temas. Uma das dificuldades encontradas está na caracterização de “fajã” porque, ao aprofundar a definição linguística, no capítulo anterior, ressurgiu constantemente o aspeto da formação geológica. Uma e a outra têm de corresponder, já que a definição deve corresponder à existência geológica dos tipos de “fajãs”.

1.1. Caracterização geológica

Sabe-se que nem todas as “fajãs”, geologicamente falando, comportam no nome essa identificação, havendo, manifestamente, dois tipos de topónimos: os que excluem a referência a “fajã” e os que a incluem. Logo, umas são designadas enquanto tal no próprio topónimo (exemplos madeirenses: Fajã da Ovelha, Fajã dos Padres) e outras, sendo-o geologicamente, no nome, não figura qualquer indicação ao termo (exemplos madeirenses: Paul do Mar, Lugar de Baixo, Jardim do Mar). O que acontece para a Madeira acontecerá para os restantes arquipélagos em estudo. Há nomeadamente, exemplos açorianos como Mosteiros, na ilha de São Miguel, Vila do Corvo, na ilha do Corvo que são fajãs lávicas, e Povoação, novamente em São Miguel que é uma fajã

aluvial. Também nos Açores se destaca o Vale das Lajes²². Apenas para acrescentar mais um, regista -se o exemplo cabo-verdiano de Mosteiros, uma fajã lávica na ilha do Fogo. Estes topónimos, evidentemente, não são o alvo deste estudo porque linguisticamente não mencionam a fajã que geologicamente são.

A fim de se ter uma visão mais clara sobre o assunto, mas limitando-o ao essencial, apresenta-se sumariamente uma tipologia das fajãs. Seguem as informações recolhidas, subdividindo-se em dois conjuntos: as naturais (predominantes) e as artificiais, que são algo novo como apareceu referido na matéria do Público (jornal nacional português) dando como exemplo em 2001, no *Dicionário da Academia das Ciências*.

1.1.1. Fajãs artificiais

No início do século XXI, na ilha da Madeira, foram construídas numerosas infraestruturas, privadas, mas, principalmente, obras públicas, nomeadamente rodoviárias. A orografia da ilha da Madeira obrigou à construção de viadutos, como também a escavações de túneis, de modo a permitir a construção dos desejados acessos rodoviários. Todo este volume de construções originou uma elevada quantidade de escombros, assim como de outros detritos obtidos nas escavações desses túneis. Este excesso de novos materiais acabaria por provocar um problema relacionado com o espaço já limitado na ilha. Assim, obrigava a que se obtivesse uma solução prática: saber onde fazer a acumulação, de modo a que se pudessem depositar os mesmos. Uma das soluções encontrada terá sido idealizada, a pensar no território. Foi inclusive colocada em debate público, como a criação de fajãs artificiais. Os madeirenses concordavam com a ideia, como se pode comprovar em notícia publicada pelo Diário de Notícias da Madeira em 12 de junho de 2000. Contudo, as fajãs artificiais na ilha da Madeira nunca chegaram a ser construídas. Quanto ao destino dado aos materiais, sabe-se que foram reutilizados noutras obras e uma grande parte foi armazenada em estaleiros de construção civil privados, para, posteriormente, serem transformados em materiais para a própria construção civil.

²² Vide https://www.azoresgeopark.com/geoparque_acores/geossitios.php?id_geositio=65, última consulta em 20-07-2021.

1.1.2. Fajãs naturais

A grande pesquisa desta dissertação está na toponímia, em particular no topónimo Fajã e na sua importância para os Estudos Regionais e Locais. A ideia das fajãs serem um terreno plano e estreito, ou seja, nichos de terreno onde eram possíveis o cultivo e a fixação das pessoas, através da estabilização dos terrenos íngremes com a criação de soccos, comumente conhecidos na Madeira pelo nome de “poios” comprova-se pela investigação levada a cabo.

A temática das fajãs, sob o ponto de vista da formação geológica, pode ser melhor entendida se consultada alguma documentação. De modo a um melhor, e mais extenso, esclarecimento, pode ser lido o Anexo I, incluído no fim neste trabalho. As fajãs foram alvo de valorização patrimonial nos Açores e são, atualmente, património da Biosfera²³ que se apresenta no anexo II.

Assim as fajãs naturais são, pela documentação existente, essencialmente de dois tipos (detríticas e lávicas):

As fajãs detríticas (ou de talude), estão associadas a movimentos de massa de vertente, na sequência da instabilização das vertentes por uma acção erosiva na sua base: perdendo suporte, as formações superiores movimentam-se ao longo do declive sob acção do seu próprio peso, constituindo um depósito de gravidade mais ou menos extenso na sua base, que faz avançar a linha de costa; períodos de pluviosidade anormalmente elevada ou concentrada no tempo e a ocorrência de sismos energéticos moderados a fortes, contribuem para a ocorrência destes movimentos de vertente e o incremento/aparecimento de fajãs;

As fajãs lávicas (em vulcanologia denominadas de deltas lávicos), são originadas quando uma escoada lávica galga a falésia costeira, avançando mar a dentro e provocando o avanço da linha de costa; forma-se, assim, uma zona aplanada na base da vertente, com configuração em geral triangular/deltaica e frente rochosa linearizada (no caso de escoadas fluídas, do tipo pahoehoe) ou digitada (no caso das escoadas aa).²⁴

Esta tipologia, sendo de cariz geológico, não é alvo de estudo linguístico para o Património Linguístico Toponímico. Aqui, apenas têm relevância os nomes próprios e tem-se em linha de conta uma classificação linguística sendo primordial que o nome “fajã” ocorra no topónimo.

²³ Vide <https://dre.pt/application/file/a/531481> , última consulta: 15-11-2020

²⁴ Vide <https://core.ac.uk/download/pdf/61438746.pdf> , última consulta: 30-07-2021

1.2. Caracterização linguística

A análise que se vai realizar parte de um reagrupamento classificatório, com base no levantamento (*corpus*) linguístico. Para identificar cada topónimo, entre parêntesis, colocam-se as fontes (cf. Abreviaturas) e localizam-se com um código através de siglas (cf. Listagem). Por exemplo, SJ- corresponde à ilha de São Jorge, CLT corresponde ao Concelho da Calheta, IM o mesmo que ilha da Madeira e assim sucessivamente de acordo com cada um de seus significados explicados na listagem. Cada uma das abreviaturas tem por objetivo identificar cada topónimo de acordo com a sua localização geográfica e as respetivas fontes, de modo a serem facilmente organizadas, evitando, assim, que alguns topónimos pudessem ser confundidos, visto que existem nomes idênticos, como, por exemplo: Fajã de Baixo, IM, CLT (OSM/MAC) é o mesmo que ilha da Madeira, concelho da Calheta/ Fajã de Baixo, SN (MAC/OSM/WA) ilha de São Nicolau, *Mapcart*, *openstreetmap*, *Wikipédia*. Neste exemplo para o mesmo topónimo, temos indicações diferentes, que permitem indicar ilha, concelho e fontes (cf. Apêndice, onde foram reagrupadas para haver apenas uma entrada), em diferentes ilhas. Serviu, também, para que se tornasse mais fácil a sua consulta, permitindo rapidamente identificá-los geograficamente.

1.2.1. Topónimos principais e secundários

Foi com base na procura de dados para a realização desta dissertação que claramente se deu conta não só da quantidade, como também, da diversidade de substantivos e adjetivos usados para determinarem o topónimo “Fajã”. Este facto, levou a classificá-los também como, principais e secundários²⁵. Essa informação foi conseguida através de uma pesquisa nas seguintes moradas eletrónicas:²⁶

²⁵A proposta foi feita pela orientadora, para concentrar o estudo apenas nos topónimos municipais.

²⁶ <https://igme.maps.arcgis.com/home/index.html> , última consulta em 14-11-2020 (IGME).
https://www.coordenadas.de/ilha_da_madeira , última consulta em 20-11-2020 (CDI).
<http://www.concelhodecamaradelobos.com/dicionario/faja.html>, última consulta em 20-11-2020 (WCML).
<https://toponimiacanarias.ulpgc.es/glosario?letra=F> , última consulta em 29-11-2020 (TC).
www.portomoniz.pt/pt/concelho/freg/achadas-da-cruz , última consulta em 14-11-2020 (ACZ).
<https://www.google.com/maps> , última consulta em 14-11-2020 (GMP).
<https://elevationmap.net> , última consulta em 18-11-2020 (EM).
<https://www.openstreetmap.org/> , última consulta em 19-11-2020 (OSM).
<https://mapcarta.com/pt/> , última consulta em 19-11-2020 (MAC).

O substantivo “fajã” também ocorre em nomes associados a: ribeiras, ribeiros, estradas, caminhos e algumas ruas. Logo, remete rapidamente para a toponímia municipal e de localidades, dando-lhes um cariz importante na vida dos moradores de então, de todo o espaço da Macaronésia. Apresentam-se apenas alguns a título de exemplo. Derivam, neste caso, dos topónimos tidos como principais.

No arquipélago dos Açores, apresentam-se dois topónimos secundários: Miradouro da Fajã do Conde, Flores, Açores; Praia da Fajã, Faial, Açores. No cabo-verdiano, há vários, como se pode observar: Ribeira da Fajã d'Água, Brava, Cabo Verde; Ribeira da Fajã, Figueira Pavão, Santa Catarina do Fogo, Cabo Verde²⁷; Ribeira de Fajãzinha, Fajãzinha, Mosteiros, Cabo Verde. Nas Canárias, identificaram-se os seguintes: Caldero de la Fajana Santa Cruz de La Palma, Canárias; Fuente de la Fajana Barlovento, La Palma, Canárias. No arquipélago da Madeira, existe uma diversidade toponímica não apenas nos topónimos principais, mas também nos topónimos secundários, como se constata pela pesquisa realizada: Caminho da Fajã, Câmara de Lobos, Madeira; Caminho da Fajã, Castelejo, Estreito de Câmara de Lobos, Madeira; Caminho Fajã do Mar, Calheta, Madeira; Estrada da Fajã do Cedro Gordo, São Roque do Faial, Santana, Madeira; Estrada Fajã da Ovelha, Calheta, Madeira; Levada da Fajã, Câmara de Lobos, Madeira; Levada Fajã do Rodrigues, São Vicente, Madeira. Tunel da Fajã do Manuel. Porto Moniz, Madeira; Tunel da Fajã, Calheta, Madeira; Tunel Fajã das Contreiras, Porto Moniz, Madeira.²⁸

Estes topónimos secundários representam apenas um exemplo de como a toponímia principal influencia na decisão de novos topónimos na medida em que novos espaços vão surgindo, nestes casos, ruas, estradas, entre outros. Como os topónimos secundários incluem os principais, considerou-se relevante estudar exclusivamente estes.

1.2.2. Classificação dos topónimos

Depois de listados (o *corpus* deste estudo), a fim de classificar o conjunto relevante dos topónimos que se encontra em apêndice, optou-se por uma abordagem linguística geral. Reagruparam-se, seguindo o vocabulário associado a Fajã no próprio topónimo, incluindo os casos em que não o tem porque aparece isolado, enquanto Fajã. Por conseguinte, considera-se o conjunto relacionado com antropónimos, o associado a

²⁸ <https://www.openstreetmap.org/search?query=ribeira%20da%20faj%C3%A3#map=14/14.9281/-24.4706> última consulta em 10-03-2021 (OSM).

alcunhas, o ligado a nomes de santos e outros elementos religiosos. Contabilizam-se, ainda, outros conjuntos, como o grupo dos topónimos com indicações de animais²⁹ Fauna e para o conjunto relacionado com a botânica Flora³⁰, evidenciando a importância que a natureza tem na toponímia das ilhas. Além destes, contam-se também os que, ao nome “Fajã”, é adicionado um adjetivo, que na maior parte dos casos localiza a “fajã”, podendo também indicar uma dimensão ou outra característica do terreno. No elenco dos topónimos levantado (cf. Apêndice), destaca-se um número considerável de topónimos em que ocorre um nome comum como “Areia”, “Pedra”, “Penedo”, etc. que se julga remeter para um material, por certo, abundante no local ou dele característico. Em suma, nos topónimos em estudo, há dois grandes grupos a considerar um sem extensão (com apenas o nome Fajã) e outro com extensão linguística (com adjetivo ou um sintagma preposicional iniciado pela preposição “de”. Este último é o que predomina. Segundo Elias de Souza Santos e Edgar Souza da Silva, quanto à sua Classificação podem ser entre outros os seguintes: Zootopónimo, relacionado com a zoologia ou fauna; Hidrotopónimo, relacionado com a água; Fitotopónimo, ou ainda relacionado com as plantas ou vegetais; Animotopónimo, ânimo, coragem; Litotopónimo, relacionado com a geologia; Cardinotopónimo, relativo aos números; Ergotopónimo, relacionado com trabalho; Geomorfotopónimo, relacionado com o relevo; Antropotopónimo, relacionado com nomes.

Reagrupamento tipológico dos topónimos

- A) Fajãs geológicas sem uma indicação no nome
- B) Fajãs geológicas com a identificação “Fajã” no topónimo
 - 1) Topónimo sem extensão
 - 2) Topónimo com extensão
 - 2.1) Antropónimos
 - 2.2) Alcunhas
 - 2.3) Elementos religiosos
 - 2.4) Fauna
 - 2.4.1) Flora
 - 2.5) Adjetivos

²⁹ As características relacionadas com os animais ficaram simplesmente agrupadas com o termo: Fauna.

³⁰ Os elementos relacionados com a questão da botânica ou com nomes de plantas, tal como acontece com a fauna ficam agrupados como Flora.

- 2.6) Características geográficas
- 2.7) Indicação de materiais
- 2.8) Dupla identificação toponímica
- 2.9) Dificuldades na classificação
- 2.10) Diminutivos
- 2.11) Nome de santo

Deste modo, agruparam-se os topónimos de acordo com estas características, tornando-se mais fácil a sua comparação entre os diversos arquipélagos em estudo. Permitiu, de certa forma, entender quais os motivos, e até mesmo, quais os porquês da toponímia, qual a razão da escolha dos topónimos.

2. Os topónimos com Fajã por arquipélago

Nesta dissertação o tema principal, como é sabido, é o topónimo Fajã. Sendo assim, decidiu-se expor neste trabalho, de uma forma organizada, os topónimos encontrados durante a realização da investigação. Adotando a ordem alfabética, iniciou-se a pesquisa pelo arquipélago dos Açores, seguindo-se o arquipélago Cabo-Verdiano, o arquipélago das Canárias e por fim a Madeira. Provavelmente, não terão tido a atenção, ou não lhe terá sido dada a importância devida, exatamente por serem topónimos tão comuns e estarem tão enraizados nessas localidades. Deste modo, não obtiveram, nem se apresentaram como um topónimo estranho e incomum, tendo em conta a familiaridade com o topónimo, não causando qualquer estranheza aos moradores, a Paisagem linguística oral, como refere Rebelo, (2021):

Tudo tem um nome, incluindo o território paisagístico, e, quando parece não ter nome porque se desconhece, designa-se por “coisa” ou “isso/ isto/ aquilo”, servindo os demonstrativos para apontar, mais do que nomear. Entende-se que, no geral, há dois modos de encarar o assunto: a estranheza e a familiaridade. Primeiro para o forasteiro, quando confrontado com a toponímia oral (a tal Paisagem Linguística Oral), os nomes soam a estranho. Para quem os ouve pela primeira vez ou não os usa habitualmente pensa neles e no que significam, causando-lhe estranheza, o que pode mesmo levar à curiosidade, procurando a motivação linguística. Segundo, para os locais, os nomes são corriqueiros porque estão familiarizados com eles. Quem os usa habitualmente não os questiona, aceitando-os sem qualquer pontinha de bizzaria. De onde vêm? Que origem têm? Quem colocou esses nomes? Por que razão surgem?

2.1. As fajãs nos Açores

Na pesquisa realizada, foi encontrado o topónimo Fajã em várias ilhas do arquipélago dos Açores, sendo predominante, sobretudo, na ilha de São Jorge, com 76 nomes de localidades. É o território insular onde se regista o maior número de ocorrências. A diferença com as outras ilhas açorianas é impressionante. Como se comprova no gráfico n.º 2, abaixo, na ilha do Corvo, não foi identificado nenhum topónimo (apesar de a capital da ilha Vila do Corvo ser uma fajã lávica)³¹. Na ilha de Santa Maria, assim como na ilha do Pico, foi assinalada apenas uma ocorrência em cada uma delas. Nas restantes ilhas, os topónimos com Fajã variam entre as 3 e 4 ocorrências. A soma total para os Açores é de 95 nomes.

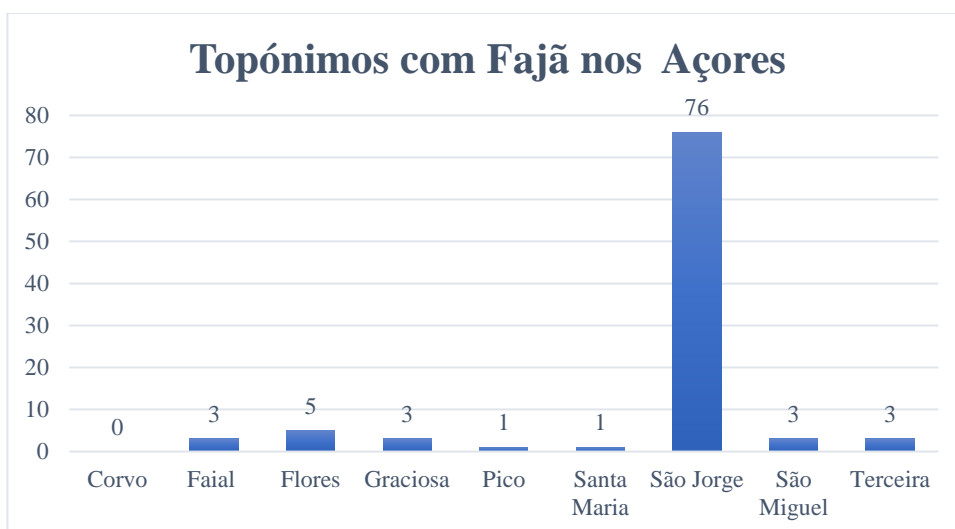


Gráfico n.º 2: Quantidade de topónimos identificados no arquipélago dos Açores

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

A análise linguística dos topónimos açorianos revela que o próprio substantivo pode constituir por si só um nome próprio, como se verificou em Fajã, FA (OSM/ MAC) / FS, SCF, (EPI)/ GR (MAC) / SJ, CV(EPI). Além desta particularidade, surge também o diminutivo Fajãzinha, FS (GEPB-39/ OSM/ MAC/WA) / SJ, CHT (OSM/ MAC/ WA) / SM, VP (OSM/ MAC/IGME) / TA (WA). Destaca-se a junção das duas possibilidades que ocorre em Fajã Fajãzinha, SJ (WA).

³¹ Vide https://www.azoresgeopark.com/geoparque_aces/geossitios.php?id_geositio=2, última consulta em 11-09-2021

Curiosamente, algumas fajãs são conhecidas por mais do que um nome, o que pode complicar o seu reconhecimento. Algumas pessoas identificá-las-ão por um e outras pelo outro. Aqui, decidiu-se colocá-las ao mesmo nível, embora sejam dois topónimos remetendo apenas para uma fajã em concreto. É o que acontece com Fajã da Ponta Grossa ou do Mero, SJ (WA); Fajã da Rocha ou da Coqueira, SJ (WA); Fajã das Cubas ou da Baleia, SJ (WA). Por razões difíceis de explicar, há fajãs com toponímia dupla, como referido, podendo significar uma alteração no nome devido às vivências na comunidade, nomeadamente na venda da terra e na mudança de proprietário. As razões podem ser múltiplas e registam-se aqui alguns casos para ilustrar o fenómeno sem procurar as razões já que este não é propriamente o objetivo do trabalho.

Os adjetivos surgem no nome próprio, indicando características da fajã, como sucede em Fajã Chã, SJ (WA); Fajã Grande, FS (EPI/ GEPB-X/ GEPB-39 OSM/ MAC/WA) / SJ, CHT (OSM/ MAC/WA); Fajã Rasa, SJ (WA) e Fajã Redonda, SJ (WA). Uma particularidade registada é a de associar a fajã com um nome próprio que remete para um individuo concreto, apontando, certamente, para o proprietário. Na listagem obtida, faz-se a diferença entre os que têm nome completo e os que têm apenas apelido, incluindo um sobrenome estrangeiro. Neste conjunto, em que a ligação entre Fajã e o nome próprio se faz maioritariamente pela preposição “de”, havendo casos sem ela e outros com a contração com o artigo definido (a indicar a identificação específica do proprietário), predominam os nomes masculinos, como se pode observar, fazendo a separação em dois grupos A e B:

A) nomes masculinos- Fajã Amaro da Cunha, SJ (WA); Fajã de Fernando Afonso, SJ (WA); Fajã de João Dias, SJ (OSM/ MAC/WA); Fajã de Lopo Vaz, FS (OSM/ MAC/WA); Fajã de Manuel Teixeira, SJ (WA); Fajã de Vasco Martins, SJ (WA); Fajã do Cardoso, SJ (WA) Fajã do Fischer, TA (WA) e Fajã do Lemos, SJ (WA)

B) nomes femininos-Fajã Isabel Pereira, SJ (WA) e Fajã Maria Pereira, SJ (WA)

Quanto aos apelidos, para identificar a fajã, acontece encontrá-los também, não a remeter para a própria fajã, mas para outro elemento, como sucede em Fajã da Fonte do Nicolau, SJ (WA). No conjunto dos topónimos açorianos em estudo, observou-se que há alguns que apontam para nomes de pessoas. A única diferença é que são, supostamente, alcunhas, entre as quais predominam as masculinas: Fajã da Neca, SJ (WA); Fajã do Belo, SJ (OSM/ MAC/GM/WA); Fajã do Castelhana, SJ (WA); Fajã do Conde, FS (WA); Fajã do Negro, SJ (WA) e Fajã do Ouvidor, SJ (OSM/ MAC/WA). Neste conjunto, é difícil identificar os proprietários porque vêm essencialmente acompanhados por adjetivos

como que a sublinhar uma característica individual de uma certa pessoa: origem, aspeto físico, título, entre outras possibilidades, como Neca, que parece ser um diminutivo. No entanto, não há margem para dúvidas de que apontam para indivíduos conhecidos nas comunidades por essas designações. Verificou-se que um nome se distingue bastante dos anteriores, contendo uma expressão formada por um verbo e um numeral, julgando-se ser também uma alcunha do proprietário, embora não tenha preposição e artigo. Trata-se de Fajã Mata Sete, SJ (WA).

Descobriu-se que o topónimo está associado à derrocada que terá roubado a vida a sete pessoas, o que se descobriu em *O canto de um lavrador*, (Soares,1996). Continuando com os nomes próprios, as fajãs vêm também identificadas com nomes de santo e de elementos religiosos. Este dado poderá levar a comprovar a influência religiosa. Era parte integrante da vida dos habitantes das fajãs. É o caso de Fajã de Santo Amaro, SJ (OSM/ MAC/WA) e Fajã de São João, SJ (OSM/ MAC/ WA). A vertente religiosa da população regista-se, igualmente, noutras designações como em Fajã das Almas, SJ (OSM/ MAC/WA). O nome religioso também surge para caracterizar um elemento relacionado com a fajã, o que é evidenciado em Fajã da Caldeira de Santo Cristo, SJ (OSM/ MAC/WA); Fajã do Cruzal, SJ (WA) e Fajã da Ermida, SJ (WA).

Distanciando-se da temática da religião, parece surgir uma preferência pela ligação à natureza, seja pela atribuição de nomes de animais, seja pela escolha de designações botânicas. Para os animais, ou fauna, ocorrem os seguintes: Fajã da Abelheira, SJ (WA); Fajã do Boi, SJ (WA) e Fajã dos Bodes, SJ (OSM/ MAC/WA). No que diz respeito à botânica, foi encontrado um número considerável de topónimos, como se pode verificar pela enumeração que se segue: Fajã da Saramagueira, SJ (WA); Fajã das Feiteiras. SJ (WA); Fajã de Vimes, SJ (EPI); Fajã do Centeio, SJ (WA); Fajã do Ginjal, SJ (OSM/ MAC/WA); Fajã do Labaçal, SJ (WA); Fajã do Sanguinhal, SJ (WA); Fajã dos Azevinhos, SJ (WA); Fajã dos Cubres, SJ (OSM/ MAC/WA) e Fajã dos Vimes, SJ (GEPB-X/ OSM/ MAC/WA). Esta ligação à natureza, também se registou de modo indireto num topónimo que se pode considerar como uma referência toponímica com dois sintagmas preposicionais (1) do Cerrado e 2) das silvas), em Fajã do Cerrado das Silvas, SJ (WA).

No arquipélago dos Açores, quanto à caracterização geográfica, as “fajãs” remetem para a sua localização, de modo a serem, facilmente, situadas, quando, deduz-se, mencionadas pelos primeiros habitantes destas ilhas. Deste modo, as indicações das características do meio envolvente são a sua marca, como, por exemplo: Fajã da Beira

Mar, GR (WA); Fajã da Betesga³², SJ (WA); Fajã da Caldeira, SJ (GEPB-X); Fajã da Caldeira de Cima, SJ (OSM/ MAC/WA)³³, Fajã da Ponta Furada, SJ (WA). Fajã da Ponta Nova, SJ (WA); Fajã da Praia do Norte, FA (WA); Fajã da Ribeira da Areia, SJ (OSM/ MAC/WA); Fajã da Ribeira Funda, SJ (WA); Fajã da Vereda Vermelha, SJ (WA) ; Fajã das Funduras, SJ (WA); Fajã das Pontas, SJ (OSM/ MAC/WA); Fajã de Além, SJ (OSM/ MAC/WA); Fajã de Baixo, SMI (GEPB-V/ GEPB-X/ GEPB-39/ OSM/ MAC/WA); Fajã de Cima, SMI (EPI/ GEPB-V/ GEPB-X/ GEPB-39/ OSM/ MAC/WA); Fajã de Entre Poios³⁴, SJ (WA); Fajã de Entre Ribeiras, SJ (WA). A preposição “de” vem dar destaque às “fajãs”, permitindo a sua distinção no meio geográfico envolvente, como se referiu no início deste parágrafo e como se confere com as seguintes, Fajã do Calhão, SJ (EPI), Fajã do Calhau Rolado, SJ (WA); Fajã do Calhau, SMI (OSM/ MAC/WA); Fajã do Caminho do Meio, SJ (WA); Fajã do Canto, SJ (WA); Fajã do Norte das Fajãs³⁵, SJ (OSM/WA); Fajã do Norte Estreito, SJ (WA); Fajã do Nortezinho, SJ (WA)³⁶; Fajã do Valado, SJ (WA); Fajã do Varadouro, FA (WA).

Em relação à Fajã da Folga, GR (WA), surge a incerteza. Como definir este topónimo? O que se entende por “folga”? Tendo em conta o facto de não se saber em que contexto terá sido dado este topónimo, como a maioria dos topónimos estudados, presume-se estar relacionado com o meio envolvente (características geográficas), seguindo este raciocínio incluem-se também a Fajã das Barreiras, SJ (WA)³⁷, Fajã das Fajanelas, SJ (WA), Fajã do Cavalete, SJ (WA), Fajã do Salto Verde, SJ (WA).

Na totalidade dos dados recolhidos, há vários topónimos que têm extensões linguísticas que levantam dificuldades de interpretação, sendo necessário recorrer à definição do vocábulo que acompanha “Fajã”. Foi o que se procurou fazer para acabar com a incerteza. Tendo em conta que estas fajãs fazem alusão a objetos com utilidades

³² Rua estreita, um beco sem saída, *vide* <https://dicionario.priberam.org/betesga> , última consulta em 24-05-2021.

³³ Como se constata na ilha de São Jorge, existem duas Fajãs da Caldeira, sendo uma a de Cima e a outra simplesmente a Fajã da Caldeira.

³⁴ A palavra não é exclusiva da Madeira.

³⁵ Esta indicação, evidentemente geográfica, indica encontrar-se a norte de outras “fajãs”, sendo ela, em si mesma, uma fajã com um nome próprio exclusivamente de localização geográfica.

³⁶ O diminutivo “nortezinho” não indica a dimensão geográfica da fajã, mas o ponto em que se localiza. No entanto, o diminutivo em Norte também pode levar a pensar numa alcinha.

³⁷ Pode ser um local de onde se retira o barro.

práticas, procurando a definição do segundo elemento da composição do topónimo: Fajã da Choupana, SJ (WA)³⁸; Fajã da Fragueira, SJ (WA)³⁹; Fajã da Serreta, TA (WA)⁴⁰.

Para finalizar a análise da toponímia registada para os Açores, faz-se referência a topónimos onde parece ocorrer a indicação dos materiais: Fajã da Baixa, PI (WA)⁴¹; Fajã da Pelada, SJ (WA)⁴²; Fajã da Penedia, SJ (OSM/ MAC/WA) e Fajã dos Tijolos, SJ (WA).

Não se pretende uma análise individual de cada topónimo, mas um estudo de conjunto. Neste seguimento, por exemplo, veja-se o gráfico n.º 3 que sintetiza os dados para os Açores.

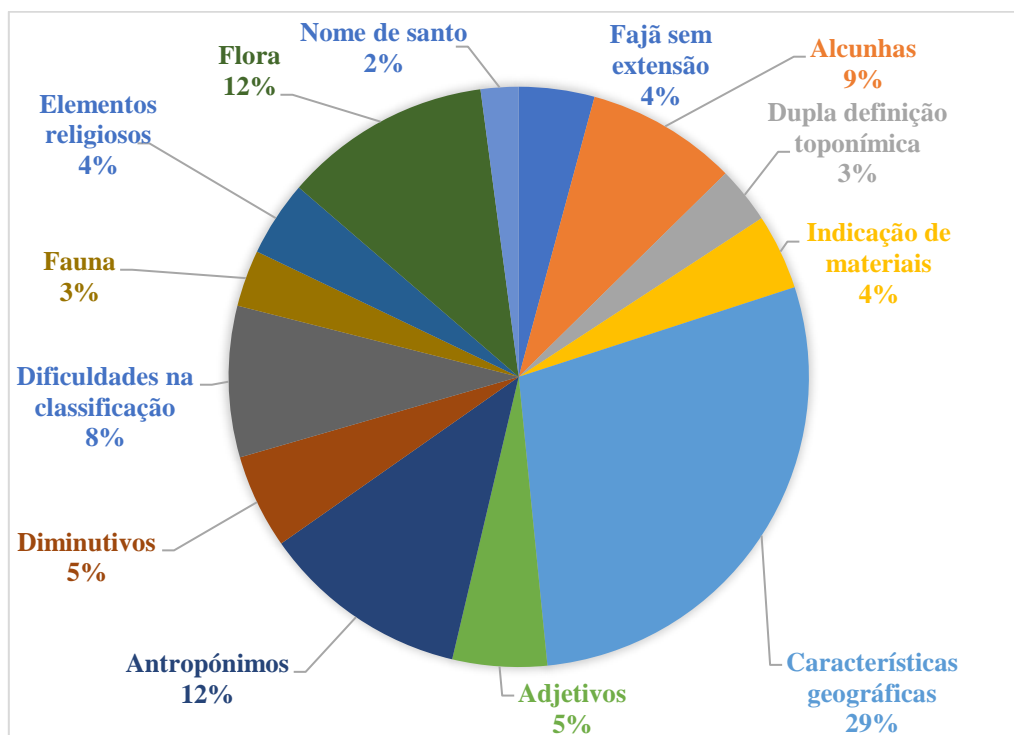


Gráfico n.º 3: Fajãs por tema no arquipélago dos Açores

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

³⁸ Cabana, palhota, casa muito pobre, vide <https://dicionario.priberam.org/betesga>, última consulta em 24-05-2021.

³⁹ Adjetivo feminino singular de fragueiro: 1. que leva a vida por serras e fragas, a arrancar a pedra; 2. que leva vida trabalhosa e dura; 3. agreste; rude. vide <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/fragueira>, última consulta em 24-05-2021

⁴⁰ Pequena serra, serrilha/ Cada uma das tábuas que forram a parte lateral dos porões de carga para impedir o contacto com o chapeamento da embarcação, vide <https://dicionario.priberam.org/betesga>, última consulta em 24-05-2021.

⁴¹ "Baixa", nos Açores como na Madeira, é um termo utilizado popularmente, equivale a rochedo no mar que se deteta com a baixa-mar e que nem sempre é visível nas outras ocasiões.

⁴² (feminino de pelado), substantivo feminino; 1. Clareira no mato; 2. [Medicina] Doença que faz cair, por zonas, os pelos e os cabelos; calvície; 3. [Brasil] Jogo de futebol informal e amador. = PELADINHA, RACHA. vide <https://dicionario.priberam.org/pelada>, última consulta em 24-05-2021.

A análise do gráfico n.º 3 indica, claramente, que a maioria dos topónimos no arquipélago dos Açores está relacionada com o elemento geográfico, cuja percentagem é de 29%. Demonstra a importância dada a este elemento. Os nomes próprios ligados à identificação das pessoas, (antropónimos) aparecem aqui com uma correspondência de 12%, do total da toponímia. Indicam, ao contrário do que se constatou nos restantes arquipélagos, como se vai verificar, uma forte influência destas personalidades mais ou menos conhecidas na sociedade da época, gravada na toponímia, seguindo-se, logo, a seguir a flora com 12%. Revela a importância da botânica nestas características do arquipélago. Assim, é demonstrado o valor da natureza através da toponímia destas localidades. Deste modo, é de salientar que num universo de 13 reagrupamentos classificatórios estabelecidos, para os arquipélagos em estudo, no dos Açores, as três atrás expostas foram as que mais se evidenciaram.

Após ter tratado os topónimos açorianos, passa-se para o arquipélago de Cabo Verde, a fim de dar conta dos materiais recolhidos. Segue-se a mesma metodologia analítica para tentar compreender como funciona a toponímia com o elemento “Fajã” no conjunto dos dados cabo-verdianos. Num total de características de 13 reagrupamentos classificatórios pré-estabelecidos, não aparecem todos.

2.2. Cabo Verde e as fajãs

No arquipélago de Cabo Verde, não se identificou um grande número de topónimos com Fajã. Na totalidade, foram 27 os topónimos registados. As fajãs em Cabo Verde têm designações portuguesas, em consequência da influência histórica de Portugal, e isso é extremamente pertinente para o trabalho que se está a levar a cabo. Porém, listou-se uma fajã cujo nome remete para o crioulo. É a Fajã de Coculi, SA (MAC/WGCV). Não é o objetivo deste trabalho aprofundar questões relacionadas com os regionalismos característicos de cada arquipélago da Macaronésia⁴³. No entanto, aqui, fica a referência para o facto que é extremamente curioso, pois não se enquadra em nenhuma das modalidades do reagrupamento tipológico estabelecido para os topónimos. A opção foi colocar este topónimo no conjunto com dificuldades de classificação.

⁴³ Não se incluíram neste estudo os regionalismos linguísticos como uma característica para um reagrupamento porque não parecem ter relevância.

Das dez ilhas de Cabo Verde (nove habitadas), apenas em quatro se identificaram topónimos com Fajã, como se comprova no gráfico n.º 4. A ilha de Santo Antão é aquela onde se contabilizaram mais topónimos (22). A seguir, vêm São Nicolau (2) e Brava (2). Por fim, na ilha do Fogo, apontou-se apenas um topónimo. Esta discrepância pode dever-se às características geológicas das ilhas. Contudo, esse não é o aspeto a abordar de momento, já que nos interessam, apenas, os nomes que terão sido dados, provavelmente, por portugueses, aquando da nomeação do território.

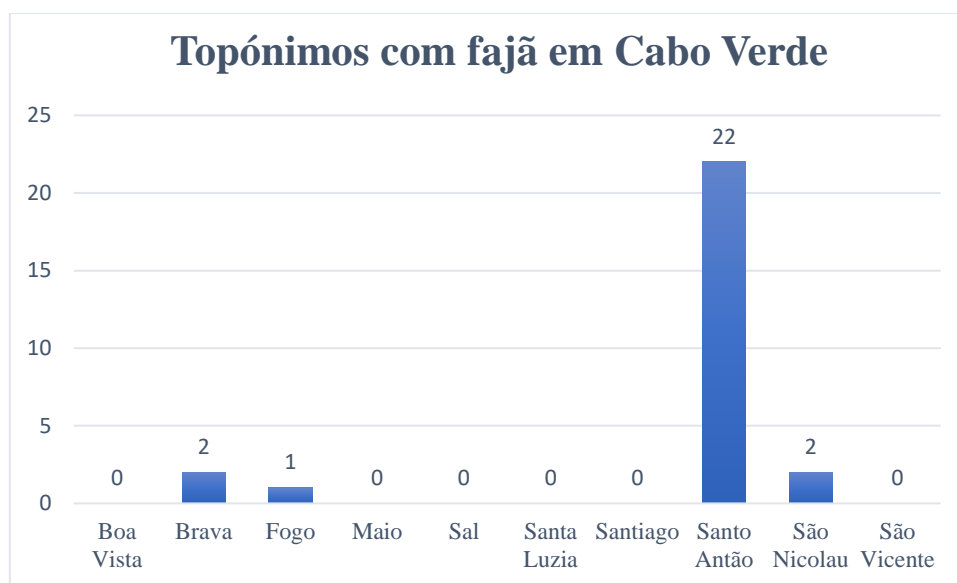


Gráfico n.º 4: Quantidade de topónimos identificados no arquipélago de Cabo Verde

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Quanto à classificação estabelecida para reagrupar os topónimos, neste arquipélago, foram identificadas duas “fajãs” com adjetivos: Fajã Alta, SA (GEPB-X) e Fajã Grande, SA (WGCV), ao contrário do que se conseguiu observar nos Açores em que houve um número considerável. A preferência toponímica parece ser outra.

Relativamente às designações da natureza, em particular aos nomes de animais, há a considerar, apenas 3 “fajãs” com essa referência: Fajã de Bois, SA, (EPI/ GEPB-X)⁴⁴. Fajã dos Bois, SA (WGCV) e Fajã dos Pombos, SA (WGCV). Em relação à flora, as

⁴⁴ Este topónimo foi identificado apenas em enciclopédias, nomeadamente na *Encyclopédia Portuguesa Illustrada*, Volume IV, como também na *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Volume X. Consideram-se ser dois topónimos diferentes Fajã de bois e Fajã dos Bois.

referências identificadas ficaram aquém das expectativas, tendo em conta o nome do arquipélago, pois foram identificados apenas 4 topónimos: Fajã de Mato, SA (MAC/OSM.); Fajã de Mato de Baixo, SA (WGCV); Fajã de Mato de Cima, SA (WGCV) e Fajã de Matos, SA (WGCV). Todas parecem apontar para o mesmo elemento. Considera-se “Matos” uma referência a “matos”, como plural de “mato”, e não no sentido de um sobrenome ou apelido, porque o mais lógico para a designação de um nome próprio, presume-se, seria *Fajã do Matos*.

O diminutivo de fajã, Fajãzinha, foi identificado em 3 localidades: FO, CMS (MAC/OSM/ WA) / SA, MPCV, (WGCV). Curiosamente, foi encontrado, na ilha de Santo Antão, o seguinte topónimo: Fajanzinha, na freguesia de Santo Crucifixo, Fajanzinha, SA (WGCV), que remete para a forma de escrita do português antigo e inclusive para a variante registada no capítulo I: “fajan”. O nome próprio isolado, sem qualquer extensão, Fajã, foi identificado na ilha Brava: Fajã, IB (GM).

As características geográficas que apontam para uma certa localização comunitária da “Fajã” destacam-se em Cabo Verde, parecendo constituir uma preferência importante na toponímia. Como se observou no arquipélago dos Açores, também em Cabo Verde assume um papel relevante: Fajã de Baixo, SN (MAC/OSM/WA) /SA, RG (MAC/OSM/WA/WGCV); Fajã de Cima, SA, RG (MAC/OSM/WA/WGCV) /SN (MAC/OSM/WA). Fajã dos Cumes, SA (AJAF/BLZA/WGCV).

O topónimo Fajã de Janela, SA (WGCV), como também Fajã de Tourinho, SA (WGCV)⁴⁵, devido à incerteza, classificam-se como tal, inserindo-se no grupo das dificuldades classificatórias, o mesmo critério se aplica para as seguintes: Fajã de Barreira⁴⁶, SA (WGCV), Fajã de Coculi, SA (MAC/WGCV) e Fajã de Tanque, SA (WGCV).

Para a classificação, surgiram questões relacionadas com o posicionamento geográfico, nomeadamente as dimensões do território, a sua localização geral e a formação do solo das “fajãs”. De modo a que se pudesse expor de uma forma explícita, clara e simples o que é a Fajã, quando isso vem mencionado no topónimo.

⁴⁵ Este último aparenta ser um diminutivo de touro e o outro uma referência a uma janela.

⁴⁶ Observou-se semelhanças linguísticas entre A Fajã de Barreira, SA (WGCV) e a Fajã das Barreiras, SJ (WA). Ambos os topónimos não dão certezas quanto ao seu significado, no primeiro caso poderá estar relacionado com um local de extração de barro ou onde existiu muito barro, como também, pode indicar dificuldades de passagem e de se transpor. No que diz respeito ao segundo topónimo a explicação pode ser a mesma, acrescentando-se o facto de estar no plural.

Neste arquipélago, encontrou-se apenas um topónimo que inclui um nome próprio de uma senhora: Fajã Domingas Benta, SA (MAC/OSM/WA/WGCV), e dois topónimos com nomes próprios masculinos: Fajã de Maurício, SA (WGCV); Fajã de Pedro Mendes, SA (WGCV). Reforça-se a ideia anteriormente exposta de que os topónimos identificam as “fajãs”. Porém, não as definem geologicamente. Tendo como exemplo a Fajã d`Água, IB (EPI/ GEPB-X/ MAC / OSM / WA), é obvio que a água é um elemento abundante na fajã, optou-se por a classificar nas características dos materiais.

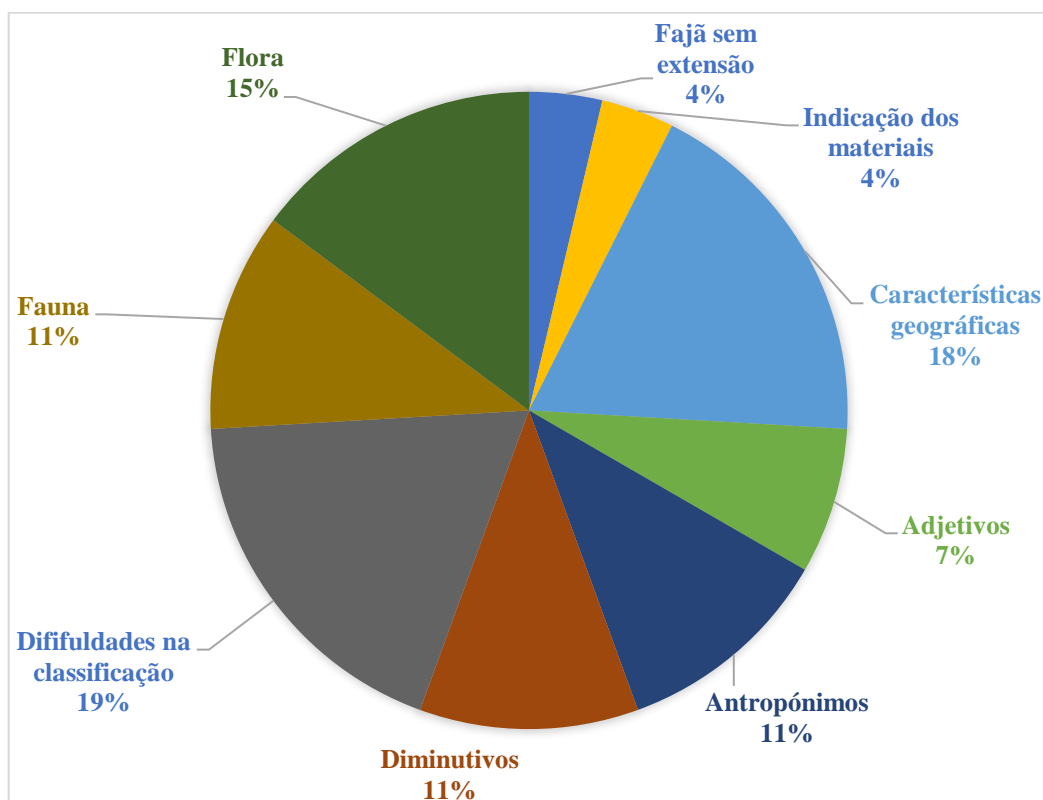


Gráfico n.º 5: Classificação toponímica das Fajãs no arquipélago de Cabo Verde

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

A análise do gráfico n.º 5 indica, claramente, que no arquipélago de Cabo Verde, predominam os topónimos relacionados com as dificuldades de classificação: 19%, os topónimos com características geográficas ocupam 18%. A flora, com 15% têm igual percentagem. Os antropónimos e os adjetivos têm a mesma percentagem 11%. Constatou-se também, uma menor diversidade toponímica, o que se deve ao menor número de

topónimos identificados neste arquipélago, comparativamente com os Açores. Passa-se, de seguida, para o arquipélago das Canárias.

2.3. As fajãs na toponímia das Canárias

No início da pesquisa, sabia-se que, por se falar espanhol nas Canárias, não se registaria o substantivo “fajã”, já que é uma forma manifestamente portuguesa. Facilmente se verificou (cf. capítulo I) que para identificar as fajãs, seria necessário procurar “Fajana”. Foi graças às pesquisas empreendidas para a toponímia que se encontraram referências linguísticas. Considera-se, como se disse, um substantivo com origem no latim *fascia* e, nesse sentido, como “fajana”, foram identificados vários nomes de lugares. No total, registou-se um número considerável, isto é, 73 topónimos, isto é bem mais do que em Cabo Verde. Os resultados figuram no gráfico n.º 6. Novamente, também neste arquipélago, a razão para haver mais numa ilha do que noutras pode prender-se com questões ligadas à formação geológica das ilhas. Isso comprova-se, já que a quase totalidade se regista numa das oito ilhas das Canárias, La Palma. Porém, há três ilhas onde se contabilizaram um topónimo com Fajana, em El Hierro e em Gran Canaria e Tenerife.

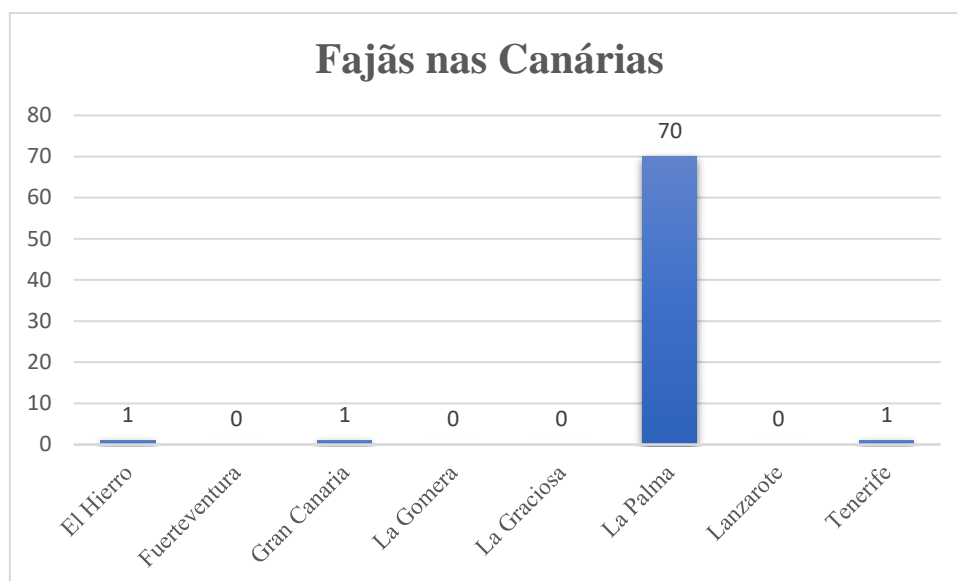


Gráfico n.º 6: Quantidade de topónimos identificados no arquipélago das Canárias

Fonte: Elaborado pelo Autor, 2021

Neste arquipélago, os adjetivos encontrados para definir algumas dessas fajãs foram os seguintes: La Fajana Cumplida, LP, BO (TPCF); La Fajana Oscura, LP, GS (TPCF); La Fajana Redonda, LP, BO (TPCF)/ LP, PNA (TPCF); La Fajana Rosa, LP, PNG (TPCF),

A toponímia identificada com a fauna foi a seguinte: Fajana de la Colmena, LP, GA (TPCF); Fajana de la Tea, LP, SAS (TPCF); Fajana de las Vacas, LP, GA (TPCF); Fajana del Avispero, LP, EP (TPCF); Fajana del Conejo Negro, LP, GA (TPCF); Fajana del Cuervo, LP, GA (TPCF); Fajana del Mosquito, LP, PNA (TPCF).

A toponímia relacionada com a botânica ou flora, no arquipélago das Canárias, foi a seguinte: Fajana de las Arvejas, LP, BO (TPCF); Fajana de la Helechera, LP, SCLP (TPCF); Fajana de la Madera, LP, BO (TPCF); Fajana de las Gamonas, LP, EP (TPCF); Fajana de los Castañeros, LP, SAS (TPCF); Fajana de los Codesos, LP, EP (TPCF); Fajana de los Culantrillos, LP, EP (TPCF); Fajana de los Tilos, LP, SAS (TPCF); Fajana de los Tomillos, LP, PNG (TPCF); Fajana del Almendro Amargo, LP, EP (TPCF); Fajana del Brezo, LP, PNG (TPCF); Fajana del Carbón, LP, EP (TPCF) / LP, PNG (TPCF); Fajana del Garabato, LP, SAS (TPCF); Fajana del Palo Amarillo, LP, SCLP (TPCF); Fajana del Tagasaste, LP, GA (TPCF).

Foram listados dois topónimos que remetem para o diminutivo; La Fajanita, GRC, ASN (TPCF)/ LP, GA (TPCF). O topónimo “Fajana” foi identificado principalmente na toponímia de La Palma em uma localidade na ilha de Hierro como se comprova em La Fajana, EH, VV (TPCF) e outra em Tenerife, La Fajana: TF, SCL (TPCF). Sendo as restantes 16 na Ilha de La Palma: La Fajana, LP, BA (TPCF)/ LP, BO (OPS/MAC/TPCF)/ LP, EP(TPCF)/ LP, EP, LBS (TPCF)/ LP, EPO PNA (TPCF)/ LP, FLA (OSM/TPCF)/ LP, GA (OSM/MAC/TPCF)/ LP, LPA TJE (TPCF)/ LP, PNA, EG (TPCF)/ LP, PNA, EM (TPCF)/ LP, PNA, ML (TPCF)/ LP, SAS, LGS (TPCF)/ LP, SAS, LLS (TPCF)/ LP, SCLP, BDR (TPCF)/ LP, SCLP, MRA (TPCF)/ LP, TJE, EJ (TPCF).

As Fajãs com um elemento linguístico ligado às características geográficas foram as seguintes: La Fajana de Abajo, LP, SAS (TPCF); La Fajana de Arriba, LP, SAS (TPCF),

Com indicação de materiais, foram as seguintes: Fajana de la Laja: LP, PNA (TPCF), Fajana de la Plata: LP, SAS (TPCF,) Fajana de las Tablas, LP, SAS (TPCF),

As fajãs em que houve dificuldade na definição, foram: Fajana de la Tranza, LP, TJE (TPCF) Fajana de Guanaguao, LP, EP (TPCF); La Fajaneta⁴⁷, LP, BO (OSM/TPCF) / LP, PNG (TPCF); Fajana de los Torcidos, LP, BO (TPCF), Fajana del Espigón, LP, PNA (TPCF), Fajana del Esteo, LP, EP (TPCF), Fajana del Paso, LP, GA (TPCF); Fajana de la Puente, LP, SAS (TPCF)e Fajana de la Perna, LP (TPCF).

Os elementos relacionados com antropónimos foram os seguintes: Fajana de Correa, LP, BO (TPCF), Fajana de Rosa Morales, LP, GA (TPCF), Fajana de los Yanes, LP, PNG (TPCF) Fajana del Hospital, LP, SCLP (TPCF)⁴⁸.

Entendeu-se classificar a Fajana del Capadero: LP, EP (TPCF) como alcunha. Tendo em conta tratar-se de uma reunião organizada por criadores de animais, para capturar os animais, sem localização fixa, ou outra referência que nos parecesse mais adequada. Como alcunhas também se consideraram, os seguintes topónimos: Fajana de Guerra, LP, TJE (TPCF); Fajana de la Vieja, LP, SCLP (TPCF).

Apenas se identificaram 2 topónimos relacionados com elementos ou marcas religiosas: Fajana de la Cruz de Juan del Paso, LP, TJE (TPCF)⁴⁹, Fajana del Pulpito, LP, NG (TPCF)/ LP, PNG (TPCF).

⁴⁷ Fajã das Fajanelas, SJ (WA), fajaneta e fajanetas aproximam-se indicando que fajanetas seja o plural de fajaneta.

⁴⁸ Apesar de não haver o nome próprio do hospital, ele está implícito com a indicação do artigo definido. Evidentemente, aqui não identificam uma pessoa.

⁴⁹ Também remete para o nome de uma pessoa.

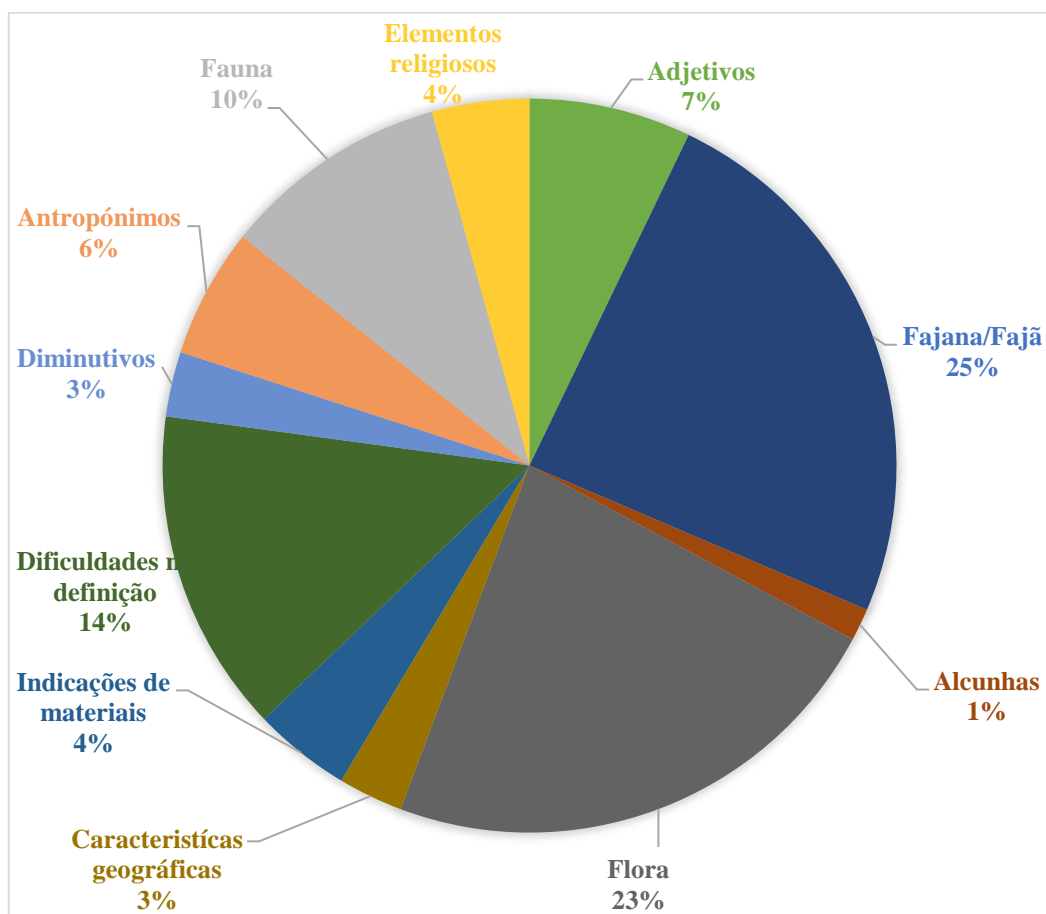


Gráfico n.º 7: Classificação toponímica das Fajãs no arquipélago das Canárias

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

A análise do gráfico n.º 7 demonstra que as Fajanas, no arquipélago das Canárias, incidem, sobretudo, no topónimo “Fajana” sem qualquer extensão no nome, cuja totalidade é de 25%, sendo a que tem maior percentagem do total analisado neste arquipélago. Neste território, a flora representa 23% e antecede a terceira maior percentagem, dificuldades na definição, que totalizam 14%.

2.4. O arquipélago da Madeira e as fajãs

A ideia inicial para a realização deste estudo sobre as fajãs surgiu num trabalho do âmbito do Património Linguístico para estudar a Fajã da Ovelha e devido ao facto de a ilha da Madeira ser o local de onde se realizou este estudo. Neste espaço insular, o topónimo “fajã” está muito presente e é bastante utilizado na toponímia local, como se pode constatar no gráfico n.º 8:

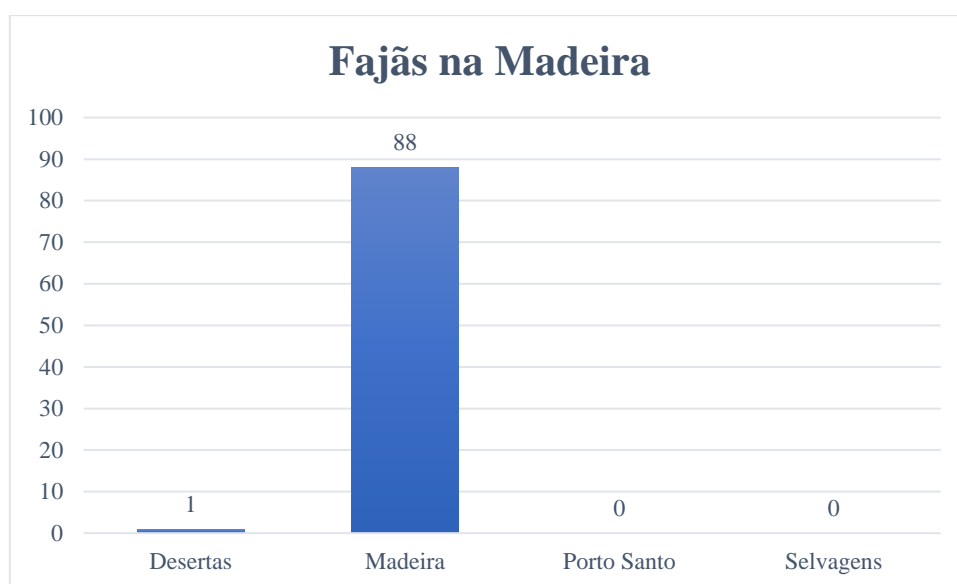


Gráfico n.º 8: Quantidade de topónimos identificados no arquipélago da Madeira

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Na análise toponímica sobre a Madeira, os adjetivos associados ao elemento Fajã foram os seguintes: Fajã Alta, IM (OSM/ MAC/GMP); Fajã Escura, IM (OSM/MAC/WCML); Fajã Grande, IM, CLT (OSM/IFCN) / IM, SVC (OSM); Fajã Nova, IM, CLT (OSM/IFCN) / IM, PMZ (ACZ/OSM/MAC); Fajã Pequena, IM, CLT (OSM/MAC) / IM, STN (OSM/MAC); Fajã Redonda, IM, RRB (OSM/MAC); Fajã Velha, IM (OSM/MAC).

As “fajãs” com referências à fauna tornaram mais fácil a sua identificação e foram agrupadas as seguintes: Fajã da Asna, IM (MD); Fajã da Ovelha, IM (ELI/ ELM/ EPI/ GEPB-V/ GEPB-39/ GEPB-X/ OSM/MAC/WA); Fajã da Porca, IM (MD); Fajã das Carriças, IM (MD); Fajã das Éguas, IM (OSM/MAC/GMP); Fajã das Galinhas, IM (OSM/MAC/ WCML); Fajã das Vacas, IM, CCH (OSM/CDI) / IM, STA (OSM); Fajã dos Asnos, IM (OSM/ MAC/WCML); Fajã dos Bichos, IM (OSM/MAC); Fajã dos Gatos,

IM, DG (MAC); Fajã dos Pombos, IM (OSM/MAC) e Fajã dos Rolos, IM (OSM/MAC/WA).

A toponímia relacionada com a botânica ou flora, ganha uma posição de destaque na ilha da Madeira, onde foi possível identificar as seguintes: Fajã da Panasqueira, IM (WCML)⁵⁰; Fajã da Mustarda, IM (MD); Fajã da Murta, IM (OSM/MAC); Fajã da Nogueira, IM (OSM/MAC); Fajã das Nogueiras, IM (ELM); Fajã da Parreira, IM (OSM/MAC); Fajã da Urtiga, IM (OSM/MAC); Fajã das Bebras, IM (OSM/MAC/WCML); Fajã das Flores, IM (IGME/CDI); Fajã das Malvas, IM, PMZ (ACZ); Fajã das Murtas, IM (OSM/MAC); Fajã das Palhas, IM (OSM/MAC/ IFCN); Fajã do Cedro Gordo, IM (OSM/MAC/WA); Fajã do Cerejo, IM (OSM/MAC)⁵¹; Fajã do Milho, IM, CCH (MAC/ CDI); Fajã do Trigo, IM (OSM/MAC); Fajã dos Barbusanos, IM (MAC); Fajã dos Cardos, IM (OSM/MAC/WCML/WA); Fajã dos Vinháticos, IM, RRB, IM (OSM/MAC)/IM, SVC, IM (OSM/MAC) e Fajã Palmeira, IM (OSM/MAC).

Neste arquipélago, o diminutivo de “fajã” foi identificado apenas no *Elucidário Madeirense*: Fajãzinha de Bento, IM (ELM). O substantivo “Fajã” aparece em três lugares: Fajã, IM, CLT (OSM/MAC) / IM, STN (OSM) / IM, FNC, SAT. A referência encontrada a este último topónimo foi apenas no *Elucidário Madeirense*.

No entanto, na ilha da Madeira, os seguintes topónimos, além de curiosos, são difíceis de agrupar: Fajã da Ama, IM (OSM/MAC); Fajã da Corsa, IM (OSM/MAC)⁵²; Fajã do Amo, IM (OSM/MAC). Continuando com a análise aos topónimos difíceis de agrupar, há outra referência a um outro meio de transporte, Fajã do Carro, IM (OSM/MAC). Agrupam-se ainda os seguintes topónimos, Fajã dos Chiqueiros, IM (WCML); Fajã da Falca de Baixo, IM, SVC (WSVC)⁵³.

Na ilha da Madeira, é possível identificar várias “fajãs”, numa área geográfica denominada as “Fajãs do Cabo Girão”, por se situarem próximas ao Cabo Girão. São as seguintes: Fajã das Bebras, IM (OSM/MAC/ WCML); Fajã da Pedreira, IM, CML (PCM); Fajã dos Asnos, IM (OSM/ MAC/WCML); Fajã dos Padres, IM

⁵⁰ Terreno onde crescem a planta panasqueira. Vide <https://dicionario.priberam.org/panasqueira> , última consulta em 24-05-2021.

⁵¹ Cerejo [e], s. m. tempo das cerejas; (bot.) o. m. q. loureiro-real. (De cereja). Vide Dicionário da língua portuguesa 7.ª Edição, Porto Editora.

⁵² A “corsa” era um meio de transporte utilizado como monta cargas, sem rodas, que permitia transportar cargas, como também, pessoas, através do seu deslizar pelas encostas ou puxado por animais.

⁵³ Em relação ao substantivo “falca” tem dois significados. De acordo com o dicionário *Priberam em linha*, tanto pode ser uma esmola, como pode ser uma tábua ou uma farpa de madeira. Vide <https://dicionario.priberam.org/falca> , última consulta em 20-05-2021

(ELM/GM/OSM/MAC/WA/ WCML); Fajã dos Padres e dos Asnos, IM (EPI)⁵⁴, estas “fajãs” fazem parte da área protegida do Cabo Girão ⁵⁵(cf. Anexo III).

As seguintes “fajãs”, cujos topónimos remetem para uma determinada localização geográfica, são as seguintes: Fajã da Ribeira, IM, CLT (MD)/IM, RRB, (OSM/MAC); Fajã de Baixo, IM, CLT (OSM/MAC); Fajã de Cima, IM, SVC (WSVC); Fajã de Dentro, IM (OSM/MAC); Fajã do Mar, IM CLT (ELM/OSM/MAC)/ IM, CML (WCML)/ IM, STN (OSM/MAC/GMP); Fajã do Meio, IM (OSM/MAC/GMP); Fajã Grande de Baixo, IM, STN (OSM/MAC); Fajã Grande de Cima, IM (OSM/MAC). Fajã do Penedo, IM (ELM/OSM/MAC/GMP).

A dupla toponímia pareceu difícil de entender. Porquê haver destas designações duplas? No entanto, e seguindo os critérios adotados ao longo deste estudo, ficam aqui referenciadas: Fajã dos Asnos ou do Gregório, IM (ELM); Fajã e Eiras, IM (OSM/MAC) e Fajã dos Padres e dos Asnos, IM (EPI).

A toponímia identificada por ter alguma relação com materiais é: Fajã da Areia, IM (ELM/OSM/MAC/GM); Fajã da Cinza, IM (OSM/MAC/GMP); Fajã da Pedra, IM, CLT (OSM)/ IM, PMZ (OSM/MAC); Fajã da Pedreira, IM, CML (PCM); Fajã do Barro, IM (OSM/MAC);

Foram apenas identificados dois nomes próprios femininos: Fajã das Contreiras⁵⁶, IM (OSM/MAC/ GMP), devido à preposição de indica que a fajã pertencia às Contreiras, prevalecendo deste modo o nome feminino Contreiras e Fajã de São Rodrigues, IM, SVC (WSVC)⁵⁷. Prosseguindo com a análise seguem-se a Fajã do Nunes, IM (OSM/MAC); Fajã do Pacheco, IM, SVC (WSVC); Fajã do Pereira, IM (OSM/MAC); Fajã do Rodrigues, IM, FSI (OSM/MAC); Fajã Fernandes, IM (OSM/MAC) e Fajã Manuel, IM (OSM/MAC). Fica demonstrado a prevalência dos nomes masculinos. Pode isto significar que o nome dado aos lugares estava relacionado ou com indivíduos de destaque social ou com o simples nome do seu proprietário, fosse qual fosse o seu estatuto social.

As alcunhas identificadas foram 3 a Fajã da Embrulhada, IM (MD) e a Fajã do Capitão, IM (MAC) e Fajã do Rente, IM (OSM/MAC)

⁵⁴ Este topónimo é o nome da mesma fajã. Os dois topónimos foram durante muito tempo utilizados para designar o mesmo lugar. Esta fajã era conhecida por ambos os nomes. Atualmente, é sobretudo conhecida como Fajã dos Padres.

⁵⁵ Vide: <https://areaprotegidadocabogirao.pt/>, última consulta em 20-05-2021

⁵⁶ Sobrenome de família Nobre.

⁵⁷ Este topónimo corresponde a um nome de mulher. No entanto, suscitou dúvidas durante a realização deste trabalho, tendo sido, inclusive, considerado um nome de um santo, já que, o adjetivo “São” é utilizado para as referências aos nomes dos santos. No entanto, “São”, neste caso particular é o diminutivo de Conceição, diminutivo muito utilizado “de forma carinhosa” na linguagem comum portuguesa.

As fajãs com relação aos nomes de santos e outros elementos religiosos foram as seguintes: Fajã das Freiras, IM (WCML); Fajã dos Padres, IM (ELM/GM/OSM/MAC/WA/ WCML). A Fajã das Freiras parece ser o Curral das Freiras. Porém, não se encontrou na toponímia nenhuma outra referência a este topónimo. Também não foram encontradas evidências de se tratar do mesmo lugar. Para este estudo, ficam referenciado as semelhanças linguísticas do nome.

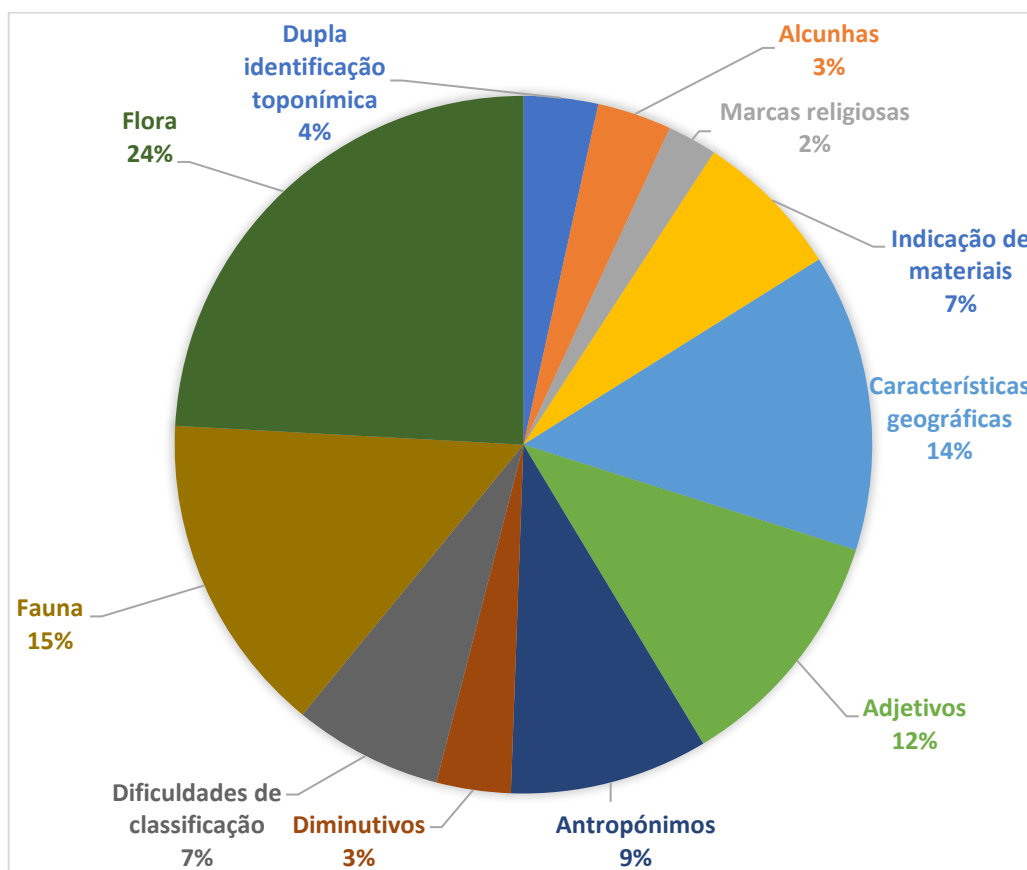


Gráfico n.º 9: Classificação toponímica das Fajãs no arquipélago da Madeira

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

A análise do gráfico n.º 9, relativamente ao arquipélago da Madeira, revela a diversidade linguística explicativa para a toponímia encontrada. Destacam-se a flora com 24%, a fauna com 15% e as características geográficas com 14% dos topónimos. De certo modo, evidencia a preferência relacionada com os elementos envolventes, ou seja, o meio ambiente. Os nomes aparecem com esta motivação, devendo-se provavelmente aos primeiros povoadores. É predominante a preferência, pela toponímia relacionada com a fauna, a flora e a geografia. Estas características foram as que mais se destacaram.

Capítulo III- Análise e comparação dos topónimos

Nos vários arquipélagos da Macaronésia, foram identificados vários topónimos iguais. O topónimo tinha a função específica de assinalar determinadas características que permitissem facilmente a sua identificação. Para tal, “fajã” deveria ser um termo pelo menos presume-se, difundido entre as gentes que ocuparam o território, visto que seriam elas a iniciar o povoamento. Como é do conhecimento geral, tinham a árdua tarefa do cultivo das terras. Pressupõe-se que a classificação de “fajã” já fosse, como se disse, um nome conhecido. Onde terá surgido pela primeira vez? Quem introduziu o nome nestas ilhas? Não se sabe ao certo. Para responder a estas questões, seriam necessários outros trabalhos de pesquisa, muito interessantes, sem dúvida. A hipótese de se tratarem dos mesmos grupos de pessoas a povoar as ilhas, não faz muito sentido, tendo em conta a época. Nos Séculos XV e XVI, as viagens eram demoradas e perigosas. No entanto, a hipótese de terem saído, *mais ou menos* do mesmo local, *mais ou menos* na mesma época, com as mesmas indicações do que iriam ter que enfrentar, não perde totalmente a lógica. Não existem provas históricas de que assim tenha sido. A imaginação não consegue provar factos históricos para os quais não existem provas materiais. No entanto, a imaginação ajuda a entender, tendo em conta o que sabemos sobre esses mesmos factos. Este exercício de tentar compreender o passado sem ter provas materiais torna esse mesmo desafio muito interessante.

A toponímia permite colocar a hipótese de que os povoadores da Madeira e dos Açores terão levado do continente o termo “fajã”, que terá posteriormente, ido para Cabo Verde e Canárias.

1. Análise comparativa geral

Após uma análise efetuada aos topónimos com Fajã, quantifica-se no gráfico n.º 10 o total de fajãs identificadas, durante a fase de recolha de dados desta dissertação. Em fase de observação dos materiais obtidos para comparar a presença do topónimo da Macaronésia, seguem-se mais gráficos, que juntam os elementos linguísticos, quantificando resultados.

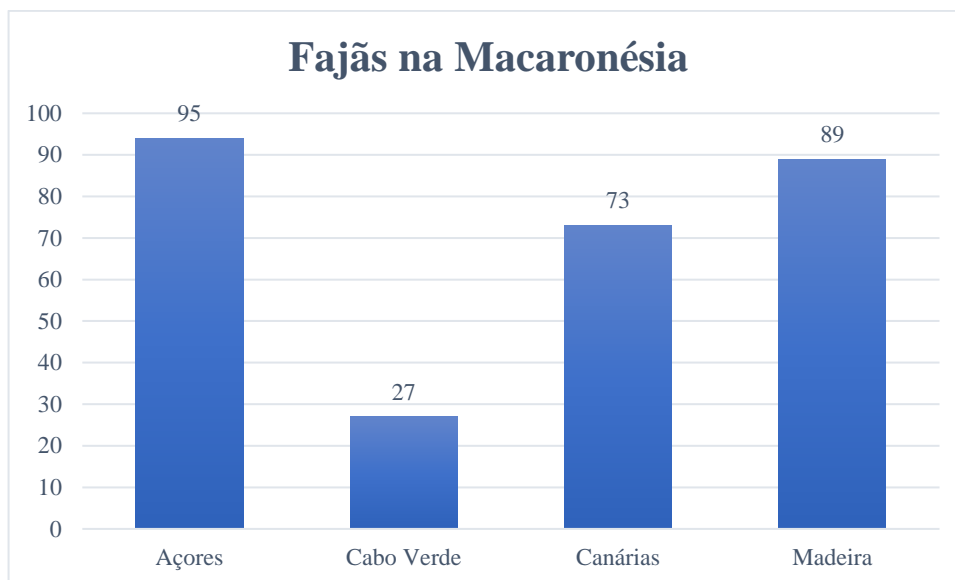


Gráfico n.º 10: Topónimos com Fajã na Macaronésia

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Pela leitura do gráfico n.º 10, é bem visível a existência de Fajãs nos territórios em estudo. Percebe-se qual o total de fajãs em cada um dos arquipélagos que fazem parte da Macaronésia, segundo o que foi apurado durante este estudo. Outras referências mais poderão ter existido, sem que tivessem chegado até aos dias de hoje, ou até mesmo ainda existirem, mas não contabilizadas, por não terem sido encontradas ao longo deste trabalho. O apuramento da quantidade de “fajãs” é revelador de que as definições dicionarísticas não podem contemplar apenas os Açores ou a Madeira, porque a toponímia com Fajã é comum a toda a área estudada. É sempre uma mais-valia ter esse conhecimento, pois, através da quantidade de “fajãs” existentes em cada arquipélago da Macaronésia, há a capacidade de perceção do quão importante eram os nomes usados pelos povoadores. Quem nomeou pela primeira vez teria uma referência comum. A cada fajã, foi-lhe atribuído um topónimo, mantendo a designação do relevo. Através deste gráfico, comprova-se que a existência de fajãs, em todo o espaço da Macaronésia, era considerável. No total são, 284. No arquipélago dos Açores, foram identificados 95 topónimos. No arquipélago de Cabo Verde, o que regista menor número, identificaram-se 27 topónimos. O arquipélago das Canárias conta com 73 topónimos. Por fim, no

arquipélago da Madeira, registaram-se 89 topónimos. Além disso, como ficou evidenciado no capítulo II, foi na ilha da Madeira que se identificou o maior número de topónimos por ilha, 88 topónimos.

2. Análise comparativa específica

A procura pelas designações relacionadas à toponímia com Fajã, como sendo comum a toda a área das ilhas da Macaronésia, remeteu para uma pesquisa no que respeita à definição do próprio vocábulo “fajã” (cf. Capítulo I). Ao analisar cada topónimo, em cada uma das ilhas da Macaronésia, verificou-se que o termo “fajã” é comum a todos os arquipélagos, mas não a todas as ilhas. Sendo comum que o mesmo, não só seria do conhecimento de todos os habitantes da altura do povoamento, como ainda dos atualmente existentes, até porque continua, ainda hoje, a ser um topónimo afeto à linguagem vivencial nalgumas localidades de estas ilhas atlânticas. Os topónimos analisados indicam quais foram as preferências linguísticas para identificar a terra, nos arquipélagos da Macaronésia. Foram identificadas várias características comuns, que se apresentam abaixo nos gráficos 11, 12, 13 e 14.

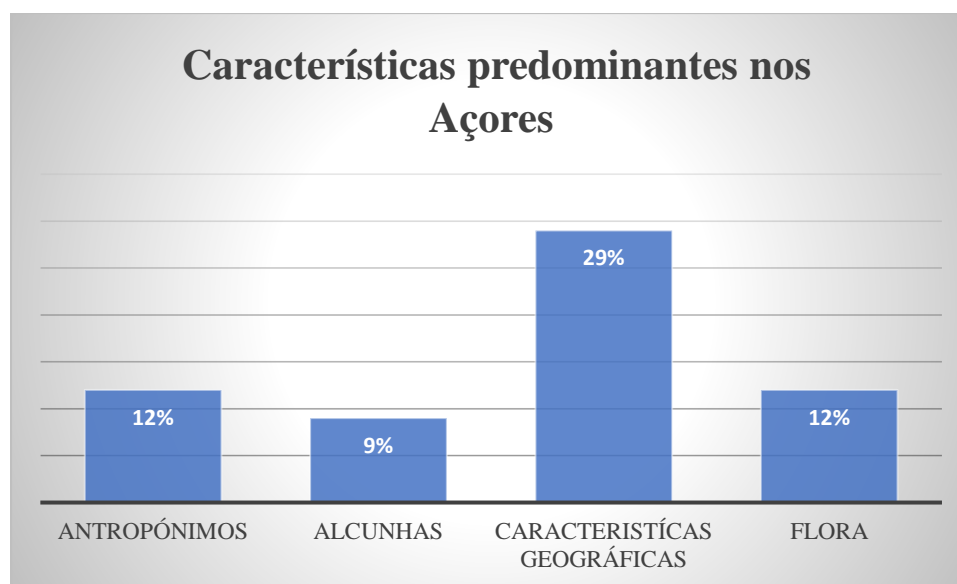


Gráfico n.º 11: Predominância temática na toponímia.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

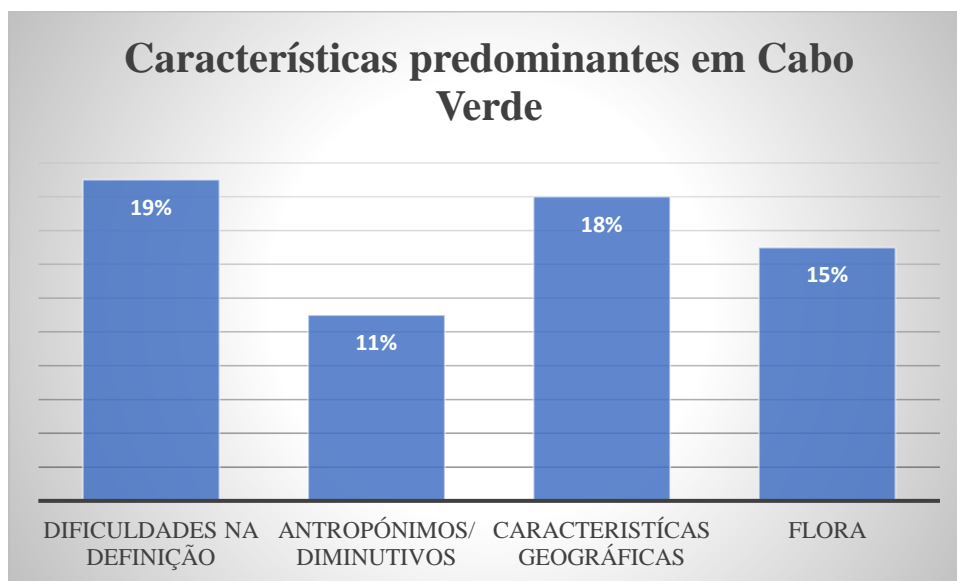


Gráfico n.º 12: Predominância temática na toponímia.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

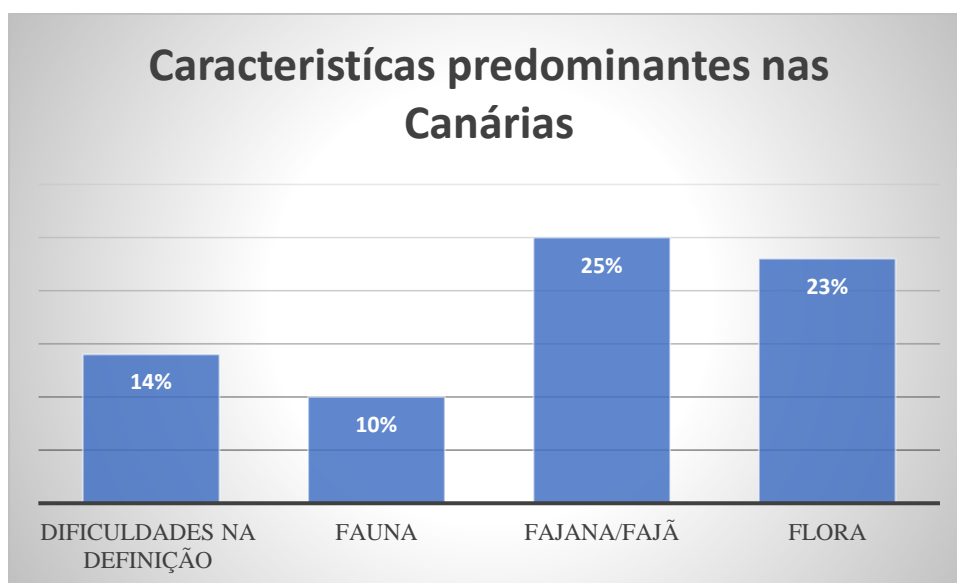


Gráfico n.º 13: Predominância temática na toponímia.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

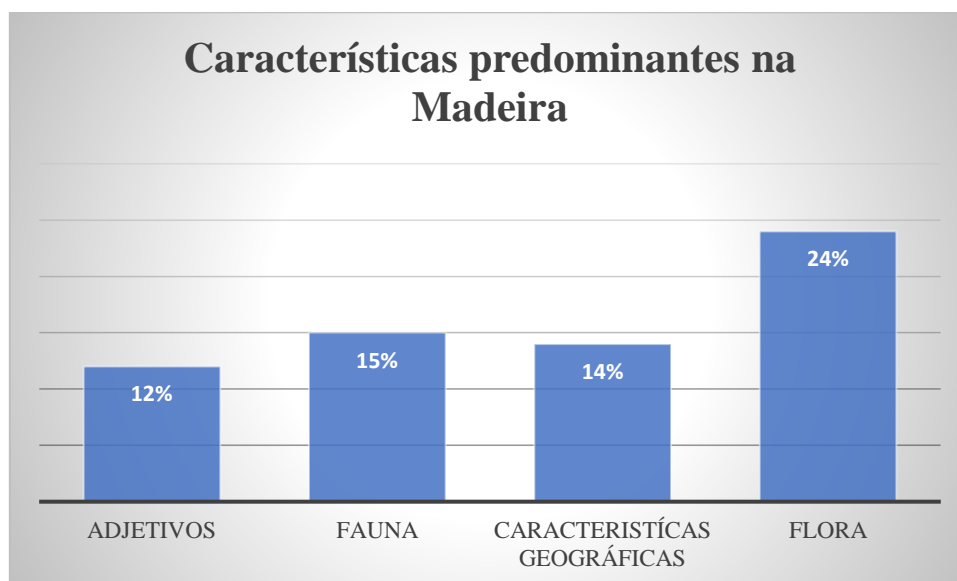


Gráfico n.º 14: Predominância temática na toponímia.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2021

Apenas se analisam as 4 características com maior percentagem. Observa-se pelos gráficos 11, 12, 13, 14, que as relacionadas com a flora, estão presentes na toponímia de todos os arquipélagos. Nas Canárias e na Madeira, representam a maioria da toponímia com 24% e 23%. No arquipélago de Cabo Verde, observa-se 15% da toponímia com esta particularidade, enquanto, nos Açores, foi de 12%. Foi nos Açores que se contabilizou a maior percentagem dos dados obtidos 29% porque representam as características geográficas. No arquipélago de Cabo Verde, o valor também é considerável para esse reagrupamento, com 18%. Na ilha da Madeira registou-se 14% e, no arquipélago das Canárias, identificou-se 3%, com estas especificidades. A fauna, na ilha da Madeira, representa 15%, em Cabo Verde, 11%, e, nas Canárias 10%. Para os Açores a Fauna representou 3%, deste modo, não faz parte das características com maior percentagem.

Na Madeira, os adjetivos representam 14%. Os nomes próprios identificados na toponímia açoriana foram 13% e as alcunhas 8%. Foi nas Canárias que se identificou a maior percentagem de toponímia apenas com o topónimo Fajã. Neste caso, em particular Fajana com 25%. Por fim, no Arquipélago de Cabo Verde, houve algumas dificuldades na leitura para a identificação das características toponímicas, o que representou 22% do total.

3. Proposta para uma redefinição de “fajã”

As várias definições do conceito “fajã” que foram encontradas e apontadas, durante a realização desta dissertação, no cap I, representam o resultado de uma pesquisa elementar que demonstra a importância do trabalho metalinguístico presente nos dicionários. Perante os resultados obtidos, é, agora, viável propor uma revisão da definição. Tendo em conta as definições encontradas, a noção de “terreno cultivável” deve manter-se porque, nas ilhas da Macaronésia, significava que o terreno cultivável era escasso em planícies, porque era de pequena dimensão, sendo, sobretudo, fragmentado em pequenas parcelas. É possível, observar que as fajãs não são apenas uma exclusividade das zonas situadas à beira-mar. Há fajãs em zonas montanhosas, afastadas alguns quilómetros da orla costeira, como também, em altitudes muito acima, o fenómeno fica explícito na imagem n.º1 que permite visualizar o quão estão dispersas por toda a ilha da Madeira. Como se pode verificar, por este exercício de representação, há fajãs por todo o espaço insular, e não apenas junto ao mar.

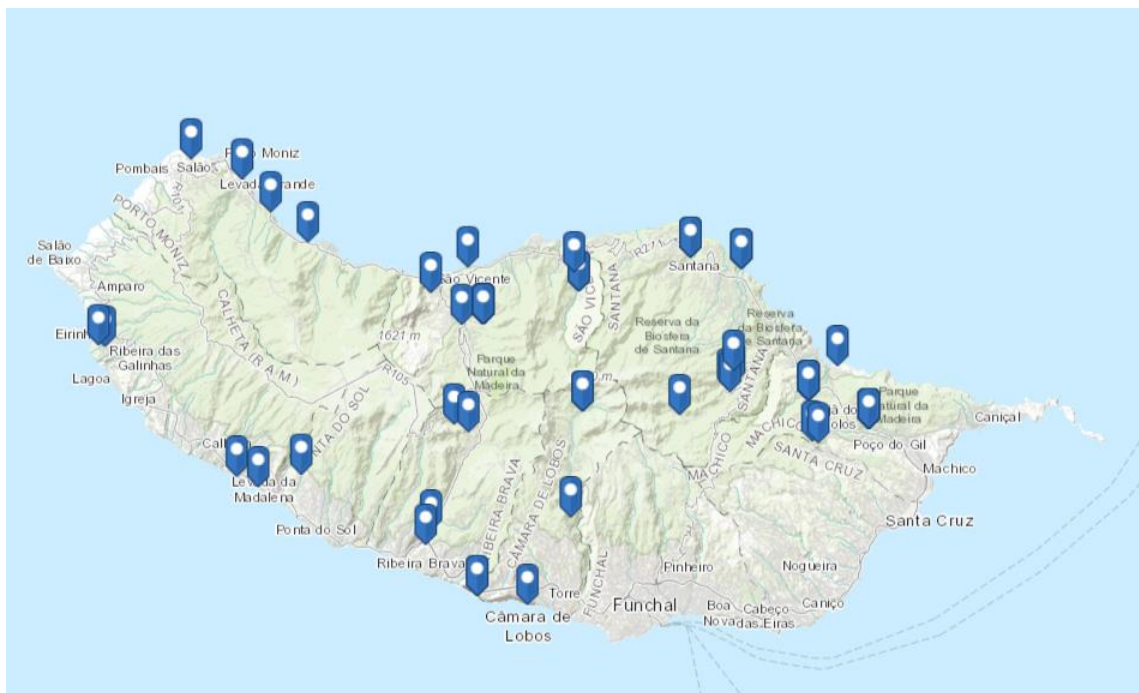


Imagem n.º 1- Localização geográfica de algumas fajãs na ilha da Madeira

Fonte:(IGME) última consulta em 13-06-2021. Elaborado pelo autor, 2021

A obtenção desta imagem, com a indicação toponímica das fajãs na ilha da Madeira, foi possível através de um processo de identificação individual de cada uma das fajãs,

pela página da Internet do *Instituto Geológico y Minero de España (IGME)*⁵⁸. Apresenta-se a título de exemplo apenas para o arquipélago dos Açores e o da Madeira, por ter sido nestes dois arquipélagos onde se identificaram mais topónimos. Como também, servem para dar prova de que não se encontram apenas nos Açores, nem se situam exclusivamente à beira-mar.

Na análise feita a imagem n.º 1, facilmente se observa que a distribuição das fajãs na ilha da Madeira se encontra muito dispersa. É possível também identificar fajãs nas zonas montanhosas. Algumas estão acima dos 500 metros de altitude, como, por exemplo, Fajã das Éguas, Fajã dos Vinháticos, Fajã Escura, entre outras.

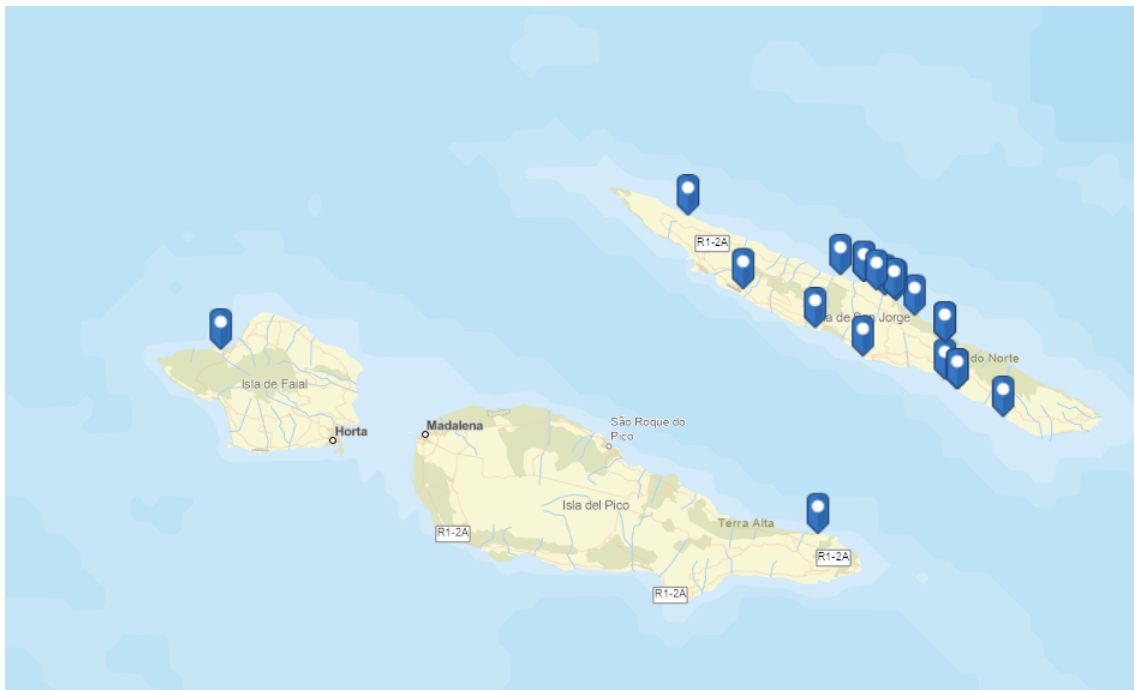


Imagem n.º 2- Localização geográfica de algumas fajãs dos Açores

Fonte:(IGME) última consulta em 13-06-2021. Elaborado pelo autor, 2021

Como se comprova na imagem n.º 2, nas ilhas do grupo central dos Açores, é possível identificar, através dos marcadores/ etiquetas, colocados na imagem, as fajãs na orla costeira, tendo a ilha de São Jorge, a maior quantidade. Este facto terá levado a que alguns dicionaristas definissem a fajã como sendo exclusiva dos Açores e situadas à beira-

⁵⁸ Vide <https://igme.maps.arcgis.com/home/index.html>, última consulta em 14-11-2020.

mar. Após este estudo sabe-se que não se encontram somente na orla costeira, nem são exceções dos Açores, como se demonstrou na imagem n.º 1, e ao longo do Capítulo II.

As fajãs têm em comum a particularidade de guardarem vestígios da atividade agrícola realizada no passado. Este facto torna-se um agregador de informação muito importante, tendo em conta o que se recolheu no decorrer desta investigação. Percebeu-se que o início do povoamento ocorreu nas fajãs, pois, nestas faixas de terra fértil, era possível realizar as práticas agrícolas, imprescindíveis e fundamentais para a fixação das pessoas. Este requisito era uma característica fundamental das fajãs, o mesmo é dizer para a sobrevivência dos habitantes, tendo em conta o contexto em que se iniciou o povoamento das ilhas, em todo o espaço da Macaronésia, com exceção do arquipélago das Canárias, que já era habitado por guanches⁵⁹ na altura do “descobrimento” e povoamento dos restantes territórios arquipelágicos da Macaronésia.

É sobretudo nas fajãs que, atualmente, se encontram abandonadas ou em fase de abandono, e conseqüente degradação, onde se pode entender as vivências dos seus edificadores. Ao contrário do que aparentemente possa parecer, as fajãs foram deixadas para trás, porque os povoadores foram subindo e povoando as zonas altas das ilhas, deslocando-se às fajãs na orla costeira, apenas para o seu cultivo. À medida que outras formas de ganhar a vida foram surgindo, seja pela emigração, pelo setor do turismo, entre outras, as fajãs foram ficando cada vez mais distantes das vivências quotidianas. Curiosamente, algumas ainda são importantíssimas atualmente, em particular na ilha da Madeira. As fajãs que se encontram à beira-mar, como por exemplo as fajãs do Cabo Girão não são apenas atrações turísticas, porque ainda são cultivadas. O *Elucidário Madeirense* dá como exemplo na ilha da Madeira a Fajã dos Padres. Nesta fajã, os seus habitantes eram à volta de 50 habitantes. Sabe-se, atualmente, não estar permanentemente habitada, apesar de ser cultivada e, inclusive possuir uma pequena unidade hoteleira. As fajãs, além da beleza, e do sublime, são vistas como penosas, por aqueles que conhecem o seu contexto histórico, pois simbolizam uma época de dificuldades.

A fim de trazer mais informação e esclarecimentos, apresenta-se uma proposta de definição mais ampla porque o substantivo “fajã”, tendo em conta o que se foi

⁵⁹ Guanches é a designação que mais se vulgarizou para os indígenas das Canárias, mas, na documentação camarária, são conhecidos como escravos «canarios». Na Madeira, estes aborígenes estão testemunhados, pelo menos, como escravos provenientes das ilhas Tenerife, La Palma, La Gomera e Gran Canária. Vide <http://aprenderamadeira.net/article/guanches> última consulta em 21-06-2021.

observando. Pelas informações recolhidas, considera-se que o vocábulo não pode desaparecer dos dicionários

Tendo como base toda a pesquisa aqui apresentada, com fundamentos históricos, geológicos, paisagísticos, culturais e patrimoniais, recolhidos, avança-se para:

Fajã: *s. f.* (Do lat. *fascia*; «faixa»), faixa de terra geralmente desprendida das encostas sobranceiras, mas também podem ser de origem lávica, com potencial para a prática agrícola; foi normalmente habitada, estando hoje, as da área costeira, quase desabitadas. Topónimo utilizado nos arquipélagos da Macaronésia.

Se, por ventura, houver algumas fajãs que não foram aqui mencionadas neste trabalho, foi apenas, por não ter sido possível identificá-las através das fontes recorridas na realização do mesmo. Pretende-se, com isto, salvaguardar o facto de existirem algumas fajãs que aqui não foram mencionadas. O objetivo deste trabalho foi o de recolher de uma forma exaustiva, e possível, todos os topónimos com Fajã. No entanto, para que essa recolha fosse ainda mais rigorosa implicaria uma intervenção mais exaustiva, recorrendo a deslocações ao terreno, ou seja, deslocações a todas as ilhas da Macaronésia. Algo que não seria viável, seja pelo enorme custo monetário que comportaria, seja também pelas restrições nas viagens causadas pela pandemia Covid-19.

Conclusão

Com base nos resultados da presente análise, fica demonstrado que o substantivo “fajã” está presente em topónimos. Não é um nome de lugares exclusivo do arquipélago dos Açores, como em vários dicionários é mencionado. Estes resultados demonstraram que, em todos os arquipélagos da Macaronésia, o nome próprio “Fajã” faz parte da toponímia. Tendo em conta o título desta dissertação, e o propósito da mesma, em saber se o topónimo “Fajã” é um Património Linguístico da Macaronésia, pode afirmar-se que sim. Em suma, após o estudo que aqui se apresenta, podemos constatar que o nome Fajã (Fajana, em castelhano) é património linguístico da Macaronésia.

Durante a realização desta dissertação, recorreu-se a vários sítios da Internet, os quais podem ser consultados no índice deste trabalho, sítios sob os quais se obteve a localização das fajãs, de modo a poderem ser devidamente organizadas, por ilha, arquipélago, temas e por ordem alfabética. Será provável existirem outras “fajãs” que neste trabalho não foram referidas, isto deve-se ao facto de que as mesmas não foram identificadas nas fontes consultadas, nos respetivos sítios da internet ou não estão mencionadas em enciclopédias e outras fontes.

Na fase final da elaboração da dissertação, foram aparecendo mais um ou outro, como por exemplo, na ilha da Madeira: Fajã Redonda e Fajã da Vinha. não tendo sido já possível contabilizá-los, mas ficam registados aqui na conclusão, indicando já que os dados quantitativos que se apresentam resultam do apêndice e são provisórios porque o aprofundamento levará a outros resultados. Relativamente àqueles que se contabilizaram, foram apresentados nesta dissertação, identificados através dos meios disponíveis. No total, são 284 fajãs registadas pelo topónimo nos arquipélagos da Macaronésia. A análise revelou que é no arquipélago dos Açores onde se identificou o maior número de topónimos, totalizando 94. No entanto, foi na Madeira, enquanto ilha, onde se contabilizou o maior número de topónimos (88), aparecendo um topónimo numa das ilhas adjacentes, na Deserta Grande, somando um total de 89 topónimos em todo o arquipélago da Madeira. Em relação ao arquipélago de Cabo Verde, o topónimo “Fajã” foi identificado em menor número, havendo apenas 27. No arquipélago das Canárias, presumiu-se de início que não se identificaria o topónimo Fajã. Efetivamente, devido ao facto de, nas ilhas Canárias, se falar a língua castelhana. O estudo permitiu localizar um topónimo com origem na língua portuguesa equivalente, com o mesmo significado: trata-se de Fajana. Seguindo esta lógica, deve considerar-se que são correspondentes, podendo

traduzir-se um pelo outro, por serem de idiomas diferentes. O topónimo Fajana, cujo significado é o mesmo que Fajã, permitiu localizar um conjunto de topónimos no arquipélago das Canárias, sendo sobretudo, na ilha de La Palma onde se situa o maior número de Fajanas (70 num total de 73 topónimos). Foi nas pesquisas relacionadas com a toponímia deste arquipélago que se descobriu ser um topónimo de origem portuguesa, pela etimologia, isto é, tanto “faja” como “fajana” têm origem no latim “fascia”. Deste modo, pode afirmar-se, contrariamente aos dicionários (cf. cap II), que deixa de ser de “etimologia obscura”, “de origem obscura” ou “duvidosa”, como divulgam as fontes consultadas. Assim, coloca-se um ponto final quanto às dúvidas e incertezas relacionadas com a sua etimologia, embora a pesquisa possa prosseguir para explicar a nasalidade.

Definir “fajã” aparentou ser um problema geográfico, pois a sua definição indicava fatores como o relevo, a localização, e também, a importância dada à agricultura. A maioria das definições faz referência ao solo fértil, indicando, as fajãs que eram assim denominadas devido à característica de terra fértil para fins agrícolas, da qual dependia a sorte dos primeiros povoadores. No entanto, hoje, está a maioria das “Fajãs” desabitada e abandonada, por diversos motivos. Estas perderam, ao longo do tempo, a sua importância agrícola, na medida em que algumas destas fajãs foram abandonadas, perdendo a importância de outrora. Esta mesma importância, e dimensão, que no passado representou para os que delas dependiam desapareceu com a diminuição da atividade agrícola. Contudo, a toponímia mantém viva essa importância que, apesar de terem sido tempos difíceis, em que a sustentabilidade das populações dependia exclusivamente das “fajãs”, terão sido tempos pouco áureos para as populações. Com modos de vida difíceis a lutar pela sobrevivência, este local foi escolhido para a fixação e o início de uma nova vida, motivadora de novas vidas.

As “fajãs” fazem claramente parte de algumas ilhas dos arquipélagos que compõem o espaço da Macaronésia são singularidades típicas dos seus arquipélagos. Representam uma época. Mostram, sobretudo, a arte e o engenho dos antepassados, que deixaram um património material, sublime, único e singular. Com esta pesquisa, tratou-se, de reunir mais informações através de diversas fontes, ou seja, dos dicionários que foram consultados para “fajã” como, também, enciclopédias e páginas da Internet. Podem apresentar-se novos indicadores e, sobretudo, um novo paradigma em relação à fajã. É proposta uma nova definição que reúne o maior número de características que lhe são próprias, enquanto elementos designativos. Deste modo, a sua definição pode ser revista

e pode não estar completa, já que a história das fajãs não está concluída. No século XX, foram aparecendo as fajãs artificiais e não se sabe o que daí pode advir no futuro.

Quem não preserva o seu património não conta a sua história. As “fajãs” pelos motivos históricos, paisagísticos, e principalmente pelo contexto. são um tesouro cultural, que correspondem a vestígios históricos das vivências passadas. Merecem ser consideradas como um elemento do património linguístico e cultural *ad aeternum*.

Listagem dos topónimos na Macaronésia

Fajã, FA (OSM/ MAC) / GR (MAC) / IB (GM) / IM, CLT (ELM/OSM/MAC) / IM, FNC, SA (ELM) / IM, STN (OSM) / SJ, CV (EPI)

Fajã Alta, IM (OSM/ MAC/GMP) / SA (GEPB-X)

Fajã Amaro da Cunha, SJ (WA)

Fajã Chã, SJ (WA)

Fajã d` Água, IB (EPI/ GEPB-X/ MAC / OSM / WA)

Fajã da Abelheira, SJ (WA)

Fajã da Ama, IM (OSM/MAC)

Fajã da Areia, IM (ELM/OSM/MAC/GM)

Fajã da Asna, IM (MD)

Fajã da Baixa, PI (WA)

Fajã da Beira Mar, GR (WA)

Fajã da Betesga, SJ (WA)

Fajã da Caldeira de Cima, SJ (OSM/ MAC/WA)

Fajã da Caldeira de Santo Cristo, SJ (OSM/ MAC/WA)

Fajã da Caldeira, SJ (GEPB-X)

Fajã da Choupana, SJ (WA)

Fajã da Cinza, IM (OSM/MAC/GMP)

Fajã da Corsa, IM (OSM/MAC)

Fajã da Embrulhada, IM (MD)

Fajã da Ermida, SJ (WA)

Fajã da Falca de Baixo, IM, SVC (WSVC)

Fajã da Folga, GR (WA)

Fajã da Fonte do Nicolau, SJ (WA)

Fajã da Fragueira, SJ (WA)

Fajã da Murta, IM (MAC)

Fajã da Mustarda, IM (MD)

Fajã da Neca, SJ (WA)

Fajã da Nogueira, IM (OSM/MAC)

Fajã da Ovelha, IM (ELI/ ELM/ EPI/ GEPB-V/ GEPB-39/ GEPB-X/ OSM/ MAC/ WA).

Fajã da Panasqueira, IM (WCML)
Fajã da Parreira, IM (OSM/MAC)
Fajã da Pedra, IM, CLT (OSM)/ IM, PMZ (OSM/MAC)
Fajã da Pedreira, IM, (PCM)
Fajã da Pelada, SJ (WA)
Fajã da Penedia, SJ (OSM/ MAC/WA)
Fajã da Ponta Furada, SJ (WA)
Fajã da Ponta Grossa ou do Mero, SJ (WA)
Fajã da Ponta Nova, SJ (WA)
Fajã da Porca, IM (MD)
Fajã da Praia do Norte, FA (WA)
Fajã da Ribeira da Areia, SJ (OSM/ MAC/WA)
Fajã da Ribeira Funda, SJ (WA)
Fajã da Ribeira, IM, CLT (MD)/ IM, RRB (OSM/MAC)
Fajã da Rocha ou da Coqueira, SJ (WA)
Fajã da Saramagueira, SJ (WA)
Fajã da Serreta, TA (WA)
Fajã da Urtiga, IM (OSM/MAC)
Fajã da Vereda Vermelha, SJ (WA)
Fajã das Almas, SJ (OSM/ MAC/WA)
Fajã das Barreiras, SJ (WA)
Fajã das Bebras, IM (OSM/MAC/ WCML)
Fajã das Carriças, IM (MD)
Fajã das Contreiras, IM (OSM/MAC/ GMP)
Fajã das Cubas ou da Baleia, SJ (WA)
Fajã das Éguas, IM (OSM/MAC/GMP)
Fajã das Fajanelas, SJ (WA)
Fajã das Feiteiras. SJ (WA)
Fajã das Flores, IM (IGME/CDI)
Fajã das Freiras, IM (WCML)
Fajã das Funduras, SJ (WA)
Fajã das Galinhas, IM (OSM/MAC/ WCML)
Fajã das Malvas, IM, PMZ (ACZ)
Fajã das Murtas, IM (OSM/MAC/WSVC)

Fajã das Nogueiras, IM (ELM)
Fajã das Palhas, IM (OSM/MAC/ IFCN)
Fajã das Pontas, SJ (OSM/ MAC/WA)
Fajã das Vacas, IM, CCH (OSM/IGME/CDI) / IM, STA (OSM)
Fajã de Além, SJ (OSM/ MAC/WA)
Fajã de Baixo, IM, CLT (OSM/MAC) / SA, RG (MAC/OSM/WA/WGCV) /, SN
(MAC/OSM/WA) / SMI (ELI/ EPI/ GEPB-V/ GEPB-X/ GEPB-39/ OSM/
MAC/WA)
Fajã de Barreira, SA (WGCV)
Fajã de Bois. SA, (EPI/ GEPB-X)
Fajã de Cima, IM, SVC (WSVC)/ SA, RG (MAC/OSM/WA/WGCV) / SMI (ELI/
EPI/ GEPB-V/ GEPB-X/ GEPB-39/ OSM/ MAC/WA) / SN (MAC/OSM/WA)
Fajã de Coculi, SA (MAC/WGCV)
Fajã de Dentro, IM (OSM/MAC)
Fajã de Entre Poios, SJ (WA)
Fajã de Entre Ribeiras, SJ (WA)
Fajã de Fernando Afonso, SJ (WA)
Fajã de Janela, SA (WGCV)
Fajã de João Dias, SJ (OSM/ MAC/WA)
Fajã de Lopo Vaz, FS (OSM/ MAC/WA)
Fajã de Manuel Teixeira, SJ (WA)
Fajã de Mato de Baixo, SA (WGCV)
Fajã de Mato de Cima, SA (WGCV)
Fajã de Mato, SA (MAC/OSM)
Fajã de Matos, SA (WGCV)
Fajã de Maurício, SA (WGCV)
Fajã de Pedro Mendes, SA (WGCV)
Fajã de Santo Amaro, SJ (OSM/ MAC/WA)
Fajã de São João, SJ (OSM/ MAC/ WA)
Fajã de São Rodrigues, IM, SVC (WSVC)
Fajã de Tanque, SA (WGCV)
Fajã de Tourinho, SA (WGCV)
Fajã de Vasco Martins, SJ (WA)
Fajã de Vimes, SJ (EPI)

Fajã do Amo, IM (OSM/MAC)
Fajã do Barro, IM (OSM/MAC)
Fajã do Belo, SJ (OSM/ MAC/GM/WA)
Fajã do Boi, SJ (WA)
Fajã do Calháo, SJ (EPI)
Fajã do Calhau Rolado, SJ (WA)
Fajã do Calhau, SMI (EPI/ OSM/ MAC/WA)
Fajã do Caminho do Meio, SJ (WA)
Fajã do Canto, SJ (WA)
Fajã do Capitão, IM (MAC)
Fajã do Cardoso, SJ (WA)
Fajã do Carro, IM (OSM/MAC)
Fajã do Castelhana, SJ (WA)
Fajã do Cavalete, SJ (WA)
Fajã do Cedro Gordo, IM (OSM/MAC/WA)
Fajã do Centeio, SJ (WA)
Fajã do Cerejo, IM (OSM/MAC)
Fajã do Cerrado das Silvas, SJ (WA)
Fajã do Conde, FS (WA)
Fajã do Cruzal, SJ (WA)
Fajã do Fischer, TA (WA)
Fajã do Ginjal, SJ (OSM/ MAC/WA)
Fajã do Labaçal, SJ (WA)
Fajã do Lemos, SJ (WA)
Fajã do Manuel, IM (ELM)
Fajã do Mar, IM CLT, (ELM/GEPB-X/ OSM/MAC) / IM, CML (WCML) / IM,
STN (OSM/MAC/GMP)
Fajã do Meio, IM (OSM/MAC/GMP)
Fajã do Milho, IM, CCH (MAC/ CDI)
Fajã do Negro, SJ (WA)
Fajã do Norte das Fajãs, SJ (OSM/WA)
Fajã do Norte Estreito, SJ (WA)
Fajã do Nortezinho, SJ (WA)
Fajã do Nunes, IM (OSM/MAC)

Fajã do Ouvidor, SJ (OSM/ MAC/WA)
Fajã do Pacheco, IM, SVC (WSVC)
Fajã do Penedo, IM (ELM/OSM/MAC/GMP)
Fajã do Pereira, IM (OSM/MAC)
Fajã do Rente, IM (OSM/MAC)
Fajã do Rodrigues, IM, FSI (OSM/MAC)
Fajã do Salto Verde, SJ (WA)
Fajã do Sanguinhal, SJ (WA)
Fajã do Trigo, IM (OSM/MAC)
Fajã do Valado, SJ (WA)
Fajã do Varadouro, FA (WA)
Fajã Domingas Benta, SA (MAC/OSM/WA/WGCV)
Fajã dos Asnos ou do Gregório, IM (ELM)
Fajã dos Asnos, IM (ELM/OSM/ MAC/WCML)
Fajã dos Azevinhos, SJ (WA)
Fajã dos Barbusanos, IM (MAC)
Fajã dos Bichos, IM (OSM/MAC)
Fajã dos Bodes, SJ (OSM/ MAC/WA)
Fajã dos Bois, SA (WGCV)
Fajã dos Cardos, IM (OSM/MAC/WCML/WA)
Fajã dos Chiqueiros, IM (WCML)
Fajã dos Cubres, SJ (EPI/ OSM/ MAC/WA)
Fajã dos Cumes, SA (AJAF/BLZA/WGCV)
Fajã dos Gatos, IM, DG (MAC)
Fajã dos Padres e dos Asnos, IM (EPI)
Fajã dos Padres, IM (ELM/GM/OSM/MAC/WA/WCML)
Fajã dos Pombos, IM (OSM/MAC) / SA (WGCV)
Fajã dos Rolos, IM (OSM/MAC/WA)
Fajã dos Tijolos, SJ (WA)
Fajã dos Vimes, SJ (OSM/ MAC/WA)
Fajã dos Vinháticos, IM, RRB (OSM/MAC) / IM, SVC (OSM/MAC)
Fajã e Eiras, IM (OSM/MAC)
Fajã Escura, IM (OSM/MAC/WCML)
Fajã Fajãzinha, SJ (WA)

Fajã Fernandes, IM (OSM/MAC)
Fajã Grande de Baixo, IM, STN (OSM/MAC)
Fajã Grande de Cima, IM (OSM/MAC)
Fajã Grande, FS (EPI/ GEPB-V/OSM/ MAC/WA) / IM, CLT (OSM/IFCN) / IM,
SVC (OSM) / SA (WGCV) / SJ, CHT (OSM/ MAC/WA)
Fajã Isabel Pereira, SJ (WA)
Fajã Manuel, IM (OSM/MAC)
Fajã Maria Pereira, SJ (WA)
Fajã Mata Sete, SJ (WA)
Fajã Nova, IM, CLT (OSM/IFCN) / IM, PMZ (ACZ/OSM/MAC)
Fajã Palmeira, IM (OSM/MAC)
Fajã Pequena, IM, CLT (OSM/MAC) / IM, STN (OSM/MAC)
Fajã Rasa, SJ (WA)
Fajã Redonda, IM, RRB (OSM/MAC) / SJ (WA)
Fajã Velha, IM (OSM/MAC)
Fajana de Correa, LP, BO (TPCF)
Fajana de Guanaguao, LP, EP (TPCF)
Fajana de Guerra, LP, TJE (TPCF)
Fajana de la Colmena, LP, GA (TPCF)
Fajana de la Cruz de Juan del Paso, LP, TJE (TPCF)
Fajana de la Helechera, LP, SCLP (TPCF)
Fajana de la Laja, LP, PNA (TPCF)
Fajana de la Madera, LP, BO (TPCF)
Fajana de la Perna, LP (TPCF)
Fajana de la Plata, LP, SAS (TPCF)
Fajana de la Puente, LP, SAS (TPCF)
Fajana de la Tea, LP, SAS (TPCF)
Fajana de la Tranza, LP, TJE (TPCF)
Fajana de la Vieja, LP, SCLP (TPCF)
Fajana de las Arvejas, LP, BO (TPCF)
Fajana de las Gamonas, LP, EP (TPCF)
Fajana de las Tablas, LP, SAS (TPCF)
Fajana de las Vacas, LP, GA (TPCF)
Fajana de los Castañeros, LP, SAS (TPCF)

Fajana de los Codesos, LP, EP (TPCF)
 Fajana de los Culantrillos, LP, EP (TPCF)
 Fajana de los Tilos, LP, SAS (TPCF)
 Fajana de los Tomillos, LP, PNG (TPCF)
 Fajana de los Yanes, LP, PNG (TPCF)
 Fajana de los Torcidos, LP, BO (TPCF)
 Fajana de Rosa Morales, LP, GA (TPCF)
 Fajana del Almendro Amargo, LP, EP (TPCF)
 Fajana del Avispero, LP, EP (TPCF)
 Fajana del Brezo, LP, PNG (TPCF)
 Fajana del Capadero, LP, EP (TPCF)
 Fajana del Carbón, LP, EP (TPCF)/ LP, PNG (TPCF)
 Fajana del Conejo Negro, LP, GA (TPCF)
 Fajana del Cuervo, LP, GA (TPCF)
 Fajana del Espigón, LP, PNA (TPCF)
 Fajana del Esteo, LP, EP (TPCF)
 Fajana del Garabato, LP, SAS (TPCF)
 Fajana del Hospital, LP, SCLP (TPCF)
 Fajana del Mosquito, LP, PNA (TPCF)
 Fajana del Palo Amarillo, LP, SCLP (TPCF)
 Fajana del Paso, LP, GA (TPCF)
 Fajana del Pulpito, LP, NG (TPCF)/ LP, PNG (TPCF)
 Fajana del Tagasaste, LP, GA (TPCF)
 Fajanzinha, SA (WGCV)
 Fajãzinha de Bento, IM (ELM)
 Fajãzinha, FO, CMS (MAC/OSM/WA) / FS (EPI/GEPB-39/GEPB-
 V/MAC/OSM/WA) /SA, MPCV, (WGCV)/ SJ, CHT (OSM/ MAC/ WA) /SM,
 VP (MAC/OSM) / TA, (WA)
 La Fajana Cumplida, LP, BO (TPCF)
 La Fajana de Abajo, LP, SAS (TPCF)
 La Fajana de Arriba, LP, SAS (TPCF)
 La Fajana Oscura, LP, GS (TPCF)
 La Fajana Redonda, LP, BO (TPCF) / LP, PNA (TPCF)

La Fajana Rosa, LP. PNG (TPCF) La Fajana, LP, BA (TPCF) / LP, BO
(OPS/MAC/TPCF)/ LP, EP(TPCF)/ LP, EP, LBS (TPCF)/ LP, EPO PNA
(TPCF)/LP, FLA (OSM/TPCF)/ LP, GA (OSM/MAC/TPCF)/ LP, LPA TJE
(TPCF)/ LP, PNA, EG (TPCF)/ LP, PNA, EM (TPCF)/ LP, PNA, ML (TPCF)/
LP, SAS, LGS (TPCF)/ LP, SAS, LLS (TPCF)/ LP, SCLP, BDR (TPCF)/ LP,
SCLP, MRA (TPCF)/ LP, TJE, EJ (TPCF)/ TF, SCL (TPCF)/ EH, VV (TPCF)
La Fajaneta, LP, BO (OSM/TPCF)/ LP, PNG (TPCF)
La Fajanita, GRC, ASN (TPCF)/ LP, GA (TPCF)

Referências bibliográficas

Almoyna, Julio Martínez. *Dicionário de Português Espanhol*, Dicionários Editora Porto Editora Lda.1983.

Almoyna, Julio Martínez. *Dicionário de Português Espanhol*, Dicionários Editora Porto Editora Lda.1988.

Almoyna, Julio Martínez. *Dicionário de Português Espanhol*, Dicionários Editora Porto Editora Lda.1990.

Almoyna, Julio Martínez. *Dicionário de Português Espanhol*, Dicionários Editora Porto Editora Lda.1993.

Azevedo, Domingos de. (1953). *Grande Dicionário de Português-Francês*, de Livraria Bertrand, 4.^a Edição. Lisboa.

Azevedo, Domingos de. (1988). *Grande Dicionário Português-Francês, (A-F) 1.º Volume*, Editora de Livros, Lda. 4.^a Edição. Lisboa.

Bivar, Artur. (1948). *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa, I volume A a G*, Edições “Ouro,” Lda. Porto.

Caldeira, Abel Marques. (1993). *Dicionário da Linguagem Popular Madeirense*, Falares da Ilha, 2.^a Edição, EEF (Editora Eco do Funchal).

Caldeira, Abel Marques. (1993). *Falares da Ilha Dicionário da Linguagem Popular Madeirense*. 2.^a Edição, EEF (Editora Eco do Funchal).

Coelho, Jaime Nuno Cepeda. (2014). *Dicionário Global da Língua Portuguesa* (autoexplicativo com exemplos contextualizados) Lidel Edições Técnicas Lda.

Cunha, Antônio Geraldo da. (1986). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, 2.^a Edição – Editora Nova Fronteira S.A, Rio de Janeiro.

Cunha, Antônio Geraldo da. (1996). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, 7.^a Impressão da 2.^a Edição, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

Decreto Legislativo Regional n.º 32/2000/A.

Decreto Legislativo Regional n.º 8/2017/M.

Dicionário Complementar da Língua Portuguesa, 2.^a Edição, Livraria Editora Educação Nacional, Porto. 1938.

Dicionário da Língua Portuguesa 7.^a Edição, Porto Editora.

Dicionário da Língua portuguesa, 2013, Dicionários Editora. 2012.

Dicionário da Língua Portuguesa, 7.^a Edição, Porto Editora.1995.

Dicionário da Língua Portuguesa, Academia das Ciências de Lisboa, I Volume A-F
Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo. 2001.

Dicionário da Língua Portuguesa, Dicionários Editora. Porto Editora. 2006.

Dicionário da Língua Portuguesa, Dicionários Editora, Porto Editora, 8.^a Edição. 1998.

Dicionário de Latim Português, Porto Editora.1995.

Dicionário de Português Inglês, Dicionários Editora, 1.^a Edição. Porto Editora, Lda, 1995.

Dicionário de Português Inglês, Martins, Manuel J. (1980). Editorial Domingos Barreira. 2.^a Edição. Porto,

Dicionário de Português-Francês, Dicionários Editora. Porto Editora.1991.

Dicionário de Português-Inglês, Dicionários Editora, 2.^a Edição. Porto Editora.1996.

Dicionário de Regência Nominal portuguesa, Vol.20, Carvalho, Alfredo de, (2007).
Livraria Garnier, Belo Horizonte.

Dicionário de Sinónimos, Dicionários Editora, Porto Editora, 2.^a Edição, Porto,1996.

Dicionário Enciclopédico Luso Brasileiro em 2 volumes, Volume Primeiro, Lello&Irmão Editores, Porto, 1988.

Dicionário Enciclopédico, Koogan Larousse Seleções, 2 volumes, Seleções do Reader`s Digest, Editora Larousse do Brasil, Lda. 1981.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Temas e Debates, Lisboa. 2003.

Dicionário Ilustrado Português Inglês, Editora Globo, S.A, e Editorial Verbo.

Dicionário Português Espanhol, Porto Editora, Lda.1979.

Dicionário Prático Ilustrado, Novo Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro, Lello&Irmão-Editores.1956.

Dicionário técnico Poliglota, volume II, B_F. Editores Gomes & Rodrigues, Lisboa. 1949.

Dicionário Trilingue, D_N, português, francês e inglês, 2.^o volume, Editorial Confluência, Lda.

Dicionário Universal da Língua Portuguesa, 1.^a Edição, Texto Editora, Lda. Lisboa. 1995.

Dicionário Universal Milénio Língua Portuguesa, Texto Editora, 2.^a Edição. Lisboa. 2002.

Dicionário Universal Português-Inglês, Texto Editora, Lda 1.^a Edição, Lisboa, 1999.

Dicionários do estudante, Dicionário Português Inglês, Editora Empresa Fluminense, Lda. 1996.

Dictionnaires Bertrand, Portugais-Français, Livraria Bertrand, Editions Garnier Frères, Paris. 1981.

Encyclopédia Portuguesa Illustrada, Dicionário Universal, Maximiano Lemos, Volume IV -DIZEDOR-FOURIERISMO- Editora Lemos & C.^A,Sucessor.

Fernandes, Francisco (1984). *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa*, Editoria Globo e Editora Verbo. Lisboa.

Fernandes, Francisco. (1995). *Dicionário de Regimes de Substantivos e Adjetivos*, 23.^a Edição, Editora Globo, S.A. São Paulo.

Ferreira, P.^o Júlio Albino. *Dicionários Domingos Barreira Português Inglês*, Editorial Domingos Barreira. Porto.

Figueiredo Cândido de (1989). *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa*, de, Bertrand Editora.

Figueiredo, Cândido de. (1978). *Dicionário da Língua Portuguesa Volume I (A a G)*. 15.^a Edição, Livraria Bertrand, S.A.R.L.

Figueiredo, Cândido de. (1981). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa, Volume I, (A a G)* Dicionários Bertrand / 16.^a Edição, Bertrand Editora. Venda nova.

Figueiredo, Cândido de. (1981). *Dicionário da Língua portuguesa, Volume I (A . G)*. 16.^a Edição. Livraria Bertrand S.A.R.L. - Lisboa.

Figueiredo, Candido de. (1996). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa, Volume I*, Dicionários Bertrand / 25.^a Edição, Bertrand Editora. Venda nova.

Figueiredo, Cândido de. (1996). *Dicionário da Língua portuguesa, Volume I (A . H)* 25.^a Edição, Bertrand Editora. Venda nova.

Figueiredo, Cândido de. (1996). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa, Volume II*, Dicionários Bertrand / 25.^a Edição, Bertrand Editora. Venda nova.

Grande Dicionário de Português-Francês, Azevedo, Domingos de. (1988). Livraria Bertrand, S.A.R.L. Bertrand Editora 8.^a Edição. Lisboa.

Grande Dicionário de Português-Francês, Dicionários Editora. Porto Editora, 1998.

Grande Dicionário de Português-Francês, Domingos de Azevedo, Livraria Bertrand, Livraria Bertrand, S.A.R.L. 5.^a Edição, Lisboa. 1978.

Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube VIII, Ediclube Edição e Promoção do Livro, Lda.

Grande Dicionário Etimológico-Prosódico da Língua Portuguesa, 3.º Volume, E-F, Editora Lisa S.A. 1988.

Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Volume III, Círculo de Leitores, 1.^a Edição. 2015.

Grande Dicionário Língua Portuguesa, Porto Editora. 2010.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Volume V, F-GYÖ, Editorial Enciclopédia, Limitada. 1984.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Volume X, ESCAR-FEBRA, Editorial Enciclopédia, Limitada. 1978.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Volume XXXIX, (Apêndice) Editorial Enciclopédia, Limitada. 1978.

Lexilello, Novo dicionário da Língua Portuguesa com um Épitome de Regras Gramaticais e ortográficas, uma lista de locuções latinas e estrangeiras e outra dos principais provérbios. Volume III. F- Meneável. Lello & Irmão – Editores. 1989.

Machado, José Pedro. (1952). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. 1.^a Edição, Editorial Confluência.

Machado, José Pedro. (1981). *Grande Dicionário da Língua Portuguesa, Volume V*. Cordenação de, Amigos do Livro Editores, Lda. Lisboa.

Machado, José Pedro. (1984). *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, Segundo Volume E-M, 1.^a Edição, Editorial Confluência. Lisboa.

Machado, José Pedro. (1993). *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, Segundo Volume E-M, 2.^a Edição, Editorial Confluência e Livros Editora, Lda. Lisboa.

Machado, José Pedro. (1995). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, Terceiro Volume, F-L, Terceiro Volume, F-L*, 7.^a Edição, Livros Horizonte, Lda. Lisboa.

Machado, José Pedro. (1999). *Breve Dicionário Enciclopédico da Língua Portuguesa*, Publicações D. Quixote, Lda.

Meneses, Carlos Azevedo de; Silva, Fernando Augusto da. (1998). *Elucidário Madeirense, Volume Segundo; F-N*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo.

Michaelis Dicionário Ilustrado, Volume II, Português-Inglês. Edições Melhoramentos, Edição 59.^a. 2000.

Novo Dicionário da Língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda. 2.^a Edição, Editora Nova Fronteira S.A. 1986.

Novo Dicionário Integral da Língua Portuguesa Conforme Acordo Ortográfico. Texto Editores, Lda, 2.^a Edição. 2008.

Novo Michaelis Dicionário Ilustrado, Volume I, Português-Inglês. Edições Melhoramentos, 26.^a Edição. 1982.

Novo Michaelis Dicionário Ilustrado, Volume I, Português-Inglês. Edições Melhoramentos, Edição 51.^a. 1992.

Novo Michaelis Dicionário Ilustrado, Volume II, Português-Inglês. Edições Melhoramentos, Edição 28.^a. 1982.

Nunes, João da Cruz. (1963). *Os falares da Calheta, Arco da Calheta, Paul do Mar e Jardim do Mar. Dissertação de Licenciatura em filologia Românica.* João da Cruz Nunes. Apresentada à Faculdade de Letras, por. Pestana, Eduardo António. (1970.) *Ilha da Madeira. Volume II Estudos Madeirenses,* Edição da Câmara Municipal do Funchal. Pinheiro, Eduardo. (1945). *Dicionário da língua portuguesa.* Livraria Figueirinhas, 5.^aedição. Porto.

Rebelo, Helena. (2021). *A toponímia como Paisagem Linguística e Património Linguístico. Ruivós, no cruzamento de rotas para a Madeira?* Sabucal, Revista Anual do Museu do Sabugal, n.º 12, Edição Câmara Municipal do Sabugal.p, 127.

Ribeiro, João Adriano. (2003). *A Pedra de Cantaria na Madeira.* Grafimadeira. S.A, Silva, António de Moraes. (1988). *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, Volume III (F a Monacanto),* Editorial Confluência, 4.^a Edição.

Silva, António de Moraes. (1992). *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, Volume III (F a Monacanto),* Editorial Confluência, 7.^o Edição.

Soares, José. (1996). *O canto de um lavrador,* BLU Edições, Angra do Heroísmo, 1^a Edição.

Taylor, James L. (1989). *A Portuguese-English Dictionary Revised,* Stanford University Press, Stanford California.

Topônimos diamantinos: motivação, estrutura morfológica e etimologia Souza, Elias de Santos; Silva, Edgar Souza. (2019). da RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade. V. 05, n° 01, jan-abr., artigo n° 1423. Disponível em: <https://periodicos.claec.org/index.php/relacult>, última consulta em 27-06-2021.

Torrinha, Francisco. Barreira, Domingos (1945). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa,* Editor Livraria Simões Lopes, Porto.

Vocabulário ortografico resumido da língua portuguesa, academia das ciencias de lisboa, imprensa nacional de lisboa. 1947.

Vocabulário Popular Madeirense. Silva, P.^o Fernando Augusto da. (1950). Junta Geral do Funchal.

Referências Web-gráficas

- <http://aprenderamadeira.net/article/guanches> , última consulta em 21-06-2021.
- <http://arrozcatum.blogspot.com/2016/10/9858-carta-de-santo-antao.html>, última consulta em 03-06-2021.
- <http://santamariaazores.net/web/percurso-pedestre-pedra-rija-santa-barbara-fajazinha-sao-lourenco/notas-soltas/> , última consulta em 28-02-2021.
- http://servicossraa.azores.gov.pt/grastore/dra/dot/candidaturasjgbiosfera/FAJAS%20DE%20SAO%20JORGE_PT.pdf , última consulta em 14-11-2020.
- http://servicossraa.azores.gov.pt/grastore/DSCN/BIOSFERA/SJO_BIOSFERA_PT.pdf , última consulta em 15-11-2020.
- http://servicossraa.azores.gov.pt/grastore/DSCN/BIOSFERA/SJO_BIOSFERA_PT.pdf , última consulta em 15-11-2020.
- <http://www.concelhodecamaradelobos.com/dicionario/faja.html> , última consulta em 20-11-2020.
- http://www.stichtingaja.nl/en_us/vallei.html , última consulta em 03-06-2021.
- <https://areaprotegidadocabogirao.pt/> , última consulta em 20-05-2021.
- <https://dicionario.priberam.org/faj%C3%A3> , última consulta em 19-02-2021.
- <https://dicionario.priberam.org/falca> , última consulta em 24-05-2021.
- <https://dle.rae.es/fajana?m=form> , última consulta em 27-11-2020.
- <https://document.onl/documents/dicionario-de-regionalismos-e-arcaismosleite-de-vasconcellos.html> , última consulta em 13-03-2021.
- <https://dre.pt/application/file/a/531481> , última consulta em 15-11-2020.
- <https://elevationmap.net/> , última consulta em 19-11-2020.
- <https://ifcn.madeira.gov.pt/> , última consulta em 02-07-2020.
- <https://ifcn.madeira.gov.pt/77-biodiversidade/fauna-e-flora/flora.html> , última consulta em 02-07-2020.
- <https://ifcn.madeira.gov.pt/areas-protegidas/ilhas-desertas/77-biodiversidade/fauna-e-flora/flora.html> , última consulta em 14-11-2020.
- <https://igme.maps.arcgis.com/home/index.html> , última consulta em 14-11-2020.
- <https://mapcarta.com/pt/> , última consulta em 14-11-2020.
- <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fajã> , última consulta em 30-11-2020.

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_faj%C3%A3s_dos_A%C3%A7ores, última consulta em 13-11-2020.

<https://dicionario.priberam.org/betesga> , última consulta em 24-05-2021.

<https://dicionario.priberam.org/pelada> , última consulta em 24-05-2021.

https://ifcn.madeira.gov.pt/images/Doc_Artigos/CaboGirao/GestaoProt/DLR-82017MCriaAreaProtegidaCaboGirao.pdf , última consulta em 15-11-2020

https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:Projetos/Pa%C3%ADses/Cabo_Verde/Geografia/Lugares/Santo_Ant%C3%A3o , última consulta em 03-06-2021.

<https://toponimiacanarias.ulpgc.es/glosario?letra=F>, última consulta em 29-11-2020.

<https://toponimiacanarias.ulpgc.es/items/show/261164> , última consulta em 29-11-2020.

https://www.azoresgeopark.com/geoparque_acores/geossitios.php?id_geositio=65, última consulta em 20-07-2021.

https://www.azoresgeopark.com/geoparque_acores/geossitios.php?id_geositio=2, última consulta em 20-07-2021.

<https://www.cantarmais.pt/pt/cancoes/tradicionais/cancao/coculi/outros-saberes> , última consulta em 01-05-2021.

https://www.coordenadas.de/ilha_da_madeira, última consulta em 20-11-2020.

<https://www.google.com/>, última consulta em 19-11-2020.

<https://www.google.com/maps>, última consulta em 19-11-2020.

<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/FAJ%C3%83>, última consulta em 19-02-2021.

<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/fragueira>, última consulta em 24-05-2021

<https://www.openstreetmap.org/> , última consulta em 18-11-2020.

Anexos

Anexo I: Tipologias das fajãs

“**Fajãs de delta lávico** – fajãs criadas quando as escoadas de lava avançam sobre o mar, provocando o recuo da linha de costa. Estas fajãs, em geral muito resistentes à erosão do mar por serem constituídas por grandes massas rochosas compactas e sem fissuração apreciável, são em geral delimitadas por costas abruptas, angulosas, fortemente recortadas, com grandes calhaus no seu sopé. Os solos, quando não tenha havido recobrimento por materiais de projecção ou derrocadas posteriores, são em geral esqueléticos. À superfície destes deltas podem ocorrer pseudo-crateras ou cones litorais e a erosão da frente da escoada ou uma drenagem posterior conferem-lhe frequentemente um aspecto digitado. São frequentes os arcos rochosos costeiros e as grutas marinhas resultantes da infra-escavação pela erosão por acção do mar.

Fajãs de talude (ou fajãs detríticas) – são fajãs criadas pela acumulação de materiais resultantes do desmoronamento das encostas sobranceiras. Estas fajãs tendem a ser mais aplanadas e, por serem constituídas por materiais soltos, facilmente sujeitos ao transporte pelas ondas, têm em geral costas de formas suaves e quase rectilíneas, com praias de calhau rolado de dimensão variável. (...) Os solos destas fajãs são em geral muito férteis, embora as mais perigosas para habitação humana, dada a recorrência dos desmoronamentos.

Fajãs de altitude e pequenas achadas – fajãs encaixadas em encostas longe do mar, em geral pequenos planaltos ou vales aplainados no sopé de montanhas ou de cones vulcânicos.

Fajãs de encosta – plataformas formadas em consequência de quebradas que deixam plataformas de ablação nas encostas. Em geral de pequena extensão, apresentam pouco interesse para uso humano, mas são importantes como biótopos para espécies que exigem boa exposição solar e boa drenagem.

Fajãs de sopé ou pequenas achadas – são plataformas aplanadas existentes no sopé de encostas ou entre cones vulcânicos. O termo achada resulta do seu interesse como locais privilegiados de cultivo, preferidos para fixação pelos colonizadores quando os achavam no desbravar das ilhas.”⁶⁰

⁶⁰ Vide <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fajã>, última consulta em 15-11-2020.

Anexo II: Decreto Legislativo Regional n.º 32/2000/A

“Estabelece medidas cautelares para a preservação e salvaguarda do património natural e cultural das fajãs da ilha de São Jorge.

TEXTO

Decreto Legislativo Regional n.º 32/2000/A Medidas cautelares de preservação e salvaguarda do património natural e cultural das fajãs da ilha de São Jorge

As fajãs da ilha de São Jorge constituem um modelo único de ocupação do espaço, do qual resulta uma paisagem de grande especificidade e beleza.

A geomorfologia das fajãs condiciona os locais disponíveis para construção e dificulta em extremo o transporte de materiais, pelo que as edificações tiveram, em geral, de se conformar à estrutura do terreno e aos materiais disponíveis localmente. Daí resultou uma forma típica de povoamento, associando socalcos ao aproveitamento de todas as superfícies planas disponíveis, e um tipo de arquitectura de grande sobriedade e funcionalidade, que contribuem de forma decisiva para o tipicismo das fajãs.

A sismicidade da ilha, associada à instabilidade das falésias ao longo das quais as fajãs se anicham, e ainda à configuração dessa zona costeira, torna o seu povoamento particularmente vulnerável às derrocadas. Daí que o povoamento das fajãs esteja sujeito a marcados ciclos desencadeados pelos fenómenos sísmicos, dos quais a própria existência das fajãs em boa parte depende. Na realidade, a configuração actual das fajãs de São Jorge deve-se em grande parte ao «mandado de Deus», nome pelo qual ficou conhecido o grande terramoto de 9 de Julho de 1757, que alterou toda a topografia da costa sul de São Jorge, provocando mais de um milhar de mortos e soterrando praticamente todas as povoações então aí existentes. Novamente em 1 de Janeiro de 1980, um sismo de grande intensidade levou ao abandono de boa parte das fajãs, destruindo a maioria das construções e provocando o abandono de grande parte dos terrenos de cultura então existentes.

Por outro lado, a costa de São Jorge, onde se inserem as fajãs, apesar de ser um território profundamente humanizado, pouco restando do seu coberto vegetal natural, mantém algumas áreas de especial interesse ambiental, nomeadamente os sítios de interesse comunitário para a conservação da natureza designados por PTJOR0013 e PTJOR0014, constantes da Resolução n.º 30/98, de 5 de Fevereiro. Na área agora objecto de medidas cautelares situa-se também a zona de protecção especial à avifauna

ZPE28, criada ao abrigo do Decreto-Lei n.º 75/91, de 14 de Fevereiro. Acresce que nas fajãs dos Cubres e da Caldeira de Santo Cristo existem ecossistemas lagunares de particular interesse para a conservação da avifauna e de algumas espécies vegetais. Na laguna desta última fajã existe a única população de amêijoas comercialmente explorável nos Açores, tendo a mesma sido já objecto de medidas de protecção, instituídas através do Decreto Legislativo Regional n.º 14/84/A, de 21 de Fevereiro, que criou a Reserva Natural Parcial da Caldeira de Santo Cristo, e do Decreto Legislativo Regional n.º 6/89/A, de 18 de Julho, que criou a Área Ecológica Especial da Lagoa da Caldeira de Santo Cristo e lançou as bases da regulamentação da apanha e comercialização da amêijoas.

Após quase duas décadas de relativo abandono, resultado do sismo de 1 de Janeiro de 1980, há uma crescente tendência para a revitalização do povoamento das fajãs, resultado da melhoria generalizada da acessibilidade entretanto verificada, sendo cada vez mais comum a construção de segundas habitações e de outras estruturas, o que torna urgente a tomada de medidas de protecção daquela paisagem cultural.

Assim, considerando a necessidade da adopção de providências tendentes a salvaguardar a harmonia entre o património cultural no contexto de uma paisagem cultural de grande especificidade;

Considerando o inestimável valor e potencial turístico da paisagem das fajãs da ilha de São Jorge e fragilidade do seu equilíbrio paisagístico;

Considerando que, pela sua localização, as fajãs constituem, no seu conjunto, uma marca importante na paisagem global da ilha de São Jorge e dos Açores;

Considerando as alterações prejudiciais à paisagem que se têm vindo a verificar-se nos últimos anos, por via de novas construções completamente desenquadradas da arquitectura tradicional;

Considerando a necessidade de na revitalização das fajãs de São Jorge serem tidos em conta, para além dos aspectos arquitectónicos e de equilíbrio paisagístico, aspectos de protecção civil, que apenas podem ser salvaguardados mediante um correcto plano de ordenamento da orla costeira:

Assim, a Assembleia Legislativa Regional dos Açores, nos termos da alínea a) do n.º 1 do artigo 227.º da Constituição e da alínea c) do n.º 1 do artigo 31.º da Lei n.º 61/98, de 27 de Agosto (Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores, decreta o seguinte:

CAPÍTULO I

Artigo 1.º

Objecto

Pelo presente diploma, são estabelecidas medidas cautelares para a preservação e salvaguarda do património natural e cultural das fajãs da ilha de São Jorge.

Artigo 2.º

Âmbito

1 - Para os fins do presente diploma, entende-se por fajã toda a área de terreno relativamente plana, susceptível de albergar construções ou culturas, anichada na falésia costeira entre a linha da preia-mar e a cota dos 250 m de altitude.

2 - As medidas cautelares estabelecidas pelo presente diploma aplicam-se às fajãs situadas na costa norte da ilha de São Jorge entre a Ponta dos Rosais e a Ponta do Topo e às fajãs situadas na costa sul daquela ilha entre a Ponta do Topo e a Ponta da Forcada, na freguesia da Ribeira Seca, e da fajã da Penedia, na freguesia da Calheta, até ao extremo poente da fajã das Almas, na freguesia das Manadas.

Artigo 3.º

Zona de protecção

Considera-se como zona de protecção às fajãs as falésias costeiras circundantes, desde o limite interior da zona interdita até ao rebordo superior da falésia.

CAPÍTULO II

Medidas de protecção, planeamento e ordenamento do território

Artigo 4.º

Medidas de salvaguarda

1 - Nas fajãs abrangidas pelo presente diploma não é permitida:

- a) A construção, reconstrução ou ampliação de quaisquer edificações ou outras infra-estruturas;
- b) A exploração de inertes e a realização de quaisquer acções que alterem a topografia das fajãs e suas zonas de protecção;
- c) Alterações por meio de aterros ou escavações à configuração geral do terreno;
- d) A destruição do solo vivo e do coberto vegetal, com excepção dos amanhos e granjeios tradicionais;
- e) A abertura de novas vias de comunicação ou alteração das existentes, nomeadamente por correcção ou pavimentação;
- f) A passagem de linhas eléctricas ou telefónicas;
- g) A abertura de fossas;

h) Quaisquer outras actividades ou trabalhos que afectem a integridade e ou características da área delimitada.

2 - As acções descritas nas alíneas a), e), f) e g) podem ser licenciadas mediante parecer favorável da Secretaria Regional do Ambiente.

3 - O parecer referido no numero anterior é vinculativo para a entidade licenciadora.

4 - A título excepcional, devidamente fundamentado, nomeadamente quando esteja em causa a necessidade de implementar medidas de gestão ambiental, pode o Secretário Regional do Ambiente autorizar a pratica das actividades ou dos actos referidos nas alíneas b), c), d) e h) do n.º 1, ouvida a câmara municipal respectiva.

5 - As autorizações a que se referem os números anteriores deverão considerar aspectos de ambiência e integração paisagística, a qualidade ambiental e a valorização dos recursos naturais do meio.

Artigo 5.º

Planos de ordenamento

As fajãs abrangidas pelo presente diploma deverão ser dotadas de instrumentos de gestão territorial, designadamente de plano de ordenamento da orla costeira da ilha de São Jorge e planos de pormenor definidos na respectiva legislação.

CAPÍTULO III

Planos de grande vulnerabilidade ambiental

Artigo 6.º

Áreas sensíveis

Para efeitos do presente diploma, são consideradas áreas de particular vulnerabilidade e sensibilidade ambiental as seguintes:

- a) A lagoa da fajã da Caldeira de Santo Cristo e uma faixa circundante de 30 m de largura, medidos desde a linha de preia-mar ao longo das margens da referida lagoa;
- b) A lagoa da fajã dos Cubres e uma faixa circundante de 30 m de largura, medidos desde a linha de preia-mar ao longo das margens da referida lagoa.

Artigo 7.º

Medidas específicas de protecção

No interior das zonas definidas no artigo anterior é proibido:

- a) O abandono ou depósito de quaisquer resíduos;
- b) A realização de quaisquer trabalhos de construção civil, incluindo a edificação de muros ou tapumes;

- c) As movimentações de solo, a extracção de inertes, as dragagens ou quaisquer outras operações que alterem a topografia dos terrenos ou dos fundos, excepto quando as mesmas se integrem em medidas de gestão ambiental autorizadas pelo Secretário Regional do Ambiente;
- d) A introdução de quaisquer espécies animais ou vegetais, excepto em operações de repovoamento autorizadas pelo Secretário Regional do Ambiente;
- e) A apanha ou remoção de qualquer espécie vegetal, excepto quando a mesma seja parte de medidas de gestão ambiental autorizadas pelo Secretário Regional do Ambiente;
- f) A pesca, a caça, a apanha ou a remoção de quaisquer animais, excepto quando seja parte de medidas de gestão ambiental autorizadas pelo Secretário Regional do Ambiente, ou a apanha de amêijoas e esta apenas quando se faça no respeito pelos normativos em vigor;
- g) O campismo e a realização de quaisquer actividades que possam perturbar a avifauna ou danificar a vegetação.

CAPÍTULO IV

Fiscalização e coimas

Artigo 8.º

Fiscalização

Sem prejuízo da competência legalmente atribuída a outras entidades, nomeadamente à câmara municipal respectiva, compete aos serviços da Secretaria Regional do Ambiente fiscalizar o cumprimento do estabelecido no presente diploma e elaborar os autos que se mostrem necessários.

Artigo 9.º

Coima

- 1 - A violação do disposto nos artigos 4.º e 7.º constitui contra-ordenação punível por coima de 500000\$00 a 5000000\$00.
- 2 - A negligência e a tentativa são puníveis.
- 3 - A competência para aplicação das coimas é do Secretário Regional do Ambiente.
- 4 - O Secretário Regional do Ambiente poderá proceder ao embargo administrativo de qualquer intervenção que não respeite o disposto no presente diploma, notificando de tal decisão o autor e a câmara municipal respectiva.
- 5 - Quando exista grave prejuízo para o património construído ou para o ambiente, poderá a administração regional, quando o proprietário, depois de notificado, o não

faça, no prazo máximo de 30 dias, substituir-se a este na correcção de quaisquer intervenções ou na sua conclusão, exigindo-lhe o ressarcimento pelas despesas efectuadas.

6 - A cobrança das coimas e das quantias previstas no número anterior, quando não voluntariamente satisfeita no prazo de 30 dias após a notificação, é feita por execução fiscal, nos termos da lei.

7 - As quantias cobradas são receita da Região Autónoma dos Açores.

CAPÍTULO V

Disposições transitórias e finais

Artigo 10.º

Prazo de validade

As medidas constantes do presente diploma vigorarão pelo prazo de dois anos, prorrogável por mais um ano, durante o qual o Governo Regional aprovará o plano de ordenamento da orla costeira da ilha de São Jorge.

Artigo 11.º

Entrada em vigor

O presente diploma entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

Aprovado pela Assembleia Legislativa Regional dos Açores, na Horta, em 12 de Setembro de 2000.

O Presidente da Assembleia Legislativa Regional, Humberto Trindade Borges de Melo.

Assinado em Angra do Heroísmo em 3 de Outubro de 2000.

Publique-se.

O Ministro da República para a Região Autónoma dos Açores, Alberto Manuel de Sequeira Leal Sampaio da Nóvoa.”⁶¹

⁶¹ Vide <https://dre.pt/application/file/a/531481>, última consulta em 15-11-2020.

Anexo III: Decreto Legislativo Regional n.º 8/2017/M

“REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA Assembleia Legislativa Decreto Legislativo Regional n.º 8/2017/M Cria a Área Protegida do Cabo Girão O Cabo Girão constitui uma das mais altas arribas do mundo, devendo o seu nome ao facto de ter sido o ponto onde terminou o giro da primeira viagem de reconhecimento da ilha, aquando da sua descoberta. A área marinha, costeira e arribas do Cabo Girão têm um valor natural e cénico extremamente elevado. Estas características únicas têm suscitado uma procura cada vez maior para o desenvolvimento de múltiplas atividades humanas com grande relevância socioeconómica. Importa, assim, numa ótica de interesse público, fomentar este usufruto, compatibilizando -o com os interesses ambientais prevalentes nestes espaços naturais. Esta área tem um elevado potencial para diversas atividades como o mergulho, o surf, a observação de vida selvagem, assim como para passeios marítimos de contemplação e bem-estar. Esta área caracteriza -se pela existência de um relevante património natural, onde se destaca o geossítio do Miradouro do Cabo Girão (CL02) que evidencia particularidades naturais de elevado interesse científico, didático e turístico. A estas, associam -se formações vegetais naturais, zonas de nidificação e repouso da avifauna marinha e ainda o património cultural presente nas várias fajãs, testemunho da presença humana numa tentativa de conquistar terreno agrícola, os poios com muros de pedra aparelhada. Em termos geológicos, a paisagem costeira do Cabo Girão caracteriza -se por uma arriba vertical, com 580 m de altura, apresentando na base depósitos de vertente de declive suave, resultantes do desmantelamento da arriba, que dão origem a fajãs. A arriba, talhada em formações do Complexo Vulcânico Intermédio, cujos materiais eruptivos — piroclastos de queda e escoadas basálticas — foram empilhados ao longo do tempo, tendo sido posteriormente atravessados por uma densa rede filoniana. É de realçar a observação de alguns paleovales preenchidos por escoadas provenientes de derrames lávicos do Complexo Vulcânico Superior, a fase vulcânica mais recente na ilha. Estas estruturas geológicas são consideradas de grande valor vulcanológico, estratigráfico, científico e cultural. Através da Resolução n.º 1225/2015, do Conselho do Governo Regional, de 23 de dezembro de 2015, publicada no JORAM, 1.ª série, de 29 de dezembro, foi aprovada, entre outros, a criação de um Sítio de Importância Comunitária (SIC) da Rede Natura 2000 no Cabo Girão devido à existência de espécies de flora e comunidades vegetais de elevada importância para a conservação. Caracteriza -se assim pela presença de vários habitats

naturais do anexo B -I da Diretiva Habitats, nomeadamente: Falésias com flora endémica das costas macaronésias; Matos termomediterrânicos pré -desérticos e Florestas de Olea e Ceratonia. Ocorrem também diversas espécies da flora constantes do anexo B -II da Diretiva Habitats designadamente, *Maytenus umbellata*, *Monizia edulis*, *Musschia aurea*, *Andryala crithmifolia*, *Cheirolophus massonianus* e *Phagnalon bennettii* (P. lowei). 1306 Diário da República, 1.ª série — N.º 49 — 9 de março de 2017 As escarpas da zona do Cabo Girão constituem um local privilegiado para a nidificação de algumas espécies de aves marinhas pelágicas, tais como a Cagarra (*Calonectris borealis*), o Roque -de -castro (*Oceanodroma castro*) e o Garajau -comum (*Sterna hirundo*), espécies constantes do anexo I da Diretiva Aves. Estão ainda presentes outras espécies de aves, inseridas no Anexo II da Convenção de Berna, o Patagarro (*Puffinus puffinus*), o Andorinhão -do- -mar (*Apus pallidus brehmorum*), a Toutinegra (*Sylvia atricapilla heineken*), o Pintassilgo (*Carduelis carduelis parva*), o Melro -preto (*Turdus merula cabreræ*) e no Anexo III da Convenção de Berna, o Canário -da -terra (*Serinus canaria canaria*). A singularidade, qualidade e diversidade dos valores presentes conferem ao local um elevado valor turístico e cultural sendo um dos espaços naturais privilegiados da Região, com forte potencial de atração de visitantes. É neste enquadramento e por forma a fomentar o desenvolvimento de atividades humanas compatíveis com a salvaguarda dos interesses ambientais existentes neste espaço natural que é criada a Área Protegida do Cabo Girão, composta na sua parte marinha pelo Parque Natural Marinho do Cabo Girão, criado nos termos do Decreto Legislativo Regional n.º 4/2017/M, de 30 de janeiro, e na sua parte terrestre pelo Monumento Natural do Cabo Girão e pela Paisagem Protegida do Cabo Girão, de acordo com as categorias e tipologias de áreas protegidas definidas no Decreto -Lei n.º 242/2015, de 15 de outubro. O sistema de classificação de áreas protegidas definido pela International Union for Conservation of Nature (IUCN) atribui diferentes categorias de acordo com as suas características e com os objetivos de gestão. Assim, o Parque Natural Marinho do Cabo Girão, categoria VI da IUCN, conforme definido no decreto legislativo regional que procedeu à sua criação, tem como objetivo essencial a adoção de medidas que visem a proteção, valorização e uso sustentado do mar, através da integração harmoniosa das atividades humanas, naquela zona, contribuindo para garantir o bom estado ambiental do espaço marítimo da Região Autónoma da Madeira, dando cumprimento ao estabelecido na Estratégia Nacional para o Mar e ao estabelecido pela Diretiva -Quadro Estratégia Marinha. O Monumento Natural do Cabo Girão, categoria III da IUCN, caracteriza -se por ser uma área que contém zonas de elevado valor e importância natural e cultural e que devido à sua raridade, qualidades

estéticas inerentes e significado cultural importa preservar e salvaguardar. A Paisagem Protegida do Cabo Girão, categoria V da IUCN, define -se como uma paisagem onde a interação das pessoas com a natureza através do tempo tem produzido uma área de carácter distinto com grande valor estético e cultural, e que tem por principal objetivo a preservação da integridade desta interação tradicional, vital para a proteção, manutenção e evolução daquela área. Assim: A Assembleia Legislativa da Região Autónoma da Madeira decreta, ao abrigo da alínea a) do n.º 1 do artigo 227.º da Constituição da República Portuguesa, da alínea c) do n.º 1 do artigo 37.º e das alíneas jj), mm), oo) e pp) do artigo 40.º, ambos do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma da Madeira, aprovado pela Lei n.º 13/91, de 5 de junho, e revisto e alterado pelas Leis n.os 130/99, de 21 de agosto, e 12/2000, de 21 de junho, o seguinte: CAPÍTULO I Disposições Gerais Artigo 1.º Objeto O presente diploma cria a Área Protegida do Cabo Girão que engloba na sua parte marinha o Parque Natural Marinho do Cabo Girão, criado nos termos do Decreto Legislativo Regional n.º 4/2017/M, de 30 de janeiro, e na sua parte terrestre o Monumento Natural e a Paisagem Protegida do Cabo Girão, consagrando o respetivo regime jurídico. Artigo 2.º Limites territoriais 1 — Os limites territoriais da Área Protegida do Cabo Girão constam da cartografia e respetivas listas de coordenadas constantes do anexo ao presente Decreto Legislativo Regional, do qual fazem parte integrante, onde também se podem consultar as respetivas memórias descritivas. 2 — O original da cartografia mencionada no número anterior encontra -se arquivado na Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais, com identificação de cada uma das áreas que compõem a Área Protegida do Cabo Girão. Artigo 3.º Fundamentos para a classificação 1 — Constituem fundamentos gerais para a classificação do Parque Natural Marinho do Cabo Girão, aqueles que surgem da implementação na RAM da Estratégia Nacional para o Mar e que constam do Decreto Legislativo Regional n.º 4/2017/M, de 30 de janeiro: a) O reconhecimento da importância do meio marinho para o desenvolvimento sustentável e inclusivo das populações, em particular aquelas geograficamente próximas das áreas em questão; b) O reconhecimento da importância da área para a manutenção dos serviços do ecossistema, assim como também para as diferentes fases dos ciclos biológicos e/ou ecológicos de espécies e habitats marinhos ou costeiros; c) A importância para a preservação do património geológico submerso e costeiro; d) O interesse para a investigação científica e para a regulação do acesso aos recursos genéticos e à bioprospeção; e) O elevado interesse paisagístico, ou outro, que confira à área potencial para o desenvolvimento de atividades no meio marinho e/ou costeiro com relevância para o bem-estar das populações e da atividade económica,

designadamente aquelas ligadas ao turismo e/ou às atividades na natureza. 2 — Constituem fundamentos gerais para a classificação do Monumento Natural do Cabo Girão: a) A necessidade de proteção de ocorrências notáveis do património geológico e da integridade das suas características; Diário da República, 1.^a série — N.º 49 — 9 de março de 2017 1307 b) A necessidade de adoção de medidas compatíveis com os objetivos da sua classificação tais como a limitação ou impedimento das formas de exploração ou ocupação suscetíveis de alterar as suas características; c) A importância que a preservação da singularidade do património geológico da arriba do Cabo Girão assume em termos regionais e nacionais; d) O interesse para a investigação científica e a sua divulgação numa perspetiva de educação ambiental. 3 — Constituem fundamentos gerais para a classificação da Paisagem Protegida do Cabo Girão: a) A existência de poios/socalcos tradicionais e respetivos muros de pedra aparelhada, construídos para segurar os solos e conquistar terrenos para agricultura; b) O elevado interesse cultural, histórico, educativo e natural resultante da interação harmoniosa do ser humano e da natureza, representativo de uma herança e identidade; c) A importância da sua singularidade e qualidade, parte da paisagem cultural madeirense e recurso de grande importância para a Região; d) A necessidade de adoção de medidas de gestão e conservação que promovam a transmissão do património cultural e natural às gerações futuras. Artigo 4.º Gestão da Área Protegida do Cabo Girão A gestão da Área Protegida do Cabo Girão compete ao departamento da administração regional autónoma com competência em matéria de assuntos de conservação da natureza, da biodiversidade e da geodiversidade, sem prejuízo das competências da autoridade marítima na área da sua jurisdição. Artigo 5.º Objetivos da classificação da Área Protegida do Cabo Girão 1 — Constituem objetivos fundamentais da classificação do Parque Natural Marinho do Cabo Girão, conforme o disposto no Decreto Legislativo Regional n.º 4/2017/M, de 30 de janeiro: a) Compatibilizar usos e atividades, potenciando os benefícios socioeconómicos que resultem da prática de atividades no âmbito da área marinha protegida contribuindo para o desenvolvimento socioeconómico sustentável; b) Garantir o bom estado de conservação e qualidade ambiental da área marinha, das suas espécies e habitats, assim como a manutenção de processos biológicos e/ou ecológicos; c) Criar condições para que se dê a recuperação de ecossistemas marinhos relevantes e/ou representativos, que se encontrem em estado de conservação menos favorável por via da intervenção humana ou outra; d) Garantir a proteção das características estruturais da paisagem marinha e costeira e dos seus elementos geológicos e/ou socioculturais; e) Potenciar e promover a realização de estudos científicos, monitorização e educação

ambiental, assim como conservação das condições naturais de referência para trabalhos científicos e projetos em curso; f) Criar condições e infraestruturas, designadamente recifes artificiais, que permitam às espécies e habitats atingirem o bom estado ambiental, fomentando o desenvolvimento do setor económico -turístico, nomeadamente do segmento do mergulho; g) Garantir a qualidade dos spots de mergulho e de surf existentes, fomentando a criação de outros spots, bem como salvaguardar as atividades náuticas já existentes.

2 — Constituem objetivos fundamentais da classificação do Monumento Natural do Cabo Girão os que surgem da implementação da Resolução n.º 883/2015, do Conselho do Governo Regional, de 1 de outubro, publicada no JORAM, 1.ª série, de 7 de outubro, que aprova a Estratégia de Conservação do Património Geológico da Região Autónoma da Madeira e do Decreto Legislativo Regional n.º 24/2004/M, de 20 de agosto, que define os objetivos para a conservação do Património Geológico da Região Autónoma da Madeira e cria, dessa forma, o primeiro documento legal dedicado à geoconservação ou à conservação desta vertente do património natural: a) Promover uma política de conservação e preservação do património geológico; b) Promover o conhecimento do património geológico, através da investigação, do estudo e da formação e informação dos recursos existentes; c) Promover a sensibilização da comunidade para a importância e relevância do património geológico; d) Promover a defesa dos recursos naturais em articulação com o desenvolvimento de atividades económicas, tais como o ecoturismo e o turismo de natureza.

3 — Constituem objetivos fundamentais da classificação da Paisagem Protegida do Cabo Girão os que contribuam para a proteção dos valores naturais e culturais existentes, realçando a identidade local da área: a) Promover uma correta estratégia de conservação e gestão compatível com a proteção e a valorização dos recursos naturais e o desenvolvimento das atividades humanas; b) Salvaguardar e valorizar os elementos culturais da paisagem; c) Fomentar iniciativas que beneficiem as comunidades locais, a partir de produtos ou prestação de serviços; d) Apoiar atividades humanas tradicionais, potenciando o seu desenvolvimento económico e o bem -estar das populações residentes, em harmonia com a conservação dos valores naturais e paisagísticos existentes.

CAPÍTULO II Atos e atividades interditos ou condicionados

Artigo 6.º Atividades condicionadas

1 — Dentro dos limites do Parque Natural Marinho do Cabo Girão são considerados atos ou atividades condicionados, carecendo de autorização prévia dos departamentos com competência em matéria de ambiente e conservação da natureza, os previstos como tal no artigo 6.º do Decreto Legislativo Regional n.º 4/2017/M, de 30 de janeiro.

2 — Dentro dos limites do Monumento Natural do Cabo Girão são considerados

atos ou atividades condicionados, carecendo de autorização prévia dos departamentos com competência em matéria de ambiente e conservação da natureza: a) Extração pontual de recursos geológicos de reduzida expressão, desagregados naturalmente da estrutura 1308 Diário da República, 1.ª série — N.º 49 — 9 de março de 2017 do monumento classificado, sem fins comerciais e que se destinem exclusivamente a ser utilizados dentro dos limites da área protegida ou em monumentos edificados de interesse regional; b) Extração de materiais e colheita de quaisquer espécies vegetais e micológicas, no elemento geológico classificado e na área envolvente; c) Aterros e depósito de resíduos de qualquer tipo nas áreas envolventes aos elementos geológicos classificados; d) Prática de atividades lúdicas e desportivas que alterem a forma e substância dos elementos geológicos classificados. 3 — Dentro dos limites da Paisagem Protegida do Cabo Girão são considerados atos ou atividades condicionados, carecendo de autorização prévia dos departamentos com competência em matéria de ambiente e conservação da natureza: a) Execução de aterros, escavações ou outras alterações da configuração natural do terreno; b) Construção, reconstrução, ampliação ou demolição de qualquer edificação que altere o valor estético da área, devendo ser utilizadas a madeira ou a pedra; c) Abertura de estradas ou caminhos, com exceção daqueles indispensáveis para o bom funcionamento das atividades humanas que têm lugar na área; d) Alteração das atividades predominantemente desenvolvidas na área — agricultura e pecuária. Artigo 7.º Atividades interditas 1 — Dentro dos limites do Parque Natural Marinho do Cabo Girão são interditos os atos e atividades previstos no artigo 7.º do Decreto Legislativo Regional n.º 4/2017/M, de 30 de janeiro. 2 — Dentro dos limites do Monumento Natural do Cabo Girão são interditos os seguintes atos e atividades: a) Alteração da morfologia do terreno nas áreas envolventes que afete de forma irreversível o elemento geológico classificado; b) Captura ou abate de animais que coexistam com o elemento geológico classificado; c) Construção de edificações que afetem de forma irreversível os elementos geológicos classificados; d) Realização de fogueiras e queimadas agrícolas, nas áreas envolventes, em prejuízo dos elementos geológicos classificados; e) Exploração de qualquer tipo de recursos geológicos classificados, com exceção das situações previstas na alínea a) do n.º 2 do artigo 6.º do presente diploma. 3 — Os atos e as atividades referidos na alínea c) do número anterior podem ser excecionalmente realizados desde que: a) Se destinem a investigação científica e a recuperação ambiental; b) Sejam efetuados pelo IFCN -I.P -RAM, ou por entidades por ele reconhecidas e autorizadas; c) Sejam objeto de parecer positivo da comissão consultiva a que se refere o artigo 14.º do presente diploma. 4 — Dentro dos limites da Paisagem Protegida do Cabo Girão são

interditos os seguintes atos e atividades: a) A instalação ou ampliação ilegais de depósitos de ferro -velho, de sucata, de veículos e de inertes; b) O vazamento de lixos, detritos, entulhos ou sucatas fora dos locais para tal destinados.

CAPÍTULO III Fiscalização e Sanções

Artigo 8.º Contraordenações 1 — A prática dos atos e atividades proibidos nos termos do artigo 7.º do presente diploma constitui contraordenação punível, em função do grau da culpa, com coimas no valor de: a) 200,00 euros a 3 740,00 euros, no caso de pessoas singulares; b) 2 000,00 euros a 36 000,00 euros, no caso de pessoas coletivas.

2 — A prática não autorizada dos atos e atividades previstos no artigo 6.º do presente diploma, quando sujeitos a autorização prévia das entidades competentes, constitui contraordenação punível com coimas no valor de: a) 100,00 euros a 1 000,00 euros, no caso de pessoas singulares; b) 250,00 euros a 5 000,00 euros, no caso de pessoas coletivas.

3 — A tentativa e a negligência são puníveis.

Artigo 9.º Sanções acessórias As contraordenações previstas no artigo anterior podem ainda determinar, quando a gravidade da infração o justifique, a aplicação das seguintes sanções acessórias: a) A perda dos objetos pertencentes ao agente que tenham sido utilizados como instrumento na prática da infração; b) A privação do direito a subsídios outorgados por entidades ou serviços públicos; c) A interdição do exercício de atividade por um período máximo de dois anos.

Artigo 10.º Processo de contraordenações e aplicação de coimas e sanções acessórias 1 — O processamento das contraordenações e a aplicação das coimas e sanções acessórias compete ao departamento da administração regional autónoma com competência em matéria de assuntos de conservação da natureza, da biodiversidade e da geodiversidade.

2 — O produto das coimas reverte para o departamento da administração regional autónoma com competência em matéria de assuntos de conservação da natureza, da biodiversidade e da geodiversidade.

Artigo 11.º Reposição da situação anterior à infração 1 — A entidade competente para aplicação das coimas e sanções acessórias pode ordenar que se proceda à reposição da situação anterior à infração, fixando concreta- Diário da República, 1.ª série — N.º 49 — 9 de março de 2017 1309 mente os trabalhos ou ações a realizar e o respetivo prazo para execução, nos termos do Código do Procedimento Administrativo.

2 — A ordem de reposição é antecedida de audição do infrator, que dispõe de 15 dias a contar da data da sua notificação para se pronunciar sobre o conteúdo da mesma.

3 — Decorrido o prazo referido no n.º 1 sem que a ordem de reposição se mostre cumprida, o departamento da administração regional autónoma com competência em matéria de assuntos de conservação da natureza, da biodiversidade e da geodiversidade manda proceder aos trabalhos e ações necessários à reposição da situação anterior, por conta do infrator.

4 — As despesas

realizadas por força do estabelecido no número anterior, quando não forem pagas voluntariamente pelo infrator no prazo de 20 dias a contar da sua notificação, são cobradas por via do processo de execução fiscal, servindo de título executivo a certidão comprovativa das quantias despendidas. Artigo 12.º Fiscalização 1 — Para efeitos do presente diploma e legislação complementar, as funções de fiscalização estão cometidas ao departamento da administração regional autónoma com competência em matéria de assuntos de conservação da natureza, da biodiversidade e da geodiversidade e às autoridades policiais. 2 — O disposto no presente artigo não prejudica o exercício dos poderes de fiscalização e de polícia que, em razão da matéria, competem às demais autoridades públicas, nomeadamente, marítimas e portuárias. CAPÍTULO IV Disposições finais Artigo 13.º Regulamentação A regulamentação da Área Protegida do Cabo Girão constará de plano especial de ordenamento do território, nos termos do sistema regional de gestão territorial em vigor na Região Autónoma da Madeira. Artigo 14.º Comissão consultiva Por despacho do membro do Governo Regional com competência em matéria de Ambiente, será criada uma comissão consultiva composta por pessoas e entidades que possam, de alguma forma, contribuir pela sua experiência, funções ou competências para a gestão da Área Protegida do Cabo Girão e acompanhar, quer a elaboração da regulamentação prevista no artigo anterior, quer a sua posterior implementação. Artigo 15.º Entrada em vigor O presente decreto legislativo regional entra em vigor 30 dias após a sua publicação. Aprovado em sessão plenária da Assembleia Legislativa da Região Autónoma da Madeira em 16 de dezembro de 2016. O Presidente da Assembleia Legislativa, José Lino Tranquada Gomes. Assinado em 14 de fevereiro de 2017. Publique -se. O Representante da República para a Região Autónoma da Madeira, Ireneu Cabral Barreto. ANEXO Memória Descritiva da Área Protegida do Cabo Girão A Área Protegida do Cabo Girão engloba na sua parte marinha o Parque Natural Marinho do Cabo Girão, nos termos definidos no seu diploma de criação e na sua parte terrestre o Monumento Natural do Cabo Girão e a Paisagem Protegida do Cabo Girão conforme descrito seguidamente. Memória Descritiva do Parque Natural Marinho do Cabo Girão (Constante em anexo ao Decreto Legislativo Regional n.º 4/2017/M, de 30 de janeiro, que cria o Parque Marinho do Cabo Girão.) Memória Descritiva do Monumento Natural do Cabo Girão Os limites territoriais do Monumento Natural do Cabo Girão englobam toda a área de encosta definida a este pelo Boqueirão e a oeste pela Ribeira da Quinta Grande, estando o limite a sul definido pela linha de base da arriba e o limite a norte definido pela linha de início do desnível orográfico (excluindo os terrenos agrícolas). 1310 Diário da República, 1.ª série — N.º 49

— 9 de março de 2017 Memória Descritiva da Paisagem Protegida do Cabo Girão Os limites territoriais da Paisagem Protegida do Cabo Girão englobam toda a área de terrenos agrícolas das Fajãs, delimitada a este pelo Boqueirão e a oeste pela Ribeira da Quinta Grande.”⁶²

⁶² Vide https://ifcn.madeira.gov.pt/images/Doc_Artigos/CaboGirao/GestaoProt/DLR-82017MCriaAreaProtegidaCaboGirao.pdf, última consulta em 15-11-2020